



*Igreja
Batista do Cambuí*



TEOLOGIA SISTEMÁTICA II
Pastor Isaltino Gomes Coelho Filho

Março/2001

IGREJA BATISTA DO CAMBUÍ
ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

TEOLOGIA SISTEMÁTICA II

Material preparado pelo

Pr. Isaltino Gomes Coelho Filho

Para uso exclusivo na Escola Bíblica Dominical da Igreja Batista do Cambuí,
Campinas, S. Paulo. É proibida a reprodução e utilização fora da Igreja, sem a
autorização por escrito do autor.

SUMÁRIO

UNIDADE I	
A DOCTRINA DO HOMEM	1
Matéria 1: A CRIAÇÃO DO HOMEM E SUA DIGNIDADE INTRÍNSECA	1
Matéria 2: A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM	12
UNIDADE II	
A DOCTRINA DO PECADO	19
Matéria 1: A ORIGEM DO PECADO	19
UNIDADE III	
A DOCTRINA DA SALVAÇÃO	43
Matéria 1: A DOCTRINA DA EXPIAÇÃO	43
INSERTO	52
Matéria 2: A APLICAÇÃO DA OBRA DE CRISTO – A CONVERSÃO	55
UNIDADE IV	
A DOCTRINA DAS ÚLTIMAS COISAS	62
Matéria 1: A MORTE	62
Matéria 2: OS SISTEMAS ESCATOLÓGICOS	74
BIBLIOGRAFIA BÁSICA PARA TEOLOGIA SISTEMÁTICA	83
BIBLIOGRAFIA BÁSICA PARA ESCATOLOGIA	84



Matéria 1: A CRIAÇÃO DO HOMEM E SUA DIGNIDADE INTRÍNSECA

1 - O começo da humanidade - A Bíblia começa narrando a criação do mundo e do homem. Isto nos é tão óbvio que não nos damos conta do que está sendo dito. Achamos tão normal que assim seja que deixamos de ver o que isto significa. A Bíblia reivindica um criador da matéria e da natureza, e também do homem. O mundo e o homem não são produto do acaso, mas de uma mente inteligente. Os primeiros pensadores hebreus, iluminados pelo Espírito Santo, não aceitaram a eternidade da matéria nem a acidentalidade da vida. Há uma Mente Inteligente, ordenadora da vida, por trás de tudo. Compreendemos mais isto se prestarmos atenção na estrutura de Gênesis, o primeiro livro da Bíblia, e que é também, o prólogo das Escrituras. Há nele três grandes divisões:

- 1 a 11 - a história da criação
- 12 a 36 - a história dos patriarcas
- 37 a 50 - a família eleita.

Podemos observar que o livro apresenta as origens remotas de Israel e termina com o povo no Egito, preparando assim o cenário para o êxodo, que marca a aliança entre Iahweh e Israel, evento que passa a ser o eixo ao redor do qual o Antigo Testamento gira. É assim que se abrirá a porta para a obra de Jesus, que veio estabelecer a "nova aliança". Mas antes de explicar o surgimento de Israel, o livro de Gênesis explica o surgimento do universo. O céu, a terra, o homem e tudo que há no mundo devem sua existência a Deus. Tudo remonta a ele. O mundo não é produto do acaso nem o homem um animal irracional que evoluiu, mesmo sem querer. Citando Van Den Born:

O AT lança mão de muitos termos que designam a atividade produtiva do homem: Deus funda (*yâsad*), consolida (*kônên*), constrói (*banah*), modela (*yasar*), gera (*hôlid*), produz (*asâh*) o mundo. A origem destes termos relaciona-se com a idéia que tinham os autores bíblicos da estrutura do cosmo (fundar, construir, consolidar, gerar, esticar o céu como uma tenda, etc.)¹.

Nesta citação de Van Den Born, se vê que os escritores bíblicos usaram verbos que mostram a obra de construção empregada pelo homem para os atos divinos. Isto significa no pensamento hebreu, Deus é o responsável pelo surgimento de tudo. Ele é o construtor, o fundador, o modelador, o produtor do mundo.

O termo mais comum que os escritores bíblicos usam para mostrar a criação como ato divino é o verbo hebraico *barah*, que não significa "criar do nada", como alguns dizem, mas só se usa para ação divina. Não faz sentido, também, a distinção que alguns queriam fazer entre "criação" e "creação", sendo a primeira para atos humanos e a segunda para atos divinos. Tal discussão chega a ser sem propósito, embora apareça em alguns escritos antigos. Mas voltemos ao verbo *barah*. No árabe antigo, ele significava "construir". Parece ser este o sentido no relato hebreu: Deus é o construtor. Eis uma boa citação de Cimosá: "Ainda uma observação sobre o verbo *bara'*, que significa criar. Na Bíblia ele se refere sempre a Deus, e não à matéria da qual

¹ VAN DEN BORN A . *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1971, p. 314



se cria². O verbo aparece sete vezes em Gênesis 1.1 a 2.4, três vezes em Gênesis 5.1-2, em outros livros, mas na maior parte das vezes na segunda parte de Isaías, que confronta Iahweh com os falsos deuses da Babilônia (vinte vezes, ao todo). Assim fazendo, o Antigo Testamento quer deixar bem claro a ação divina na criação. O mundo não é produto do acaso. Nem obra de outros deuses (até mesmo porque eles não existem), mas de Iahweh somente. A segunda parte do livro de Isaías retomará esta idéia com um vigor poético extraordinário. O autor desta parte de Isaías está na Babilônia, vê a grande legião de pseudas -divindades, conhece os relatos caldeus da criação, atribuindo às divindades babilônicas a origem de tudo, e quer afirmar Iahweh como o Criador. Alguns poemas desta parte, chamada de Dêutero-Isaías³ são o melhor comentário de Gênesis, no tocante à criação. Alguns intérpretes têm uma teoria chamada Hipótese Documentária, que vê o livro de Gênesis como produto de quatro documentos, J, E, D e P⁴. Eles entendem que a redação final de Gênesis foi concluída também na Babilônia. Por isso, o primeiro livro da Bíblia teria a preocupação em mostrar Deus à parte de sua criação. Assim se entende a citação seguinte em obra de Storniolo e Balancin:

A afirmação central de que Deus criou todos os seres tem grandes conseqüências. Em primeiro lugar, a concepção de Deus é ampliada e ele passa a ser visto como o Senhor supremo do universo, acima dos deuses das outras nações ou daquilo que elas consideram como deuses. Por outro lado, a declaração de Deus como criador universal *des-diviniza* a natureza com seus seres e forças, principalmente os astros, que para os babilônios, eram divindades. Dessa forma, toda a natureza é apresentada como criatura de Deus, libertando o homem de uma submissão religiosa diante das coisas⁵.

No entanto, a doutrina da criação, como foi exposta até aqui, não se esgota no ensino do Antigo Testamento. O Novo Testamento também a endossa. Vejamos o que nos declara Erickson, sobre esta doutrina no Novo Testamento:

No *Novo Testamento*, encontramos várias expressões mais explícitas da idéia da criação a partir do nada. Lemos que Deus traz as coisas à existência por meio da sua palavra. Paulo afirma que Deus "chama à existência as cousas que não existem" (Rm 4.17). Deus disse: "Das trevas resplandecerá a luz" (2Co 4.6). Isso com certeza dá a entender que o fato ocorreu sem o uso de nenhuma causa material precedente. Deus criou o mundo por meio de sua palavra "de maneira que o visível veio a existir das cousas que não aparecem" (Hb 11.3)⁶.

² CIMOSA, Mario. *Gênesis 1-11, a Humanidade na Sua Origem*. S. Paulo: Paulinas, 1987, p. 31. Ele translitera o verbo como *bara'*. Mas registre-se isto: *barah* só se usa para atos divinos.

³ Para esclarecimentos sobre esta expressão, veja *Isaías, o Evangelho no Antigo Testamento* (Rio de Janeiro: Juerp, 2000), do autor desta apostila.

⁴ Para esclarecimentos sobre esta teoria, veja *O Pentateuco e Sua Contemporaneidade* (Rio de Janeiro: Juerp, 1999), do autor desta apostila.

⁵ STORNILO, Ivo e BALANCIN, Euclides. *Como Ler o Livro de Gênesis*. 2ª edição. S. Paulo: Paulinas, 1997, p. 13. A citação de Storniolo e Balancin, neste contexto, não significa que na apostila esteja se endossando a Hipótese Documentária.

⁶ ERICKSON, Milard. *Introdução à Teologia Sistemática*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1997, p. 160. O trecho em itálico é dele.



A Septuaginta, que é como se chama o Antigo Testamento traduzido para a língua grega e conhecida pela sigla LXX, teve algumas dificuldades para lidar com o termo *barah*. Seus tradutores não conseguiram encontrar uma expressão adequada na língua grega e empregaram dois termos para "criar": *demiourgein*, "trabalhar com matéria", "manufaturar"; e *ktzein*, que expressa o ato decisivo e básico de trazer à existência, fundar ou instituir alguma coisa, conforme informa o *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*⁷. Por isso, Filo, um teólogo antigo, comentou que "Deus não apenas manuseou a matéria existente como artífice (*demiourgos*); pelo contrário, Ele mesmo foi Criador (*ktistês*) da matéria"⁸. Deus usou a matéria existente, mas ele foi, ao mesmo tempo, o criador da matéria.

2 - *A moralidade do mundo* – Estas considerações nos mostram que fica bem claro no pensamento dos hebreus a perecibilidade da matéria. Ou seja, ela é perecível, não é eterna. Houve um momento em que tudo foi chamado à luz, passando a existir. Não havia nada e passou a haver algo. A idéia é óbvia: a matéria não é eterna. Sem querer dar a impressão de estar rodando em círculos, é necessário reafirmarmos que fica bem clara, no relato bíblico, a ação ordenada de uma mente inteligente. O universo não é obra do acaso. Isto abre espaço para a base da teologia bíblica sobre o homem e a possibilidade de se relacionar ele com Deus: se o mundo tem uma Mente Inteligente como ordenadora da criação, deve haver um propósito moral na vida. Um ser inteligente é, presume-se, um ser moral. Poderia um mundo produto de uma mente inteligente e moral não ter sentido moral? Aliás, este é o grande problema do materialista: achar um sentido para a vida. Se tudo é matéria e tudo é acidental, se não uma há Mente Inteligente por trás de tudo, mas apenas o acaso, qual o sentido da vida? Para quem crê na criação por Deus, este é um problema resolvido. Esta é uma questão que merece mais reflexão, mas que cuja discussão não comporta aqui. Uma boa leitura sobre isto é o trabalho intitulado "Uma cosmologia trinitariana", de Scott Horrel, em *Vox Scripturae*, vol. IV, nº 1 (ele foi meu professor no mestrado em Teologia e é um dos homens mais espirituais e lúcidos que conheci)⁹. Mas a moralidade do mundo é um postulado centrado no fato de que há um Deus por trás de tudo. Por isto a criação desencadeia, faz surgir, a revelação. Um ser inteligente como Criador seria impessoal? Temos apenas uma força cósmica, como em "Guerras nas Estrelas" e He-Man, ou um Ser? O Criador pode ser conhecido ou não? Neste sentido, a obra de Francis Schaeffer, *El está presente y no está llamado*¹⁰, é muito esclarecedora. Schaeffer faz uma excelente pergunta: um ente que se comunica, no caso, o homem, terá sido criado por um Ser que não se comunica? Se assim fosse, teríamos um problema ontológico e metafísico: a criatura seria maior que o Criador por ter um atributo que este não tem. Ao mostrar um Criador pessoal, a Bíblia não somente mostra o mundo como obra de uma Vontade Superior como mostra, também, ao retratar o homem, a grandeza deste Criador. Ao mesmo tempo, o retrato do homem como apresentado na Bíblia é bastante elevado: ele vem das mãos de um Ser

⁷ BROWN, Collin (ed. geral). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1981, vol. I, p. 536.

⁸ Ib. ibidem, p. 544.

⁹ HORREL, Scott (coord.). *Vox Scripturae*, vol. IV, no. 1.

¹⁰ SCHAEFFER, Francis. *El está Presente y no está Llamado*. Barcelona: Jorge Casas, 1974.



Superior, tendo, portanto, uma dignidade intrínseca que ninguém ou nada mais da criação tem. O ser humano tem valor, segundo a Bíblia.

3 - *A palavra que cria* - Desde o início, a Bíblia mostra a palavra de Deus como sendo a fonte de vida. O texto de Gênesis 1.3 ("Disse Deus: haja luz. E houve luz") põe o desenrolar da criação numa palavra falada por Deus. Nada havia antes dele falar. Ele falou, passou a haver. É a palavra divina que cria. É verdade que o Espírito pairava sobre as águas (Gn 1.2) precedendo a criação. Alguns querem ver a existência da trindade neste versículo, com uma alusão ao Espírito Santo. É um perigo antecipar doutrinas e cristianizar o Antigo Testamento. Se a doutrina da trindade ainda hoje nos é um elemento difícil de compreender, imagine o "nó na cabeça" dos hebreus contemporâneos de Moisés. E devemos ter muito cuidado para não fazer a Bíblia falar o que queremos que ela fale. Ela não precisa ser ajudada e não deve ser torcida. A Bíblia de Jerusalém traduziu este texto como "um vento de Deus pairava sobre as águas", o que me parece mais correto. Cimosa diz sobre este texto: "Certamente não é o Espírito Santo. É o sopro de Deus, seu hálito portador de vida. Deus que vivifica, que cria com sua palavra. É interessante esta relação entre *ruah* e *dabar* que encontramos muitas vezes também nos Salmos¹¹. Esclarecendo este ponto: *ruah* é o termo hebraico para "vento, espírito e Espírito". Já *dabar* é a palavra hebraica para "palavra". Aos que desejarem mais material nesta área, recomendo a leitura do tópico "O sentido da designação de Jesus como Logos", no capítulo "O Verbo Revelador", no livro *A Mensagem Central do Novo Testamento*, do teólogo alemão Joachim Jeremias¹². Outra citação nos ajudará aqui, uma nota de rodapé de Chouraqui, em sua tradução de Gênesis, ao comentar o texto de 1.2:

O sopro de Elohim, *rouah*: designa ao mesmo tempo o sopro da respiração, do vento, da vida, do espírito, a potência de Iahweh/Adonai: é o *atman* do sânscrito, o *dem* dos persas, o *pneuma* dos gregos. O *sopro de Elohim* é, com sua palavra, a fonte de toda criação, de toda vida (...) Planando originalmente sobre as águas primordiais, o *sopro de Elohim* será, no fim dos tempos, o quinhão de todos os homens (Jl 3.1; Is 44.3)¹³.

É a palavra de Deus que cria, como se lê no Salmo 33:6: "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo sopro da sua boca". Desde o início vai ficar claro que é a palavra falada por Deus que comanda todo o processo, da criação, da revelação e da consumação. Neste sentido, devemos nos lembrar que Jesus é também a "Palavra" (Jo 1.3, 14 e 1Jo 1.1). É ele quem faz a segunda criação (2Co 5.17). A segunda criação é obra da Palavra, do Logos encarnado.

4 - *Uma recusa ao panteísmo* - Panteísmo é a doutrina religiosa que ensina que "tudo é divino, que tudo é Deus e que Deus está em tudo". Esta idéia, que é pagã, ressuscitou com o movimento nova era, e é justo que usemos um pouco de espaço para tratarmos dela. Diferentemente do ambiente cultural em

¹¹ CIMOSA, op. cit., p. 31.

¹² JEREMIAS, Joachim. *A Mensagem Central do Novo Testamento*. 3ª ed. S. Paulo: Edições Paulinas, 1986, p. 111.

¹³ CHOURAQUI, André. *No Princípio (Gênesis)*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997, p. 36. A transcrição é fiel ao texto de Chouraqui.



que os hebreus residiam, em que se cria que criador e criação era um coisa só, na Bíblia se vê que há uma diferença entre o Criador e a criação. Ele não se confunde com ela. Está acima dela. Ele não faz parte dela. Ela não é uma emanção, uma onda energética, dele. A matéria também não é divina. Criador e criatura, Criador e criação são distintos. Citemos, mais uma vez, Erickson: "Além disso, Deus não se envolve, não envolve seu ser, no processo (da criação). A criação não é algo tirado dele. Não é uma parte dele nem uma emanção de sua realidade"¹⁴.

O ponto alto da criação reside na confecção do homem. Ele é o clímax de todo o processo. Tudo é feito em função dele. Disse alguém que Deus primeiro criou o cenário e depois pôs em cena o ator principal. Tudo foi criado para ser por ele administrado. A moderna ecologia resvala para a ecolatria ao não entender que a natureza não é divina e que deve ser administrada (não predada, mas administrada) pelo homem. O mundo é hostil ao homem, por causa da queda (Gn 3.17-18). A natureza não produz trigo, mas tiririca. Enchentes e secas, terremotos e furacões mostram que o homem vive num ambiente hostil que ele precisa administrar. Isto não significa predação destrutivamente, mas cuidar e domar. O homem está acima do ambiente, embora, o relato bíblico deixe isso bem claro, não possa viver sem o ambiente. Só foi posto no mundo depois que o ambiente foi criado. Mas ele é distinto também da natureza, como comentaremos mais à frente.

5 - O lugar do homem - Diferentemente dos relatos das religiões orientais, o homem é distinto da criação. Em forte contraste, ele é mostrado mais como semelhante a Deus do que semelhante a ela (Gn 1.26-27). O panteísmo oriental não só é refutado no relato bíblico, como nele o homem é elevado sobre a criação. O relato bíblico dá valor ao homem. Enquanto que no panteísmo, o homem e um feixe de capim e um monte de excremento de vaca têm o mesmo valor, na Bíblia, ele é o ápice de um processo criativo. Sua singularidade reside no fato de ser ele, da criação, o único que foi criado à imagem e semelhança de Deus, e é, também, o único que pode relacionar-se com Deus. Conforme Eclesiastes 3.11, ele é o único a ter a noção de eternidade: "Tudo fez formoso em seu tempo; também pôs na mente do homem a idéia da eternidade, se bem que este não possa descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até o fim". Deus pôs no coração humano a noção de eternidade. Ele é o único que sabe que vai morrer e é o único a acalantar a esperança de viver fora do corpo. Só o homem tem noção de tempo como algo que corre e que vai se acabar.

Uma questão que devemos estabelecer logo de início é esta: "que é o homem?". Quando usamos este termo, nos referimos ao gênero humano, ao homem e à mulher. Mas o que significa o termo? Várias respostas têm sido oferecidas. Um personagem de Luís Fernando Veríssimo, na obra *O Clube dos Anjos*, diz o seguinte: "O homem é o único animal que sempre quer mais do que precisa. O homem é o homem porque quer mais"¹⁵. Nesta declaração se ressalta o desejo do homem de sempre desejar ser mais do que é. Isto já está presente na raça humana desde o Éden. A proposta da serpente atraiu o casal: "sereis como Deus". O desejo de ser mais do que se é uma marca do ser

¹⁴ ERICKSON, op. cit. p. 160. A expressão entre parêntesis é minha, para facilitar o entendimento de sua declaração.

¹⁵ VERÍSSIMO, Luís Fernando. *O Clube dos Anjos*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1998, p. 99.



humano. Os animais aspiram à sobrevivência. O homem, a superar-se. Ele quer ser sempre mais.

Mas não é só a questão da distinção entre o relato hebreu e os conceitos orientais que estão em foco. Também está em foco a chave para compreender o homem, para uma correta antropologia (a ciência que trata do homem). A Bíblia nos ajuda a termos uma visão correta sobre o homem.

O homem é "imagem e semelhança" de Deus. Os termos hebraicos são *tselem* e *demut*. Não aludem à imagem física, pois Deus não tem corpo. É Espírito (Jo 4.24). Como comento em outro lugar:

Os termos parecem sinônimos ou uma repetição para reforço (não aparece no texto hebraico o *vav*, partícula que corresponde à nossa conjunção *e*, com a função de conetivo) e indicam a diferenciação entre o homem e o restante da criação. Quatro aspectos podem ser mostrados aqui. *Primeiro*: somente o homem recebeu o sopro de Deus (2.7) e tem um espírito imortal. *Segundo*: somente o homem é um ser moral, diferente do resto da criação. Não precisa obedecer a seus instintos. *Terceiro*: o homem é um ser racional, com capacidade de pensamento abstrato e de produzir idéias. *Quarto*: o homem, à semelhança de Deus, passa a ter domínio sobre a natureza e seres vivos. Ele é o representante de Deus no mundo, investido de autoridade e domínio. Ele é divinamente comissionado para *sujeitar* a terra. O hebraico é *kibeshedah*, literalmente, "pisar sobre". Ele é o administrador de Deus na terra. Isto nos ajuda a entender os dois termos¹⁶.

A questão de imagem e semelhança tem suscitado muitas discussões entre os teólogos. Esgotá-la aqui seria uma grande pretensão e nos ocuparemos mais do assunto no item próximo. Mas lembro que não se pode esquecer a questão ética. Merval Rosa nos lembra que em Gênesis 2.19 os animais também são chamados de "alma vivente", mas o homem tem uma distinção: sua natureza moral. A proibição de comer da árvore do bem e do mal (Gn 2.15-17) ilustra bem isso. Por isso vem a declaração de Rosa: "Conforme o texto, portanto, o homem é capaz de conhecer o bem e o mal. Sua natureza é, por isso mesmo, fundamentalmente ética"¹⁷.

Citaria mais uma opinião sobre o assunto, de maneira que nossa visão fosse aprofundada neste aspecto. É de John Stott:

Os estudiosos que conhecem bem o antigo Egito e a Assíria antiga, no entanto, salientam que nessas culturas o rei ou imperador era tido como a "imagem" de Deus, a quem representava aqui na terra, e que os reis mandavam erigir imagens suas em províncias para simbolizar a extensão da sua autoridade. Foi dentro desse contexto que Deus, o Criador, confiou uma espécie de responsabilidade real (ou pelo menos vice-real) a todos os seres humanos, designando-os para "dominarem" sobre a terra e suas criaturas e "coroando-os", para isso, de "glória e honra"¹⁸.

Nesta explicação de Stott se vê que o ilustre teólogo anglicano entende "imagem" como sendo a concessão de domínio de Deus ao homem, sobre toda a natureza. E continua ele em sua argumentação:

¹⁶ COELHO FILHO, Isaltino. *Gênesis I - capítulos 1 a 11*, 3ª edição, Rio de Janeiro: JUERP, 1995, p. 10.

¹⁷ ROSA, Merval. *Antropologia Filosófica: Perspectiva Cristã*. Rio de Janeiro: JUERP, 1996, p. 183

¹⁸ STOTT, John. *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo*. S. Paulo: ABU Editora, 1997, 38.



No decorrer da narrativa de Gênesis 1 fica claro que é a imagem ou semelhança divina que distingue os humanos (o clímax da criação) dos animais (cuja criação é registrada antes). Eles compartilham, por exemplo, o "fôlego da vida" e a responsabilidade de reproduzir-se. Mas havia entre eles uma radical descontinuidade, ao se dizer que os seres humanos são "como Deus"¹⁹.

Uma outra boa maneira de se entender o problema de imagem e semelhança é lembrando que a analogia na língua hebraica pode ser melhor compreendida na língua grega. No grego, a melhor tradução para *tselem* e *demut* seria "escultura". Olhando-se a escultura poder-se-ia ter uma noção do modelo. A escultura buscaria ser uma representação do modelo, lembrando, mais uma vez, que não se raciocina em termos físicos, aqui. Mas isto quer dizer que, olhando o homem podemos saber quem é Deus? O homem como o vemos é uma réplica moral de Deus? Responderia que não, embora saiba que muitos responderiam que sim, considerando a questão dos atributos morais de Deus que podem ser vistos no homem. Do ponto de vista ontológico me parece que não. O homem caiu e a *imago Dei*, expressão que usa em Teologia para "imagem de Deus", no homem, ficou arranhada. Não é possível se ter uma compreensão de Deus olhando o homem. Mas é possível descobrir quem é Deus, olhando-se um homem em particular. Concordo totalmente com Uretta, em seu tópico "Cristo, imagem de Deus", ao discutir a questão da imagem e semelhança:

Embora não faça parte efetiva de nosso tema, com o fim de completar as referências bíblicas à "imagem de Deus", destacamos os textos que fazem referência a Cristo como imagem de Deus: 2Coríntios 4.4, Colossenses 1.15 e Hebreus 1.3. Desde já se esclareça que quando se afirma que o homem é imagem de Deus não se está dizendo o mesmo que quando se afirma que Cristo é imagem de Deus. "O que Adão tinha de cumprir no meio de todas as criaturas, e para elas, mas não cumpriu, Jesus Cristo o fez: Ele foi a imagem de Deus, um reflexo vivo e fiel do que Deus é para as criaturas"²⁰.

A citação de Uretta se reveste de maior significado quando recordamos o conceito de primeiro Adão e último Adão, desenvolvido por Paulo em Romanos 5.12-21 e em sua declaração em 2Coríntios 5.17: "Pelo que, se alguém está em Cristo, nova criação (melhor tradução) é...". Em Jesus Cristo um novo mundo é criado (Ap 21.5) e ele é o Adão da nova criação, como se pode ler em 1Coríntios 15.45-49. Carregaremos sua imagem, como agora carregamos a imagem de Adão, que gerou filhos à sua imagem (Gn 5.3). Teremos a imagem do segundo Adão. "Mas sabemos que quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele" (1Jo 3.2). Isto já era sonhado na literatura pseudepígrafa (um tipo de literatura que floresceu muito entre o período de tempo entre o Antigo e o Novo Testamentos), pois no *Testamento de Levi* 18.10-12 se declara que o messias reviveria a vida de Adão ao contrário. Ele abriria a porta do paraíso e retiraria a espada que impedia a entrada dos homens. Daria de comer da árvore da vida aos homens, amarraria Satanás e daria poder aos homens

¹⁹ Ib. ibidem, p. 38, *in finis*.

²⁰ URETTA, Floreal. *Elementos da Teologia Cristã*. Rio de Janeiro: JUERP, 1995, p. 77. O trecho que ele cita é de F. J. Pop, num tópico intitulado "Imagem de Deus: El Nuevo Testamento", *in Palabras Biblicas y Sus Significados*, obra da qual não dá referências.



para pisarem os espíritos maus. Não é possível deixar de comentar isto: as expectativas da literatura pseudepígrafa se cumpriram na pessoa de Jesus de Nazaré. Embora este tipo de literatura não se possa chamar de inspirada, ela mostra o anseio dos homens religiosos de Israel, no período intertestamentário (nome que se dá ao período de tempo entre os dois Testamentos). Ela reflete uma expectativa espiritual das pessoas mais preocupadas com o reino de Deus.

Em Jesus Cristo nós encontramos a mais perfeita e mais expressa imagem de Deus. Quando formos glorificados com ele, superado o pecado, teremos novamente a *imago Dei* sem arranhão e sem mácula. Lemos em Colossenses 1.15, que Jesus é "a imagem do Deus invisível". Lembremos que "imagem" é o grego *eikon*, de onde nos vem "ícone". No início, seu sentido era "espelho". O espelho reflete a imagem de alguém. Jesus é o reflexo de Deus no espelho. Se não podemos ver a Deus, podemos saber como ele é, vendo-o na pessoa de Jesus. Neste contexto, lembremos de João 14.9-11: "Respondeu-lhe Jesus: Há tanto tempo que estou convosco, e ainda não me conheces, Felipe? Quem me viu a mim, viu o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, é quem faz as suas obras. Crede-me que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras".

6 - *Considerações clássicas sobre imagem e semelhança* - Há, no entanto, considerações clássicas, na teologia bíblica, sobre o conceito de "imagem e semelhança". Para verificá-las, cito aqui oito explicações dadas por Mullins²¹, sobre o significado da expressão. Ei-las:

- (1) O homem se assemelha a Deus no fato de possuir uma natureza racional. A inteligência e a razão do homem são expressões da inteligência e razão de Deus.
- (2) O homem se assemelha a Deus no fato de possuir uma natureza moral. Sabe o que é certo e errado. Ele é o único, de toda a criação, que se pergunta: "devo?". A lei moral, os ideais e a ética estão baseados na natureza moral de Deus.
- (3) O homem se assemelha a Deus no fato de possuir uma natureza emocional. É capaz de sentimentos, inclusive de sentimentos santos. Isso deriva da mesma qualidade encontrada em Deus.
- (4) O homem se assemelha a Deus no fato de possuir vontade. Ele quer, toma decisões, racionaliza seus instintos. Pode subordinar seus instintos a princípios, o que não acontece com um animal. Daí nasce a vontade domada ou direcionada.
- (5) O homem se assemelha a Deus na sua capacidade de ser livre. Liberdade significa determinação própria. O homem não é um ente cujas ações estão pré-determinadas em código genético, como o dos animais. Ele não está debaixo de compulsão e pode decidir sua vida.
- (6) O homem se assemelha a Deus na sua liberdade original do pecado e sua inclinação à santidade. O primeiro Adão foi feito sem pecado. O segundo Adão é a expressão exata de Deus. Volte-se à citação de Uretta, anteriormente feita, para se compreender mais este ponto.

²¹ MULLINS, Edgar. *La Religión Cristiana en Su Expresión Doctrinal*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, s/d, p. 263.



- (7) O homem se assemelha a Deus na capacidade de exercer domínio sobre ordens inferiores. O progresso humano nada mais é que esta capacidade exercida e ampliada, de domínio sobre as ordens inferiores, inclusive domínio sobre a natureza.
- (8) O homem se assemelha a Deus na imortalidade. Ele não é eterno, porque teve início, mas é imortal, no sentido de que sua alma vive para sempre.
- (9) O jesuíta Miles declara que o homem se assemelha a Deus na capacidade de se reproduzir. Assim como Deus criou, o homem cria a sua descendência. Registro esta opinião de Miles, mas lembro que qualquer animal se reproduz.

Acrescentamos aqui mais uma opinião sobre a questão de imagem. Numa apostila de Samuel Hammett encontramos esta observação bem pertinente:

Creio que a imagem de Deus é a capacidade de o ser humano se relacionar com Deus. Como Barth e Brunner, creio que não podemos entender ou definir o ser humano sem referência a Deus. O fato de que Deus nos criou para um relacionamento com Ele é o fato mais importante sobre o ser humano. Sempre existimos perante Deus²².

Entendo o valor que se dá na teologia à capacidade do homem de se relacionar com Deus, mas isto traz uma dificuldade: como isso pode ser semelhança com Deus? Com quem Deus se relacionava antes de criar o mundo? Se o homem é semelhante a Deus em sua capacidade de se relacionar com Deus, com que deus se relacionava Deus? Esta pergunta me foi feita por um aluno, num Seminário. A resposta é simples: Deus se relacionava consigo mesmo. A trindade é a resposta a este problema. Deus não era solitário. Não criou o homem porque necessitava dele. A trindade tinha comunicação entre si. "Agora, pois, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse" (Jo 17.5). A unidade de Deus traz este problema teológico, visível numa frase do rabino Kushner: "Deus é Uno, e porque é Uno, é totalmente solitário, a não ser que existam pessoas que O amem"²³. O conceito judaico de Deus, ao enfatizar sua Unidade junto com sua Unicidade, traz este problema. O Deus dos cristãos é Único, mas é também Triúno e por isso não é solitário. O homem não lhe é necessário para evitar sua solidão. Deus é bastante para si. Mas isto são outros quinhentos...

7 - Implicações teológicas, filosóficas e sociológicas da criação do homem - Alguns aspectos teológicos já foram mostrados, mas creio ser necessário observar alguns pontos a mais para esgotarmos nosso assunto. Vejamos alguns deles, portanto, notando que eles trazem consigo aspectos filosóficos e sociológicos, também.

- (1) *O homem não é independente* - Ele é criatura, posto na terra com um propósito. Não surge aleatoriamente e não é o centro do universo.

²² HAMMETT, Samuel. *Apostila Para os Alunos da Teologia Sistemática*. North Carolina, copyright de John Samuel Hammet, 1985, p. 87.

²³ KUSHNER, Harold. *Quando Tudo Não é o Bastante*. S. Paulo: Nobel, 1987, p. 32.



Numa época antropocêntrica, isto se torna necessário de afirmar. O homem não tem valor infinito, pois houve um tempo em que ele não existia. Somente Deus, o Criador, é de valor infinito. O homem depende dele e do seu espaço físico para viver.

- (2) *A solidariedade da raça* - Alguém precisou preencher um formulário, em determinado país, e vinha lá: "raça". A pessoa escreveu: "humana". Só existe uma raça na face da terra. Atos 17.26 defende a monogenia ao dizer que "de um só fez todas as raças dos homens". Diferenças epidérmicas não têm significado. O valor de uma pessoa não reside em sua cor ou em seu lugar de nascimento. O valor humano é intrínseco e não extrínseco. Temos um conceito extremamente individualista do homem, produto do Renascimento, não da Bíblia. Cito aqui uma observação de Shedd sobre a solidariedade da raça: "Em oposição ao individualismo fragmentário do Ocidente desde a Renascença, o pensamento do Israel antigo pode ser caracterizado como sintético"²⁴.
- (3) *O homem tem um valor especial* - A Bioética Cristã, novo ramo da Ética, deve trabalhar a partir daqui: a singularidade e a excelência do homem. Ele vale mais que animais e outros seres, mais que árvores e bichos. É a coroa da criação. Em termos de nossa cultura contemporânea, seria bom lembrar que ele não pode vir a reboque de sistemas, de ideologias e de conceitos, mesmo que religiosos. Nem escravizados por eles. Lembremos das palavras de Jesus ao homem da mão atrofiada: "Vem para o meio" (Mc 3.3). Sem apelar para a antropolatria do existencialismo, o evangelho põe o homem no centro. Todo regime e toda ideologia que oprimem o homem estão errados. Precisamos ter até mesmo cautela com ensinamentos religiosos que oprimem e esmagam o ser humano.
- (4) *A igualdade entre homem e mulher* - Evidentemente não se trata de igualdade anatômica, fisiológica ou mesmo emocional. Felizmente! Trata-se de igualdade de direitos, de responsabilidades e de possibilidades. São parceiros, administradores. Ela é ajudadora, em nível com ele e não em nível sob ele. A opressão feminina não tem base bíblica e deveria ser combatida pelos amantes da teologia sábia. Infelizmente, muitas vezes a Bíblia foi usada como instrumento de dominação de uma raça sobre outra e também de um sexo sobre o outro. Homem e mulher não apenas são interdependentes, mas tem valor igual.
- (5) *A necessidade de uma ecologia sábia* - O homem veio da matéria da natureza. Nasceu dela e depende dela para viver. O fim dela será o seu fim. Deve-se ter cuidado com a ecolatria, que é um eco do neopaganismo que o movimento nova era infiltra em nossa sociedade. O homem, a natureza e o Criador não são a mesma coisa. Mas deve-se lembrar que o homem é guardião e não destruidor da natureza. O guardião zela e não destrói. Uma teologia bíblica produzirá uma visão ecológica equilibrada.

²⁴ SHEDD, Russel. *A Solidariedade da Raça*. S. Paulo: Vida Nova, 1995, p. 16.



- (6) *A necessidade de um projeto de evangelização* - A evangelização bíblica é mais que pedir às pessoas para aceitarem a Jesus. É chamar as pessoas a se enquadrarem no projeto original de Deus, é apregoar a segunda criação que ele está fazendo em Jesus, é lutar para restaurar o plano original de Deus para o homem. Ao proclamar o evangelho, a Igreja chama o mundo a se reajustar ao projeto original de Deus: toda a humanidade vivendo com ele. Porque fomos criados por Deus e para vivermos com Deus.
- (7) *A luta pela justiça social* - De acordo com o monogenismo, somos todos irmãos porque todos viemos de um mesmo originador. Toda a raça humana remonta a um pai comum, Adão. Neste sentido, todos os homens são irmãos porque todos têm um mesmo pai, na origem remota. Enquanto houver um só homem explorado ou injustiçado, por qualquer motivo, aí estará um parente nosso sofrendo. Lutar por justiça social não é ser um agitador político, mas simplesmente reconhecer que somos todos irmãos. Cada homem é uma parte do outro. As distinções raciais não são apenas pecado. São estupidez. São uma arrogante manifestação de ignorância. Ninguém deve ser oprimido ou depreciado por causa de sua raça. Nem deve se exaltar sobre outro por causa de sua raça.



Matéria 2: A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM

1 - *A questão da origem da alma* - Sabemos que o homem é distinto dos animais, no tocante ao seu destino final. Ele tem uma parte que volta para Deus. "É o espírito volte a Deus que o deu" (Ec 12.7). Esta parte que regressa a Deus é chamada de alma ou de espírito, dependendo da posição da pessoa, se ela é dicotomista ou tricotomista. Mas o fato é que há uma centelha divina no homem, que é o elemento que regressa a Deus. Ele, o homem, recebeu o "fôlego da vida" (Gn 2.7). O termo hebraico é *neshama*, que pode ser visto como "soprou calorosamente pessoal, com a intimidade do contato face a face de um beijo, e com o significado de que este era um ato de dar, bem como de formar, e de dar-se a si mesmo inclusive"²⁵. Significa um contato especial. Isto só sucedeu com o homem. Aqui reside, como já foi dito, sua singularidade. Ele sobrevive ao seu corpo, como declara Eclesiastes e como vemos na história do rico e de Lázaro, na palavra de Samuel a Saul, do mundo dos mortos, nas contínuas declarações bíblicas de vida no além. O homem é mais que matéria física. Não apenas a Bíblia declara isto de forma enfática, mas as grandes religiões se fiam nesta verdade. Fora das religiões, isto está presente nos anseios humanos, mesmo seculares. A cultura humana está solidamente arraigada na crença de uma existência após a morte. Vemos isso nas artes, por exemplo. O artista pode não ser uma pessoa de convicção religiosa, mas pinta quadros, compõe músicas e constrói outras obras culturais que mostram uma aspiração a algo além do corpo, uma busca de algo que exceda ao homem.

Mas, como se dá a presença da *neshama* nos demais homens?

Em sua famosa obra, *Systematic Theology*, Strong apresenta as três teorias mais conhecidas e clássicas sobre a origem da alma: a pré-existência, a teoria da criação e a teoria traducionista,²⁶ como se traduziria literalmente do Inglês, mas que chamamos aqui de transmissão. Comentamos um pouco, aqui, a questão. Às três grandes teorias mostradas por Strong acrescentamos mais duas, a da fulguração e a da emanação desde a eternidade.

- (1) *A pré-existência*. Pode ser resumida assim: a alma faz parte da criação angelical, sendo, basicamente, a mesma substância dos anjos. Quando da queda dos anjos e dos homens, os homens assumiram corpos físicos, evidência da degradação e descendência da alma. Esta idéia é muito mais platônica, com base no mundo das idéias, do que propriamente bíblica. Platão cria que havia dois mundos, o real e o ideal e que tudo que havia no nosso mundo, o real, era uma cópia do ideal. Assim, como há o corpo (real), há a alma (o ideal). Não parece ser disto que a Bíblia trata.
- (2) *O criacionismo*. Deus cria uma alma nova, quando da concepção do corpo físico. No momento da concepção ou em algum momento da gestação, ou ainda no nascimento, Deus coloca a alma no feto ou criança. Seus adeptos se louvam muito em Gênesis 2.7. Esta teoria tem a vantagem de preservar a alma de Jesus do pecado original, mas apresenta pontos fracos. Deus cria a alma impura? Se cria pura,

²⁵ KIDNER, Derek. *Gênesis - Introdução e Comentário*. 1ª ed. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1979, p. 57. O itálico é de Kidner.

²⁶ STRONG, Augustus. *Systematic Theology*. 25ª ed. Valley Forge: The Judson Press, 1976, ps. 488-497.



como e quando a alma se torna corrupta? E como entender Salmo 51.5: "Eis que eu nasci em iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe"? É o corpo que corrompe a alma? E, como vemos na Bíblia, o problema não é corpo, é toda a natureza humana.

- (3) A *transmissão*. Idéia vinda dos filósofos estoicos e defendida por Agostinho, que a popularizou, a teoria da transmissão ensina que sendo seres físico-espirituais, homem e mulher, naturalmente, sem qualquer intervenção de Deus, geram seres que são tanto físicos como espirituais. Embora tenha sido defendida por Agostinho, como dito, seu primeiro defensor foi Tertuliano²⁷. A argumentação pode ser posta nestes termos: a Bíblia nada diz sobre as partes do homem, não o vendo como algo dicotômico (duas partes) ou compartimentos estanques, mas como uma unidade. Quando Deus ordenou que a humanidade se reproduzisse, não separou, na ordem, o corpo da alma. Seria a reprodução do todo. Também esta teoria explica melhor a teoria da depravação moral e espiritual do homem. Quanto ao fato da não depravação moral e espiritual de Jesus, que parece ter melhor resposta na teoria anterior, pode-se argumentar que ele é o segundo Adão, o início da nova criação de Deus. Sua natureza humana original seria como a de Adão, no início.
- (4) Há a teoria da *fulguração*. O mundo material é apenas uma fulguração de Deus. Esta é a postura de Leibniz²⁸ e que encontrou guarida em alguns pensadores religiosos. Deus não teria criado o mundo de forma direta, do nada, mas sim de forma indireta. Em fulgurações do seu Ser. Esta fulguração teria criado o mundo físico, incluindo o "espírito", como definimos. Tudo que não seja Deus, mesmo que não seja físico (anjos e o "espírito") é produto desta fulguração. A "alma" ou "espírito" seria fulguração, também. O "espírito" ou "alma" do homem seria apenas uma emanção (se usarmos a linguagem gnóstica) ou fulguração (se usarmos a linguagem filosófica de Leibniz) de Deus. A forma como chega ao corpo do recém-nascido é que não é bem exposta. Tal teoria deixa a porta aberta para o panteísmo, posto que tudo é emanção, resíduo de Deus. Neste sentido, tanto a natureza quanto "as partes" do homem seriam também resíduos divinos. O homem seria igualado à natureza. Leibniz defendia que não se tratava de panteísmo, pois o que era projetado na fulguração não retinha a natureza de Deus. Mas isto se torna uma questão semântica. Tal posição trabalha com pressupostos filosóficos mais gregos do que bíblicos.
- (5) *Emanção desde a eternidade* - É uma postura panteísta. É uma variação da posição de Leibniz: a alma é apenas uma emanção do espírito universal, da Mente divina. É diferente da Mente (ou Deus) quanto à forma, mas não quanto à natureza. Neste sentido, o panteísmo é maior, porque tudo é Deus e Deus é tudo. A escatologia deste sistema é a do regresso: a reabsorção de tudo pela Mente. Este final foi muito bem mostrado numa obra de ficção científica, de Arthur Clarke, *O Fim da Infância*, em que seres de outro planeta, enviados

²⁷ HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. P. Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1973, p.44.

²⁸ CHAMPLIN, Russel (ed.). *Enciclopédia de Bíblia, Filosofia e Teologia*, 6 volumes. S. Paulo: Candeia, 1991, vol. 1, p. 116.



pela Mente Universal, chegam à Terra para impedir que os homens se auto-destruam. Após um processo de colonização espiritual, tudo se dilui, em fusão com o Espírito. De qualquer forma, não fica bem clarificado aqui, como no item anterior, como a criança recebe a alma.

Cada teoria tem seus pontos positivos e negativos, mas a mim me parece que a transmissão é a interpretação mais cabível e que nos permite melhor situarmos nossa fé e o ensino bíblico. Mas é questão de opção do estudante, sabendo-se que alguns conceitos de algumas teorias não são bíblicamente sustentados.

7 - *A constituição do homem* - "Que é o homem?", perguntou o salmista. Uma resposta a esta pergunta não se esgotaria tão cedo. A Filosofia, a Antropologia e a Psicologia, entre muitas outras ciências, têm recebido esta mesma pergunta e, em seus discursos, se propõem a fornecer uma resposta à questão. Não parece que alguma delas o tenha feito satisfatoriamente. A complexidade humana é enorme. Mas se não podemos responder exaustivamente a esta pergunta, podemos verificar o ensino bíblico, que também não deu uma resposta completa. Não que a Bíblia seja incompleta, mas que ela não é um tratado exaustivo sobre o homem, embora tudo que diga sobre ele seja verdade. Mas nossa questão agora é esta: quais são os elementos constitutivos do homem? Quais são suas partes, se as há? Discutida a questão da origem da alma, fica outra por responder: o homem é corpo e alma ou é corpo, alma e espírito?

A Bíblia é genérica nesta questão, não detalhando nada, e tudo que dissermos será muito mais nossa interpretação (ou nossa vontade de ver de acordo com nossa ótica). Ou seja, será mais uma questão de opção, do que uma questão clara de um ensino bíblico.

Apresento, a seguir, alguns termos bíblicos mais comuns, nas línguas hebraica e grega e seu significado teológico, lembrando que estas definições não podem ser rigorosas. Mais detalhes, de maneira profunda, podem ser encontrados no excelente livro de Wolff, *Antropologia do Antigo Testamento*²⁹, que discute a questão exaustivamente.

PORTUGUÊS	HEBRAICO	GREGO	SIGNIFICADO
Corpo	-----	soma	o homem físico
Alma	Nephesh	psychê	a sede da vida
Espírito	Ruah	pneuma	contato com Deus
Carne	Basar	sarx	natureza humana

Para os gregos, a *sarx* era a prisão da alma. Esta concepção tem marcado muito certos segmentos da teologia cristã que têm visto a alma e o espírito aprisionados pelo corpo. Em algumas pregações, o homem é chamado a salvar a sua alma, e o corpo, o seu aspecto físico, tem sido desprezado. Mas não é este o ensino bíblico. Esta visão é muito mais de Platão, que ensinava ser o corpo o cárcere da alma, e que foi desenvolvida por Plotino e nos chegou por

²⁹ WOLFF, Hans. *Antropologia do Antigo Testamento*. S. Paulo: Edições Loyola, 1977.



meio dos ensinamentos de Agostinho. O livro de Gaarder, *Vita Brevis*³⁰, é uma excelente obra para uma compreensão deste ponto de vista, principalmente pela crítica feita a Agostinho. A influência de Agostinho foi muito grande no catolicismo (onde ele é "santo") e no protestantismo, porque Lutero era de uma ordem agostiniana. Muito do pensamento cristão sobre o mundo material é mais Agostinho do que Bíblia. Para ele, tudo que era material era mau. Só o que era espiritual era digno de proveito. Até o hábito de comer era visto por Agostinho com reservas. Ele dizia: "Está na hora de alimentar o animal".

A matéria, o corpo, não é má, deve-se dizer em refutação a este conceito. Este ensino é gnóstico e não cristão. Deus não fez apenas a alma humana, mas o homem como um todo. Fez seu corpo material. O Salmo 139.13-16 traz o deslumbramento de Davi ao refletir sobre seu próprio corpo como obra divina. E a declaração de Deus, ao contemplar a criação foi que "era muito bom" (Gn 1.31). O mundo material é obra de Deus, também. E inclusive o homem o é.

A Bíblia faz, em alguns momentos, distinção entre a parte material e a imaterial do homem, como, por exemplo, em Mateus 10:28. Mas usar este texto como base doutrinária para mostrar a maldade do mundo material seria um ato de imprecisão porque não é esta a questão de que ele trata, uma possível compartimentalização do homem.

A questão é muito ampla, mas o nosso debate de agora fixa-se na constituição e possível dicotomia ou tricotomia. Parece complicado? A definição é simples. *Dicotomia* significa que o homem tem duas partes constituintes: corpo e alma (ou espírito, sendo as duas sinônimas). Na realidade, os dois termos são intercambiáveis e usados ora com o seu sentido restrito ora com o sentido do outro. *Tricotomia* significa ver corpo, alma e espírito como elementos diferentes.

O texto mais tricotomista da Bíblia é 1 Tessalonicenses 5.23: "E o próprio Deus de paz vos santifique completamente; e o vosso espírito, e alma e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo". Observe que corpo, alma e espírito são mencionados de forma específica nele. Da mesma forma, Hebreus 4.12 nos fala de divisão entre "alma e espírito": "Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até a divisão de alma e espírito, e de juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração". Nesta ótica tricotomista, a delimitação de cada um dos termos é a seguinte:

Corpo - é o tabernáculo da alma.

Alma - é a sede da personalidade.

Espírito - é o órgão de comunhão com Deus.

A resposta dicotomista se vale de muitos argumentos, mas usa Lucas 10.27 e Deuteronômio 6.5 e pergunta: e se tivéssemos, nestes textos, a mesma aplicação exegética de 1 Tessalonicenses 5.23 e Hebreus 4.12? Quantas e quais seriam as "partes" do homem?

Os adeptos das duas posições esgrimm textos bíblicos em defesa de sua postura. Vamos evitar gastar tempo neste ponto que não é essencial. Teólogos como Langston, Berkhof e Mullins são declaradamente dicotomistas. Strong

³⁰ GAARDER, Jostein. *Vita Brevis*. S. Paulo: Cia. das Letras, 1998.



alista as duas posições, os argumentos favoráveis, mas não parece definir-se quanto a uma. Chafer não aborda o assunto. Das três obras de Teologia que possuo de Conner, não vi nele também nenhuma referência ao assunto. Erickson discute o assunto sem se posicionar, embora se possa ver sua simpatia pela dicotomia. Uretta é dicotomista. A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, se não é explicitamente dicotomista, é implicitamente, como se vê na redação do texto, no artigo III. Vamos ficar com duas citações de Milard Erickson sobre as duas correntes e deixar a questão em aberto, para pesquisa. Eis a primeira citação:

O tricotomismo tornou-se particularmente difundido entre os pais alexandrinos dos primeiros séculos da igreja. Embora as formas variem um pouco, o tricotomismo é encontrado em Clemente de Alexandria, Orígenes e Gregório de Nissa. A idéia caiu em certo descrédito depois que Apolinário a usou na construção de sua cristologia, considerada herética pela igreja. Apesar de alguns dos pais orientais a terem mantido, o conceito sofreu um declínio geral quanto à popularidade, até ser reavivado no século XIX, por teólogos ingleses e alemães³¹.

Nesta citação de Erickson se vê que o tricotomismo hibernou um certo tempo, depois de ser associado com a heresia apolinariana. Talvez a associação tenha se dado porque boa base da tricotomia repousa sobre a metafísica grega antiga. Porque o sistema de Apolinário não se baseia, necessariamente, na tricotomia.

A outra citação de Erickson é esta:

É provável que a concepção mais difundida na maior parte da história do pensamento cristão é a de que os homens são compostos de dois elementos: um aspecto material, o corpo; e um componente imaterial, a alma ou espírito. O dicotomismo foi comum desde os tempos mais remotos do pensamento cristão. Após o Concílio de Constantinopla, em 381, porém, cresceu em popularidade a ponto de ser praticamente a crença universal da igreja³².

A última citação sobre o assunto nos vem de Langston, em sua popular obra, intitulada *Elementos de Teologia Sistemática*:

Geralmente, quando os escritores sagrados faziam uso destes dois termos - alma e espírito - tratavam de uma só coisa, em diferentes relações. Empregavam eles ordinariamente o termo *espírito* quando se referiam à relação da vida do homem para com Deus; e *alma* quando faziam referência à relação da vida do homem para com as coisas terrenas. O homem pode ser comparado não a uma casa de três andares, mas a uma de dois. No segundo andar, porém, além das janelas que dão para o mundo, há uma clarabóia que dá para o céu. A alma é a janela pela qual o homem contempla as coisas desta vida aqui na terra, e a clarabóia é o meio pelo qual a mesma pessoa contempla as coisas celestiais. Nesta comparação, o andar térreo representa, naturalmente, o corpo³³.

³¹ ERICKSON, op. cit., p. 228.

³² Ib. ibidem, p. 228-229.

³³ LANGSTON, A. B. *Esboço de Teologia Sistemática*. 5ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1977, p. 129.



8 - *O homem, um ser relacional* - O relato bíblico da criação do homem serve para nos mostrar, entre muitas outras coisas, que ele é um ser relacional, ou seja, vive em relações. Foi Sêneca quem disse que o homem é "um animal social"³⁴. Na sua obra já citada, Uretta desenvolve, no capítulo 9, a idéia "O homem: um ser em relação"³⁵. Evitando fazer um resumo do capítulo e tomando apenas os tópicos, mostro aqui sua compreensão da relacionalidade do homem:

- (1) *O homem em relação a Deus* - Uretta desenvolve o tópico, mas fiquemos com a idéia geral: o homem é um ente que tem capacidade de se relacionar com Deus, o que o restante da criação não tem. Ele foi criado por Deus e para Deus. Deus é seu Criador e, também, seu objetivo. O homem sente falta de Deus e, mesmo que de maneira inconsciente, o busca. Quando não busca o Deus verdadeiro, ele faz "deuses" para si.
- (2) *O homem em relação com o homem* - A idéia geral é esta: o homem é um ente gregário (alguém que vive agregado a outros), necessitando de outros. "Não é bom que o homem esteja só" tem uma abrangência maior do que a do matrimônio. No dizer de um romance de Simmel, *Nenhum Homem é Uma Ilha*. Necessitamos de relacionamentos interpessoais. Sempre buscamos interagir com outras pessoas.
- (3) *O homem em relação com a natureza* - Como bem lembra Erickson: "Somos parte da seqüência da criação assim como os outros seres. A origem dos homens em um dos dias da criação nos liga muito mais a todos os seres criados que a Deus que executou a criação"³⁶. Dependemos da natureza para viver. A terra é nossa casa e sua destruição seria o nosso fim.
- (4) *O homem em relação consigo mesmo* - Conforme a Psicologia, o homem é o único da criação que pode entrar em relação consigo mesmo. Usa de introspecção (um olhar para dentro de si mesmo), pode objetivar, mas pode subjetivar, também. Tem liberdade de opção e capacidade para auto-exame. São muito significativas as palavras de Paulo: "Bem-aventurado aquele que não se condena a si mesmo naquilo que aprova"(Rm 14.22). O homem é capaz de objetivar (aprovar alguma coisa fora dele) e de subjetivar (condenar-se ou não se condenar). Pode avaliar o mundo, mas pode também avaliar-se a si mesmo. Cachorro não tem crise existencial, nem se pergunta : "Ser ou não ser?". Só o homem pode olhar para dentro de si.
- (5) *O homem, um ente demasiado complexo* - A complexidade, mais que biológica ou física, é existencial. Nas palavras de Kierkegaard: "O homem é uma síntese de infinito e finito, de temporal e eterno, de liberdade e necessidade, em suma, uma síntese". Neste sentido, o homem é fantástico! É de uma complexidade incrível!

³⁴ Conforme LOCKYER, Herbert. *All the Doctrines of the Bible*. 11ª ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 193, p. 141. Respeito o pensamento de Sêneca e assim o mantenho literalmente, traduzindo-o do Inglês. Quanto a mim, porém, não chamaria o homem de animal por entender ser isto influência de Darwin. Prefiro chamar o homem de "ente".

³⁵ URETTA, op. cit., p. 85.

³⁶ ERICKSON, op. cit., p. 211.



9 - *A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira* - Ditas estas coisas, discutidas e pensadas, vejamos agora o que diz a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira. Deixamo-la para o fim por uma razão: queríamos examinar textos bíblicos e os pensamentos de alguns teólogos, para depois chegar a ela. Em vez de estudarmos a Declaração e encaixarmos nossa discussão dentro de seus limites, discutimos, analisamos e depois chegamos a ela. Pessoalmente, respeito-a como um documento muito bem produzido, com o qual concordo na sua totalidade, mas não o uso como base para discussão. A base para discussão deve ser a Bíblia. Mas eis o texto:

O HOMEM - Por um ato especial, o homem foi criado por Deus à sua imagem e conforme à sua semelhança e disso decorrem seu valor e dignidade (1). Seu corpo foi feito do pó da terra e para o mesmo pó há de voltar (2). Seu espírito procede de Deus e para ele retornará (3). O criador ordenou que o homem domine, desenvolva e guarde a obra criada (4). Criado para a glorificação de Deus (5). Seu propósito é amar, conhecer e estar em comunhão com seu Criador, bem como cumprir sua divina vontade (6). Ser pessoal e espiritual, o homem tem capacidade de perceber, conhecer e compreender, ainda que em parte, intelectual e experimentalmente, a verdade, e tomar suas decisões em matéria religiosa, sem a mediação, interferência ou imposição de qualquer poder humano, seja civil ou religioso (7).

(1) Gn 1.26-31, 18.22 e 9.6; Sl 8.1-9; Mt 16.26

(2) Gn 2.7, 3.19 e Ec 3.20 e 12.7

(3) Ec 12.7 e Dn 12.2-3

(4) Gn 1.21, 2.1 e Sl 8.3-8

(5) At 17.26-29 e 1Jo 1.3,6 e 7

(6) Jr 9.23-24, Mq 6.8, Mt 6.33, Jo 14.23 e Rm 8.38-39

(7) Jo 1.4-13 e 17.3, Ec 5.14 e 17, 1Tm 2.5, Jó 19.25-26, Jr 31.3, At 5.29, Ez 18.20, Dn 12.2, Mt 25.32 e 46, Jo 5.29, 1Co 15.1, 1Ts 4.16-17 e Ap 20.11-30.



Matéria 1: A ORIGEM DO PECADO

1 - *A importância do tema* - A questão do pecado se reveste de importância capital em nosso estudo. Uma das razões é que o conceito está muito diluído em nossa cultura. Para modernas correntes da Psicologia, o homem não pode ser responsabilizado por seus atos por ser produto do ambiente. Então, não existe uma coisa chamada "pecado". Diz até uma música popular brasileira: "Não existe pecado do lado de baixo do equador". Para outras, alguns de seus atos são mais uma questão de genética do que de opção. Nestes sentidos, não existe algo como "pecado", mas apenas desajustes, produto de criação errada e de uma sociedade corrompedora. Para outros, bafejados pelo existencialismo e pelo relativismo moral de nosso tempo, não se pode falar de pecado pois não há padrões objetivos. Tudo é subjetivo, tudo é relativo. Não há um padrão objetivo de certo e errado. O que é verdade para um pode não ser para outro. Um exemplo disso se vê numa declaração feita pelo apresentador do programa de televisão intitulado "Você Decide": "O certo e o errado não importam. O que importa é o que você assume".

Pecado é um conceito religioso. Crime é um conceito jurídico, mas pecado é um conceito religioso. Crime é algo contra alguém, contra o Estado ou contra a humanidade (os crimes de guerra, por exemplo). Pecado é sempre algo voltado contra Deus. Uma coisa pode não ser crime, como o egoísmo, por exemplo. Nenhum código de leis proíbe o egoísmo ou o declara como crime. Mas é pecado. O ódio pode ter conseqüências criminosas, mas ele, em si, não é crime. Mas é pecado. Nesta linha de pensamento, há duas observações no *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* que explicitam melhor a questão, na discussão sobre o termo grego mais comum para pecado. A primeira é: "O NT, seguindo o emprego destacado de *hamartanô* e dos seus cognatos na LXX, emprega-os como expressão compreensiva e global de tudo quanto se opõe a Deus". A segunda é: "*Hamartia* sempre se emprega no NT acerca do pecado humano que, em última análise, é dirigido contra Deus"³⁷.

Mas vivemos numa sociedade irreligiosa. Nela, conceitos teológicos são vistos como descartáveis porque as pessoas vivem muito mais em termos de conveniências do que de convicções. Tanto é assim que um dos capítulos do livro de um teólogo chamado Moser sobre pecado tem um capítulo intitulado "Como 'falar' do pecado hoje?"³⁸. O título mostra a necessidade de se tratar da doutrina do pecado por ângulos que os autores bíblicos não explicitaram em seus escritos. Procuraremos fazer isto nesta abordagem, examinar o pecado por uma ótica bíblica que seja relevante para o mundo moderno. Este aspecto é fundamental para uma teologia em nosso tempo. O conceito de pecado vem sendo esmaecido e tratado de forma sentimental. Em um livro sobre o pecado da inveja, assim nos diz Zuenir Ventura:

A psicologia substituiu o pecado pelo sintoma; a sociologia passou a tratá-lo como irresponsabilidade coletiva; e o direito, como crime. Então, eu chego na penitenciária, o camarada cometeu as maiores atrocidades, diz

³⁷ BROWN, Colin (ed.) *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1983, vol. III, p. 487.

³⁸ MOSER, Antônio. *O Pecado Ainda Existe?* S. Paulo: Paulinas, 1977.



que infringiu o artigo tal do código tal, e eu, como não conheço, olho para ele, simpático, e digo: "Tão bonzinho"³⁹.

2 - *Definindo pecado* - É de Sócrates a frase "se queres conversar comigo, define primeiro tuas palavras". O que queremos dizer com "pecado"? Muito da resposta dependerá do próprio conceito de religião que tivermos. Nas religiões mágico-míticas, o pecado é entendido como uma transgressão às regras mágicas ou às da comunidade. Nas religiões de mistério, o pecado é ignorância e a não-adesão aos ritos religiosos. Precisamos de uma visão bíblica correta, bem precisa, para entendermos bem do que estamos falando.

O relato bíblico que mostra a queda do homem é a primeira manifestação de pecado apresentada na Bíblia. Fica bem clara, no episódio bíblico, a sua essência: pecado é uma deliberada transgressão da vontade divina. Neste contexto, uso aqui as palavras que emprego em outra apostila, ao tratar do problema da queda:

Foi um ato de desobediência a uma ordem expressa de Deus. A ênfase, na interpretação correta do acontecido, deve ser na proibição e não na árvore ou fruto. Este é circunstancial. Nas culturas antigas encontra-se também a idéia de um fruto proibido. Provavelmente, memória da raça. Seria o inconsciente coletivo ou seriam os arquétipos de Jung? No texto de 3:6, se vê que o pecado faz um apelo aos sentidos: gustação, vista e tato. "Desejável para dar entendimento" mostra a singularidade do homem: ele quer entendimento. Difere da criação que quer subsistência, somente. Entenda-se, porém, que o pecado não é buscar entendimento. Provérbios exorta o homem a ter entendimento. O pecado é buscá-lo em Satanás. Na mitologia grega, Prometeu foi acorrentado no monte Cáucaso, por ordem de Júpiter, onde um abutre lhe comia o fígado. Seu pecado foi roubar o fogo do céu para animar a vida humana. A Bíblia não mostra Adão como um Prometeu buscando progresso ou conhecimento vedado por Deus, mas como alguém que ouve a orientação do Maligno para obter conhecimento⁴⁰.

Pecado é, pois, desobediência. Desobediência a Deus e não a um líder religioso ou a tradições humanas. Algumas palavras hebraicas vão nos ajudar na nossa tentativa de definição. Este material a seguir está baseado num livro de Crabtree⁴¹. Haverá semelhanças de expressões entre seu livro e este trecho, portanto. Mas o conteúdo é de responsabilidade do autor desta apostila.

(1) *hata'* - errar o alvo. Em Juízes 20.16 se lê de homens que podiam lançar uma pedra num fio de cabelo "sem errar" (*lô hata'*). O verbo é usado mais de duzentas vezes no Antigo Testamento e as formas substantivadas são usadas por 198 vezes. Pecar é errar o alvo, é

³⁹ VENTURA, Zuenir. *Inveja, o Mal Secreto*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1998, p. 132. Neste trecho, Ventura está fazendo uma citação de Karl Menninger, em *O Pecado de Nossa Época*. Tanto que ele aspeia o trecho, mas atribuo a citação a Ventura, pois ele não especifica em que página Menninger teria feito a declaração.

⁴⁰ COELHO FILHO, Isaltino. *Apostila de Teologia Bíblica do Velho Testamento*, STBE, 1998. O texto bíblico aqui citado é Gênesis 3.6.

⁴¹ CRABTREE, A. R. *Teologia do Velho Testamento*. 4ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, p. 154.



falhar no uso de algo de valor. A palavra grega que lhe corresponde é *hamartia*.

- (2) *'avon* - iniquidade, culpa. A raiz desta palavra é *'ava*, que também significa "errar o caminho", mas o termo é usado no sentido de torcer, perverter, desviar, tornar-se culpado de perversidade. Indica a natureza pervertida do homem. É usada 231 vezes e indica pecado de má intenção, como em Jeremias 11.10: "Tornaram às iniquidades de seus primeiros pais, que recusaram ouvir as minhas palavras...".
- (3) *shagag* e *shaga'* - errar, extraviar-se, desencaminhar-se, vaguear, pecar. A idéia é de ignorância ou falta de cuidado. Como em Números 15.27: "Se alguém pecar (*hata'*) por ignorância (*shaga'*) oferecerá uma cabra dum ano como oferta pelo pecado".
- (4) *sur* e *sug* - virar, desviar, afastar, abandonar, revoltar. Derivado de *sur* há o substantivo *sara* que significa deserção. "Depressa se desviaram (*sur*) do caminho por onde seus pais andaram em obediência aos mandamentos do Senhor" (Jz 2.17).
- (5) *natash* e *azab* - também a idéia de abandonar. "Abandonou (*natash*) a Deus, que o fez e tratou com desprezo a Rocha da sua salvação" (Dt 32.15) e "Deixaram (*azab*) o concerto do Senhor" (Dt 29.25). Observe que estes quatro últimos verbos aludem ao abandono do concerto, do *berith* que Israel assumira com Iahweh.
- (6) *'avel* e *'avelah* - desviar do caminho, praticar a injustiça e a perversidade. Verbos mais fortes, como em Isaías 59.3: "...e a vossa língua pronuncia perversidade" (*'avelah*).
- (7) *ta'ah* - vagar, andar à toa, extraviar-se, caminhar a esmo. É muito usado para mostrar o estado da ovelha errante. "Todos nós, como ovelhas, temos andado desgarrados" (*ta'ah*).
- (8) Saindo da área de verbos, que mostram ação, há um grupo de palavras que mostram o estado moral do homem. Por exemplo, *rasha'*, significando "ímpio, culpado, pecaminoso". É o homem do Salmo 1.1, o ímpio ali descrito. Ele é um *rasha'*.
- (9) *pasha'*, como verbo, e *pesha'*, como substantivo, indicam o pecado em nível mais profundo: rebelar-se, revoltar-se. Vê-se seu uso em 1Reis 12.19: "Israel se rebelou (*pasha'*) contra a casa de Davi". Algumas vezes nossas bíblias traduzem por "transgredir", mas este é um uso fraco. *Pasha'* é mais que violar mandamentos ou proibições. Como bem traduz Crabtree, "é revolta da vontade do homem contra a vontade de Deus".
- (10) Há outras palavras, menos empregadas, que deixamos de observar aqui. O uso pouco freqüente, embora torne a palavra válida, não justifica sua apresentação. Então, deixo de fazê-la para não delongar o assunto. Quem desejar mais extensão, deve procurar a obra citada de Crabtree.

É possível notar que todos os verbos da língua hebraica para "pecado" trazem a idéia de uma atitude consciente, deliberada. Mesmo o chamado pecado de "ignorância" deve ser bem entendido: não é pecado cometido inocentemente, mas pecado por ignorar a lei. Não é que a pessoa seja ignorante, mas que ela ignora a lei.



Pecado, é portanto, uma atitude diante de Deus, bem mais do que atos. É desobediência e rebelião. O pecador, portanto, nunca é um coitado ou uma vítima do meio, da deseducação ou produto da falta de oportunidade, no ensino do Antigo Testamento. É alguém que é pecador porque optou pelo pecado.

Sobre as palavras do Novo Testamento, vamos empregar menos espaço. Não significa isso que o ensino neotestamentário não seja importante. É que a doutrina do pecado não surge no Novo, mas no Antigo Testamento. Por isso centramos nossa atenção primeira e maior nos termos hebraicos. Para definir o ensino do Novo Testamento, basta-nos um esclarecedor parágrafo de Stott:

O Novo Testamento emprega cinco palavras gregas principais para o pecado, as quais juntas retratam os seus aspectos variados, tanto passivos como ativos. A mais comum dessas palavras é *hamartia*, que descreve o pecado com um não atingimento do alvo, ou fracasso em alcançar um objetivo. *Adikia* é "iniquidade", e *poneria* é o mal de um tipo vicioso ou degenerado. Ambos os termos parecem falar de uma corrupção ou perversão do caráter. As palavras mais ativas são *parabasis* (com a qual podemos associar *paraptoma*), uma "transgressão", o ir além de um limite conhecido, e *anomia*, "falta de lei", o desrespeito ou violação a uma lei conhecida. Cada caso subentende um critério objetivo, um padrão a que falhamos em atingir ou uma linha que deliberadamente cruzamos⁴².

Uma particularidade interessante e que não podemos deixar de lado: o Antigo Testamento destaca mais o aspecto de conduta de vida, a forma de andar neste mundo; o Novo Testamento tem mais espaço para o aspecto legal, jurídico, do pecado. Não são contrastes nem choques de cultura, mas complementação de visão. Assim podemos ter uma definição, ainda que superficial, de pecado. Para alguns teólogos, como Strong e Manson, o pecado é egoísmo. Manson, por exemplo, diz que "a essência do pecado é o egoísmo" e que o pecado é a substituição dos dez mandamentos pelo 11^o: "tu te amarás a ti mesmo sobre todas as coisas"⁴³. A pessoa se coloca acima das outras e muitas vezes se põe como seu próprio Deus. Com ele concorda Stott, ao dizer:

Eu mesmo me recordo de quão revelador foi para mim descobrir, especialmente através dos ensinamentos de William Temple, que o que a Bíblia quer dizer "pecado" é, antes tudo, egocentrismo. Afinal os dois grandes mandamentos de Deus são, primeiro, que o amemos com todo o nosso ser; e, segundo, que amemos o nosso próximo, como a nós mesmos. Pecado é, portanto, inverter esta ordem. É colocar a nós mesmos em primeiro lugar, virtualmente proclamando nossa própria autonomia, depois o nosso próximo, segundo a nossa conveniência, e depois, então, Deus, em algum lugarzinho lá nos bastidores⁴⁴.

Para Reinhold Niebuhr, seguindo o ensino de Agostinho, pecado é orgulho. Para Bultmann, pecado é alienação, termo com sentido mais amplo que o usual, hoje. As definições podem variar, mas devemos guardar uma

⁴² STOTT, John. *A Cruz de Cristo*. Miami: Editora Vida, 1991, p. 79.

⁴³ MANSON, T. W. *O Ensino de Jesus*. S. Paulo: ASTE, 1967, p. 301.

⁴⁴ STOTT, John. *Ouçã o Espírito, Ouçã o Mundo*. S. Paulo: ABU Editora, 1997, p. 54.



coisa: pecado é sempre contra Deus. Mesmo quando agimos mal contra os outros, estamos pecando contra Deus, não contra eles. Contra eles agimos mal. Contra Deus pecamos. "Contra ti, contra ti, somente pequei, e fiz o que é mau diante dos teus olhos" (Sl 51.4) foi a declaração de Davi após o mal contra Urias e o adultério anterior com Bate-Seba. Ele errou com os dois, mas pecou contra Deus. O alvo que não acertamos, o padrão que não alcançamos, a lei que quebramos, tudo é vindo de Deus. Por isso pecamos contra ele. As leis sociais vêm dos homens. Por isso o crime é contra os homens. O pecado é contra Deus. Sempre é bom reafirmar isso. Mesmo não sendo criminosa, uma pessoa é pecadora. Alguém pode ser um cidadão de conduta exemplar, nada transgredindo de leis humanas, mas será pecadora, porque em algum momento de sua vida terá desagradado a Deus.

É oportuno lembrar que pecado não é apenas *fazer, cometer o erro*. É, também, deixar de fazer o bem. "Aquele, pois, que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado" (Tg 4.17). Peca-se por cometimento e peca-se por omissão. Mas é mais oportuno lembrar, ainda, que pecado não é apenas *fazer ou deixar de fazer*. Na realidade, pecado é *ser*. O pecado não está nos atos, mas no que o gera, na mente, no pensamento, na interioridade do homem. Jesus mostrou que não é o ato do adultério que é pecado, mas o pensamento impuro que o produz (Mt 5.27-28). Não é o homicídio que é pecado, mas o pensamento que o produz (Mt 5.21-22). O adultério e o homicídio apenas confirmam externamente um pecado assumido internamente. Mais que atos, pecado é um estado da alma. Ele está dentro do homem, que é pecador, que tem inclinação para o mal, que foge do bem, que se rebela contra Deus. Há uma excelente observação de Packer, com que encerraremos estas considerações, para definir pecado:

Em termos positivos, qual é a essência do pecado? *Brincar de Deus*. E, como um meio para tanto, recusar-se a permitir que o Criador seja Deus, até onde estiver envolvido aquele que assim agir. A atitude que é a essência do pecado consiste em viver, não para Deus, mas para si mesmo; amar, servir e agradar a si mesmo, sem importar-se com o Criador (...) O pecado é a exaltação de si mesmo contra o Criador, evitando prestar a homenagem que lhe é devida e pondo-se no lugar dele como o padrão final de referência, em todas as decisões da vida (...) Assim, o pecado é a imagem do Diabo, pois o orgulho auto-exaltado foi o seu pecado antes que se tornasse o nosso (1Tm 3.6)⁴⁵.

Com isto em mente, guardemos as palavras de Provérbios 4.23: "Guarda com toda a diligência o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida.". Ter cuidado do interior é uma grande necessidade em nossa vida.

3 - As causas do pecado - Por que o homem peca? "Falta de instrução", dirão alguns. Conhecemos o conceito espírita: "Educai as crianças e não será preciso punir os homens". É verdade isso? O problema do homem é apenas educação? As câmaras de gás nazistas foram construídas sob supervisão de engenheiros formados. As crianças judias foram envenenadas por médicos diplomados. Médicos e enfermeiras bem instruídos, acadêmica e socialmente, praticam aborto. Alguns dos maiores homens pecadores deste país não são os

⁴⁵ PACKER, J. I. . *Vocábulo de Deus*. S. José dos Campos: Editora Fiel, 1994, p. 65. O itálico é de Packer.



mulatos e pardos das favelas do Rio, que a mídia chama de "traficantes de drogas". São seus chefes, brancos, de cabelos lisos e olhos claros, emergentes sociais moradores em mansões e circulando na alta roda da sociedade. Os favelados são apenas material desgastável e substituível. Morto um, logo é substituído.

"O homem peca por causa do ambiente, da sociedade", dizem alguns sociólogos um pouco superficiais em suas análises. Será verdade que o homem é produto do seu meio, exclusivamente? Por que alguns filhos de marginais se tornam homens santos, e filhos de líderes cristãos se tornam autênticos monstros? O meio em que uma criança se cria pode influenciar, mas há sempre um fator de decisão. Em meios negativos, pessoas de elevado caráter têm se desenvolvido.

"Falta de religião", dirão outros. Mas o que podemos dizer das guerras religiosas? Que dizer das cruzadas e da Inquisição? E algumas atitudes que se vêem em reuniões administrativas de igrejas e em plenários de convenções? O que dizer do conceito de *jihad*, a guerra santa, dos árabes? Algumas das pessoas mais cheias de ódio no mundo têm sido as pessoas religiosas! Como não lembrar do semblante carrancudo, zangado, do aiatolá Khomeini e de sua sentença de morte contra Salman Rushdie, dizendo que quem o matasse estaria fazendo um favor a Alá? Infelizmente, as religiões têm semeado muito ódio no mundo. Algumas das pessoas mais cruéis da história foram religiosas e suas crueldades foram perpetradas em nome da fé. Pecado não é falta de religião nem de religiosidade. Aliás, em nome destas, muitos pecados têm sido cometidos.

Há uma outra explicação sociológica que é repetida *ad nauseam* (até o enjoão): pobreza. Todos os nossos males são derivados da pobreza. Os homens praticam o mal porque são pobres. Mas os países ricos são e goístas, guerreiam, saqueiam e predam as nações mais fracas. Aliás, muito da riqueza das nações poderosas foram pilhadas de outras mais pobres. E sabemos que pessoas ricas cometem crimes hediondos. O pecado não conhece cor nem situação social ou econômica.

Segundo Efésios 2.2-3, há uma trindade negativa, destruidora, agindo no homem: o mundo, o príncipe das potestades do ar e a carne. Nossa visão do assunto, aqui, será sucinta. Quem desejar mais profundidade deve ir ao livro de Shedd sobre esta trindade⁴⁶. De passagem, diga-se que estas observações não são síntese do seu livro nem se baseiam nele. Vejamos cada um destes personagens.

4 - O mundo - Mundo, no ensino bíblico, é um sistema de valores corrompidos, voltados contra Deus, produto de uma sociedade humana em rebelião. Aparentemente está se falando a mesma coisa que aqueles que dizem que a sociedade corrompe o homem. Mas o conceito de mundo é mais profundo e abrangente.

Em João 3.16 lemos que Deus amou o mundo. Em 1João 2.15 somos exortados a não amar o mundo, porque quem ama o mundo não tem o amor do Pai em si. No primeiro texto, mundo significa a humanidade. No segundo, é um sistema de valores corrompidos. Satanás é seu príncipe (Jo 12.31 e 14.30) e ele, o mundo, está dominado pelo Maligno (1Jo 5.19). A Bíblia não

⁴⁶ SHEDD, op. cit.,



trata do mal ou do pecado de forma abstrata, mas sempre de forma concreta. O pecado se infiltrou na cultura humana. Ele molda as pessoas para que pensem e ajam de uma determinada maneira. Por isso somos recomendados a não permitirmos que ele nos comprima no seu molde (Rm 12.2), não podemos ser massificados pela mídia. Precisamos de autenticidade cristã.

As pessoas sempre pensaram nos "principados e potestades" mencionados por Paulo como se fossem demônios, seres espirituais, anjos caídos. Mas Romanos 8.38 menciona principados, potestades e anjos. Alguns interpretam "principados e potestades" como sendo forças invisíveis que operam na sociedade, com resultados visíveis⁴⁷. Pode ser que sim, pode ser que não. E isto, sem ser mineiro ou tucano. Mas talvez seja mais fácil dizer que "principados e potestades" são poderes malignos infiltrados na nossa estrutura social. Porque erramos ao pensar no pecado tão somente em termos micros, pessoais, deixando de vê-lo em termos macros, estruturais. Não é um absurdo quando lemos, no relato da queda do primeiro homem, que o pecado teve dimensões cósmicas, como se vê na maldição contra a natureza (Gn 3.17 - "maldita é a terra") e na promessa de redenção também para a natureza (Rm 8.20-22).

Logo após a queda, vem uma espiral crescente de maldade, que desemboca no desgosto de Deus que o leva a trazer o dilúvio. É a dimensão histórica do pecado. Devemos prestar atenção neste ponto: a pecado transcende o homem, vai além dele. Enraíza-se na história, ou seja, na cultura e na sociedade. Pensemos nesta declaração de Grelot:

Verifica-se neste caso que os aspectos dolorosos da existência humana sempre se cumprem como consequência do pecado sob todas as suas formas. As narrações de Gênesis 4-11, sob este aspecto são particularmente características. As grandes imagens que por elas perpassam evocam de certa maneira o desenvolvimento da civilização humana e o começo dos grandes fatos sociais que estruturavam a vida dos antigos: vida pastoral e agrícola (4.2), vida urbana (4.17) e classes sociais do deserto (4.20-22), navegação (5.14-16) e cultura da vinha (9.20), instituição dos grandes impérios (10.8-10) e cidades mesopotâmicas (11.2-3), etc. Em cada nova etapa, porém, a corrupção da humanidade acarreta uma multiplicação de males que sobre ela pesam: a guerra fratricida (4.8), a poligamia (8.19) e a cruel vingança do deserto (4.23-24), as catástrofes das quais o dilúvio é o tipo legendário (6.5-8.14), a divisão das nações e das línguas... *nascido no coração do homem, o mal se torna assim fator da história, tal qual a vivemos nós*⁴⁸.

O pecado, portanto, saiu da esfera do coração humano, da individualidade e entrou na história do homem. Enraizou-se nas estruturas sociais, que são produto humano. O homem é um rei Midas às avessas. Tudo que Midas tocava se tornava em ouro. Tudo em que o homem se envolve carrega a marca do pecado e se torna pecaminoso. O pecado é mais que tentação individual. É um princípio operando na sociedade, na história dos

⁴⁷ Esta posição é mostrada por Hammett, na sua apostila já citada, nas páginas 111-112. Não a tinha conhecido, ainda. Ele não parece concordar com ela. Cita-a no bojo de suas considerações sobre o assunto.

⁴⁸ GRELOT, Pedro. *Reflexões Sobre o Problema do Pecado Original*. S. Paulo: Edições Paulinas, 1969, p. 77. O trecho em itálico é meu, para destacar a questão do pecado na história, saindo do âmbito da individualidade para uma presença nas estruturas sociais humanas.



homens. Este princípio pode ser chamado de mundo, como as Escrituras o denominam.

O correlato de "mundo", nos escritos proféticos, por exemplo, é Babilônia. A idéia parece remontar a Babel, onde a humanidade tenta se organizar contra Deus. Recebera a ordem de se espalhar pelo mundo, dominando a terra e sujeitando-a. Mas decidem fazer um nome para si para não serem dispersos. É possível ver desde cedo, nas Escrituras, uma vontade humana organizada e direcionada contra Deus. O Novo Testamento a chama de "mundo". Assim é que Satanás tem a seu soldo agências, ciências, religiões, setores da mídia e da política mundial. É muito difícil olhar para as atrocidades nazistas e stalinistas sem pensar num poder maligno. Os nazistas levaram 6.000.000 de judeus à morte. Stalin enviou 18.000.000 de russos para a morte. Acidente, apenas?

5 - *O príncipe das potestades do ar* - Tratamos aqui do Diabo. Ainda se pode falar dele, em nosso tempo? Para os neo-ortodoxos (uma corrente de teólogos que usa uma linguagem ortodoxa, mas é liberal), a resposta é negativa. Para Bultmann, é necessário demitologizar esta idéia. Para Tillich, podemos falar sobre as forças do mal presentes na estrutura da sociedade, mas não de uma entidade do mal, personificada. Na realidade, ambos negam a existência do Maligno como pessoa. A revista semanal *Época* publicou, na coluna "Religião", uma nota sobre o Pe. Oscar Quevedo em que ele nega a existência de Satanás. Para ele, "o satanás citado nas Escrituras Sagradas nada mais é do que um símbolo para falar do mal que está dentro dos homens"⁴⁹. Um cristão conhecedor das Escrituras dificilmente concordará com Quevedo. Sem concordar com esta postura do padre, me parece que há hoje um exagero em certos círculos evangélicos sobre a pessoa do Diabo. E, em outros, há uma omissão. Numa livraria evangélica, há pouco, procurei uma obra sobre cristologia (o estudo da pessoa de Cristo). Não encontrei uma, sequer. Mas encontrei mais de 40 livros falando sobre o Diabo, sobre batalha espiritual, sobre quebra de maldições. Sem dúvida, é uma aberração o que está acontecendo em nosso tempo: que o Diabo receba mais atenção que Cristo em certos segmentos da igreja evangélica. Do lado da omissão sobre Satanás, é estranho, por exemplo, que a obra *Elementos de Teologia Sistemática*, de Uretta⁵⁰, já citada anteriormente aqui, omita qualquer referência ao Diabo na discussão sobre o pecado. É uma obra recente e a omissão parece revelar um certo descrédito de certos círculos teológicos evangélicos com o papel e até mesmo a existência de Satanás. Mas o que chamamos de "mundo" tem-no como seu príncipe. Parece que é muito difícil ler a Bíblia, principalmente o Novo Testamento, sem vê-lo como um ente. Parece, pelo ensino neotestamentário, que ele é um anjo caído (Ap 12.9-10) e que, nesta queda arrastou outros consigo. As passagens que podem ser usadas aqui são passíveis de outra interpretação e por isso vamos ser lacônicos e austeros, para evitar basear o ensino em textos de interpretação disputada. Evitemos também o conceito medieval de vê-lo como de chifres, pé de bode, tridente, vestido de vermelho, de cavanhaque e cheirando a enxofre. Esta visão impede a compreensão correta do poder do mal por ridicularizá-lo, minimizando seu poder e colocando em xeque a sua existência.

⁴⁹ Revista *Época*, ano I, no. 37, 1/2/99.

⁵⁰ URETTA, op. cit.,



O nome Satanás (Mt 4.10) vem do hebraico *satan*. Significa, originalmente, "adversário". Em Números 22.22, o anjo de Iahweh se põe como *satan*, como adversário, de Balaão. O termo significa um opositor, e quando aplicado ao Diabo, designa seu caráter de oposição a Deus e ao homem, coroa da criação divina.

O nome Diabo (Mt 4.1) significa "caluniador". Remete ao seu caráter como se vê em Gênesis 3: antes de tentar o homem, calunia a Deus, insinuando sua falta de boa vontade para com o homem. A serpente acusou Deus de ser desonesto, mentiroso, para com o homem. Caluniou-o.

Demônio vem do grego *daimon*, originalmente um deus, um poder divino, sobre-humano. Seria uma entidade espiritual. Dizia-se, por exemplo, que Sócrates tinha um *daimon* que o inspirava. O uso que o Novo Testamento faz do termo é sempre de um poder hostil a Deus. Pelo que lemos em Marcos 3.22, seu líder se chama Belzebu.

Este é um nome estranho que não surge em nenhum outro escrito judaico, além das citações nos evangelhos. Que significa? Segundo Myers, é um "obscuro nome provavelmente oriundo da expressão hebraica que designa 'altura', 'habitação', 'morada'....o nome significa 'Senhor da morada', com referência ou ao ar ou ao possesso em quem ele habita"⁵¹. Mas há outras explicações para o nome. Chouraqui faz a seguinte observação: "Ba'al Zeboul (Belzebu): originalmente, nome do Deus de Eqrôn (Acaron), chamado por zombaria de Ba'al Zeboub, 'o Senhor das moscas', em 2Rs 1.2 e seguintes. Aqui, o chefe dos demônios (cf. Mt 10.25, 12.24 e Lc 11.15)"⁵². Hurtado segue na mesma linha, com uma observação sobre o termo:

Belzebu: (grego, *Beelzeboul* é nome de Satanás, nos evangelhos, talvez derivado de um substantivo antigo designativo de uma divindade cananita (Baalzebub), que significava 'senhor do lugar alto'. 2Reis 1.2-6 e 16 faz referência a este deus, que nesta passagem é chamado de Baal-Zebube, que significa 'deus das moscas', talvez um trocadilho com o verdadeiro nome⁵³.

Mais uma citação completará o lançamento de luzes sobre o sentido do nome. Vem de Schniewind: " 'Belzebu' também recebe a explicação de 'deus-bosta' e a grafia corrente entre nós, 'Beelzebub' significa 'deus-mosca'⁵⁴.

Juntando tudo, podemos entender o sentido do nome. Os pagãos tinham uma enorme fascinação pelo mistério da vida, pela sua continuidade e pelo ciclo vida-morte-vida. Observavam que nas fezes dos animais se ajuntavam moscas que delas se alimentavam. De algo expelido pelo organismo, morto, pútrido, vinha a vida. Belzebu está relacionado com o culto às moscas das fezes, significando a vida que se nutre da morte. Significava um dos termos mais baixos, mais vulgares, para o Diabo.

Em Levítico 17.7 aparece *shairym*, que designava um ser peludo, cabeludo, como um sátiro. Em Deuteronômio 32.17 encontramos *shedym*, um termo empregado pelos assírios para designar um ente maligno.

⁵¹ MYERS, Ched. *O Evangelho de S. Marcos*. S. Paulo: Paulinas, 1992, p. 209.

⁵² CHOURAQUI, André. *A Bíblia - Marcos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996, p. 75.

⁵³ HURTADO, Larry. *Marcos*. Miami: Editora Vida, 1995, p. 79

⁵⁴ SCHNIEWIND, Julius. *O Evangelho Segundo S. Marcos*. S. Bento do Sul: Distribuidora Literária Cristã, 1989, p. 59.



Encontramos o termo grego *drakôn*, de onde nos vem dragão. Remonta a um monstro mitológico, apocalíptico, um monstro do caos. A cultura hebraica conhecia este mito e usava uma palavra para *drakôn*: era *tan*, cujo plural era *tanym*. A idéia era de um monstro marinho (provavelmente o Leviatã) que nadava no caos, quando só havia este, antes da criação, do ato ordenador de Deus. Foi por Deus dominado e assim a criação sucedeu. *Tan* luta contra Deus porque quer o caos de volta. Entre os hebreus, este monstro era chamado de Raabe (não a mulher que abrigou os espias, em Josué 2): Jó 26.12, Salmo 89.9-10 e Isaías 51.9.

Toda esta diversidade de termos serve para mostrar o conceito dos antigos sobre o poder do mal operando no mundo e levando os homens ao erro. Talvez devêssemos nos descartar de muitos de nossos conceitos, mais hollywoodianos que escriturísticos, e examinar com atenção estes termos para uma compreensão mais correta do ensino bíblico.

6 - *Obsessão e possessão* - É preciso entender bem a ação do Maligno. Ela não sucede apenas em caso de tentação, mas também de obsessão e de possessão. Estamos mais acostumados com o segundo termo, até mesmo porque há, na Bíblia, inúmeros relatos de pessoas possuídas por demônios. Dentre os muitos, fiquemos com Marcos 7.24-30 e 9.17-29. Observa-se nos relatos citados e em outros, a mudança de personalidade e de comportamento da pessoa. Em alguns casos, no relato bíblico, a pessoa assume uma força física descomunal (Lc 8.29), conhecimento sobrenatural (Lc 8.28) e comportamento auto-destrutivo (Mc 5.5). Observa-se que Satanás toma conta das faculdades físicas, mentais e psicológicas da pessoa. Invade e domina sua personalidade completa. A obsessão difere da possessão porque não há um caso de "invasão" do corpo e da mente da pessoa, mas a "plantação" de uma idéia em sua mente. É o caso de pessoas com tendências depressivas, suicidas ou imorais. A obsessão é uma tentação continuada, como uma idéia fixa na pessoa. Podemos exemplificar a obsessão com o episódio de Saul obcecado pela idéia de matar Davi. Tornou-se uma fixação em sua mente. O rei manteve suas faculdades mentais, sua voz não mudou, não houve alterações em sua força física, mas havia uma idéia fixa: matar Davi. Um caso típico de obsessão.

Nos dias atuais, muita confusão tem sucedido nas nossas igrejas por causa da difusão de ação demoníaca (ou pseudo-ação) por parte de determinados grupos evangélicos. Torna-se necessário o uso de muita cautela e, ao mesmo tempo, discernimento espiritual para se evitar fraudes e comportamento aprendido bem como atribuir à ação maligna aquilo que é farsa, doença psicológica ou manipulação humana. Embora o assunto demande mais espaço do que podemos empregar aqui, duas verdades devemos ressaltar sobre a ação demoníaca e o cristão. Estas duas verdades são ressaltadas, entre muitas que aqui poderiam ser mostradas, por causa de dois aspectos: a idéia que se difunde de "crentes endemoninhados" que se vêem em círculos do baixo-pentecostalismo e a ingenuidade dos demônios que aparecem nestes cultos, noite após noite, para apanhar do exorcista. Demônios masoquistas, sem dúvida, porque gostam de apanhar. Estas duas verdades são: 1^a) um seguidor de Jesus Cristo não fica possesso. Os textos de 1João 5.18 e 4.4 são bem significativos. Se um cristão é morada do Espírito Santo, como nos diz a Bíblia, não pode ser morada de um ente inferior e que



a ele se opõe. A 2ª) um seguidor de Jesus Cristo pode sofrer obsessão, ou seja, pode sofrer uma continuada tentação sobre um determinado aspecto. Neste caso, o texto de 1Pedro 5.8 mostra isso.

7 - *Outras atividades malignas* - Alistamos, a seguir, mais algumas atividades demoníacas, de acordo com o ensino das Escrituras:

- (1) Tentação - Esta é uma ação demoníaca, conforme lemos em 1 Tessalonicenses 3.5. A tentação, em si, não é pecado. Jesus foi tentado. O pecado é ceder à tentação. Para Hammett, é "difícil definir esta diferença"⁵⁵. Com todo respeito ao autor, que me parece profundo, não me parece ser assim. O autor de Hebreus diz que Jesus foi "tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado" (4.15). Ser tentado é sofrer um apelo aos apetites e paixões, mas ter apetites e paixões não significa ceder a eles. A questão pode ser compreendida numa citação um tanto simplória, mas bastante realista, feita por um desconhecido: "Não podemos evitar que os pássaros voem sobre nossas cabeças, mas podemos evitar que façam ninho nelas". Em outras palavras, ser tentado não é pecado. Dar ouvidos à tentação ou acalentá-la no coração, isso sim, é pecado.
- (2) Ilusão - Esta é uma ação demoníaca: iludir as pessoas. A tentação não é um apelo para algo ruim aos sentidos, mas pelo contrário. Na tentação do primeiro casal, vemos que houve um apelo aos sentidos como gustação e visão e aptidão para dar entendimento. Foi mostrado como sendo algo bom. A mente humana é cegada para o bem e, nesta falta de visão, vê o mal como algo bom. Esta atitude de cegamento das pessoas pelo Maligno se vê em 2Coríntios 4.4.
- (3) Engano - Satanás não aparece de chifre, peludo, pés de bode, vestido de vermelho e fedendo a enxofre. Esta visão é medieval, de escritores religiosos e não bíblica. Ele aparece até como anjo de luz (2Co 11.14). No seu romance *O Evangelho Segundo o Filho*, Norman Mailer põe uma observação curiosa na boca de Jesus, ao ser tentado: "O Diabo é a mais bela criatura de Deus"⁵⁶. Obviamente não se vê a obra de Mailer como inspirada. O livro é fraco, como obra literária, e seu Jesus é patético. Mas sua palavra merece ser pensada. Um ente horripilante agradaria tanto aos homens? Coisas ruins atrairiam tanto?
- (4) O uso de pessoas - Como em João 13.27. Como na palavra de Jesus, repreendendo a Pedro, vendo-o como agente satânico, em Mateus 16.23.
- (5) Ele pode exercer ações físicas na vida da pessoa. Pode causar-lhes moléstias, como lemos em Jó 2.5-10 e Mateus 9.33. E pode, também, causar-lhes distúrbios mentais, como em Marcos 5.4-5. Pode, ainda, disseminar falsas doutrinas, como se vê em 1Timóteo 4.1 e pode colocar obstáculos na vida de um filho de Deus (1Ts 2.18). Ou seja, sua ação é mais que apenas espiritual ou mental. Pode ser por eventos e em atuações físicas.

⁵⁵ HAMMETT, op. cit., p. 115.

⁵⁶ MAILER, Norman. *O Evangelho Segundo o Filho*. Rio de Janeiro : Record, 1998, p. 41.



Sua atuação se faz sentir em três níveis: 1º) ocultismo, 2º) possessão, 3º) obsessão. O ocultismo leva a tirar a fé em Deus e colocá-la em coisas, símbolos e objetos que têm ligação com o Mal. A possessão se dá quando ele possui alguém. A obsessão se dá quando ele "planta" uma idéia na cabeça de uma pessoa. Em todos esses casos, como procede o crente?

8 - A ação cristã face ao Maligno - Devemos evitar dois erros na nossa análise da obra do Maligno. Um é o erro cometido pelo neo e baixo pentecostalismo que fazem dele o astro principal do culto e armam um espetáculo que muitas vezes beira o circense. O outro é reduzi-lo ao nível de manifestações espirituais que podem ser combatidas com estudos bíblicos e mais doutrina ou simplesmente negá-lo. E, fugindo também da atitude de alguns que o vêem como tão poderoso que se apossa de crentes. Em outras palavras, um erro é maximizá-lo. Outro é minimizá-lo. Sobre isto, então, façamos três observações sobre o crente, em relação a Satanás:

1º) ele não fica possesso - 1Jo 5.18 e 4.4

2º) ele pode sofrer obsessão - 1Pe 5.8: ele anda ao nosso redor.

3º) ele não deve se relacionar com o ocultismo - Ef 5.11. Deve evitar credices e superstições como figa, pata de coelho, trevo de quatro folhas, esfregar barriga de Buda, cristais, etc.. Além de serem atos inúteis, mostram uma atitude de envolvimento com o oculto.

Como proceder, então?

1º) compreendendo sua sutileza - 2Co 11.14. Não fede a enxofre nem tem patas de bode, como dito. No filme *A marvada carne* (sic), ele aparece como uma mulher insinuante e indefesa, carente diante de um homem gentil. Para muitas mulheres carentes aparecerá como homem atencioso. Para alguém necessitado, como o dinheiro que resolve o problema, etc. Não será o homem nem o dinheiro, mas se valerá deles. Não se trata de demonizar tudo, mas reconhecer que ele se vale das carências humanas e não de suas sobras. No episódio da tentação de Jesus, vemos que ele se valeu de aspectos que significam muito para o Salvador: comida (foi logo após seu jejum - não durante o jejum), poder e uma maneira de se apresentar como Filho de Deus evitando a cruz. Por que sofrer o Getsêmani e o Calvário se poderia ter o reconhecimento público atirando-se do pináculo do templo? Comida, poder e plena realização com ausência de sofrimento. Uma excelente plataforma ministerial. Qual ministro não gostaria de ter suas necessidades materiais atendidas e, ao mesmo tempo, pleno sucesso em seu ofício, sem muitos problemas?

2º) não lhe dando lugar - Ef 4.27. Muitos de nós damos espaços e cedemos nossa mente permitindo a obsessão. Em Mateus 12.43-45, vemos que uma mente vazia é uma atração para demônios. Uma opção é encher a mente de coisas boas: Colossenses 3.1-3.

3º) resistindo-lhe - Tg 4.7b. Alguns capitulam com facilidade. Hebreus 12.4 e 1Pedro 5.9 cabem aqui. Não basta identificar a tentação. É necessário não querer cair nela.

4º) sujeitando-nos a Deus - Tg 4.7 a. Ele é um anjo, mesmo que caído, e fomos feito abaixo dos anjos, como lemos no Salmo 8.5. Na RAB, este versículo ficou mal traduzido: "menor do que Deus". É uma tradução



equivocada de *elohym*. Em favor da interpretação de que o homem foi feito abaixo dos anjos, cito Plummer⁵⁷ e Chouraqui, que, inclusive faz a seguinte observação de rodapé: '**um Elohim**: Um ser angélico pertencente à corte celeste de Iahweh/Adonai"⁵⁸. Isto se torna necessário de ressaltar devido ao triunfalismo de certo tipo de espiritualidade que faz o Diabo fugir do crente, que pode amarrá-lo, inclusive, com uma simples palavra. Tal ato, sem dúvida, resolveria todos os problemas do mundo. Bastaria amarrar Satanás para sempre. Ou fazer uma corrente de crentes, orando, em plantão, para declará-lo amarrado (aliás, quem o solta, já que em todo culto o amarram?). Mas a questão é que em vez de ser mostrado nas Escrituras como se fosse um animal domesticado que pode ser amarrado, ele é mostrado como um leão, rugindo e buscando a quem possa tragar, como diz 1Pedro 5.8. A melhor atitude a ser tomada por um cristão é sujeitar-se a Deus e resistir ao Maligno, conforme Tiago.

9 - *A carne* - O terceiro elemento desta "trindade" é *carne*. Seu sentido é bem mais amplo que nossa estrutura física. Citemos, neste contexto, as palavras de Chafer: "A palavra 'carne' (no grego, *sarx*) é traduzida na *New International Version* como 'natureza pecaminosa' e se refere não ao corpo físico mas antes à natureza do homem em seu estado caído"⁵⁹. Esta natureza impele o homem para a prática do mal, mesmo quando ele conhece o evangelho. Cabem muito bem aqui as palavras de Paulo: "... mas eu sou carnal, vendido sob o pecado. Pois o que faço, não o entendo; porque o que quero, isso não pratico; mas o que aborreço, isso faço (...) Agora, porém, não sou mais eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim" (Rm 7. 14b-15 e 17). A seguir, declara o apóstolo: "Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne. Não habita bem algum" (Rm 8.18). Este é sentido de carne no escrito paulino, a natureza humana caída. No Novo Testamento, o termo é "usado em sentido figurado para designar tudo quanto é terreno, sem relação para com Deus, que vive para si"⁶⁰. Esta natureza milita contra o homem e o leva à prática de pecados.

Não se deve, no entanto, pensar em carne como no pensamento grego, de ser ela a prisão do espírito. Não pensemos numa alma boa aprisionada numa matéria má. Como dito, a questão, aqui, não é física. É de natureza espiritual. É ela que dita ao homem a sua conduta. Em Efésios 2.3 Paulo diz que antes da conversão andávamos segundo os desejos da carne. Ou seja, a natureza corrompida nos dominava completamente.

A própria vida cristã traz esta tensão: tínhamos a natureza de Adão e, pela conversão, ganhamos a de Cristo, mas ainda sofremos, como no texto de Paulo aos Romanos, os efeitos desta natureza adâmica. Afinal, perdemo-la ou não? Creio que sim e que não. Se dissermos que a perdemos por completo, cairemos no pelagianismo: pecado é apenas um ato, e não pode ser concebido em termos de uma natureza ou do caráter do homem. Os desdobramentos desta posição são danosos. Agostinho, na sua polêmica com

⁵⁷ PLUMMER, William. *Psalms*. Edinburgh: The Banner of the Truth Trust, 1975, p. 126.

⁵⁸ CHOURAQUI, André. *Louvores I*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1998, p. 72.

⁵⁹ CHAFER, Lewis Sperry. *Systematic Theology*. Wheaton: Victor Books, 1984, vol. 1, p. 405. NIV é a abreviatura de New International Version, excelente versão com excelentes notas de rodapé.

⁶⁰ VV. AA. *Pequeno Dicionário de Termos Teológicos*. S. Leopoldo: Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 1967, tópico "sarx".



Pelágio, mostrou ter entendido bem a questão: se pecado são atos, apenas, a vontade e a determinação podem abafá-lo. Citando Häglund: "Pelágio também afirmava, falando em geral, que o homem pode avançar até a perfeição, que pode evitar cada vez mais o mal e escolher o bem"⁶¹. Para Pelágio, não havia uma natureza pecaminosa. Tudo era questão de determinação. Tal situação levaria a um perfeccionismo que dispensaria a graça. Parece que a polêmica entre Pelágio e Agostinho deixou duas posturas que nos ajudam a entender a tensão. Para Pelágio, a situação era *não posso pecar*, pois o perfeccionismo levava a este ponto. Para Agostinho, a situação era *posso não pecar*. Na natureza em Adão, o homem é escravo do pecado. Como disse Jesus: "... aquele que comete pecado é escravo do pecado" (Jo 8.34). Na natureza em Cristo, temos as palavras de Paulo: "o pecado não terá domínio sobre vós" (Rm 6.14). A natureza da carne inclina para a morte. A natureza em Cristo, que Paulo, em outro texto, chama de "inclinação do Espírito" leva para a vida e para a paz: "Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz" (Rm 8.6).

Na simplicidade (e, ao mesmo tempo, profundidade) dos seus ensinamentos, Jesus expressou muito bem esta questão quando definiu que o pecado vem do interior do homem, de seu coração: "porque do coração procedem os maus pensamentos, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias" (Mt 15.19). O termo "coração" (*lev*, no hebraico) designa a interioridade do homem, a sede das decisões. O pecado é mais que influência do mundo exterior, uma força social que impele o homem ao mal. É sua natureza, a carne, portanto. Temos, portanto, a ação satânica, um conjunto de valores organizados pelo Mal e voltados contra Deus e nossa natureza. Estas três forças operam para levar-nos ao pecado.

10 - A universalidade do pecado - Mas estamos discutindo a questão do pecado. A abordagem sobre Satanás foi feita na análise das forças que levam o homem ao pecado. Cabe agora abordar a questão da universalidade do pecado. Na sua oração de dedicação do templo, Salomão deixou esta expressão: "pois não há homem que não peque" (1Rs 8.46). O substrato disto é o fato de que os homens são irmãos por causa da paternidade biológica de Adão. Com sua expulsão do Éden, toda a humanidade nasceu fora do paraíso e em pecado. Por isso, a universalidade do pecado alcança a todos os homens, como lemos em Romanos 3.10-18 e Salmo 14.1. É curiosa a declaração de Gênesis 5.3 de que Adão "gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem". Ele é pecador e gera filhos semelhantes a ele, também pecadores. É por isso que toda a sua descendência é pecadora. Uma expressão de Pascal esclarecerá o ponto: "Nascemos iníquos; cada um tende a agradar a si mesmo, e a tendência de agradar ao eu é o início de toda a desordem"⁶².

Parece não haver muita necessidade de debater este ponto da universalidade do pecado. Até mesmo sem um uso extenso da Bíblia podemos chegar a esta conclusão. As palavras de Milne são bem lúcidas ao comentar este ponto da teologia, a universalidade do pecado: "Esta afirmação bíblica é amplamente corroborada pela antropologia social e pela experiência

⁶¹ HÄGLUND, op. cit., p. 112.

⁶² SAYÃO, Luiz. *Cabeças Feitas - Filosofia Prática para Cristãos*. 2ª ed. S. Paulo: Grupo Interdisciplinar Cristão, 1998, p. 56.



comum"⁶³. Não é necessário um grande esforço para confirmarmos isso. Por exemplo, o salmista mostra Deus esquadrinhando a terra, atentamente, para encontrar um homem sem pecado, mas sem achar um só sequer (Sl 14.1). O próprio Jesus considerou os homens como sendo maus: "Se vós, sendo maus..." (Lc 11.13). Ele considerou todos os homens como maus e pecadores. Por isso, na oração modelo, ensinou os discípulos a orarem pedindo o perdão dos pecados (Mt 6.12). O ensino aqui é riquíssimo. A necessidade de perdão dos pecados é tão grande como a necessidade do pão diário.

Um aspecto outro a notar na questão da universalidade do pecado é sua extensão, não apenas geográfica (a raça), mas também existencial. Ele afeta o ser humano por inteiro e não apenas sua mente. Não apenas na área sexual (área em que nossas igrejas estão sempre atentas), mas na área relacional, também. Um exemplo: os maiores problemas dentro das igrejas não são causados por órgãos sexuais, mas pela língua descontrolada. A língua é o órgão do corpo humano que mais estragos faz nas igrejas. O pecado afeta toda a vida da pessoa. Afeta sua vontade (Jo 8.44), a mente e o entendimento (Gn 6.5, 1Co 1.21, Ef 4.17), os sentimentos (Rm 1.24-27) e nossas palavras e atitudes (Gl 5.19-21 e Tg 3.5-9). Isso é o que em teologia se chama *depravação total*. O termo se presta a interpretações equivocadas, por isto, voltemos a Milne:

A frase não significa que sejamos tão maus quanto seria possível, o que nos igualaria aos demônios; porém nenhum aspecto de nossa natureza é deixado intacto pelo pecado; não podemos citar qualquer área de nossa personalidade para reivindicar autojustificação moral (...) Não existe dentro da personalidade humana uma 'reserva ecológica' em que o 'estado original' do homem seja preservado intacto. Estamos totalmente decaídos e portanto totalmente necessitados de redenção⁶⁴.

O termo foi usado pelos calvinistas e batistas e quer dizer que a queda teve o poder de afetar toda a vida do homem, em todos os níveis, sem exceção. Não se pode confiar em nenhum aspecto da natureza humana pensando que ele não foi corrompido. O termo é, portanto, empregado com o sentido de extensão (totalidade) e não de profundidade (mais ou menos depravado).

11 - O pecado social - O pecado não tem dimensões apenas individuais. Tem, também, uma dimensão cósmica, como lemos na maldição sobre a terra, quando da queda da humanidade: "maldita é a terra por tua causa" (Gn 3.17). Paulo mostrará, mais tarde, que a redenção de Cristo não é apenas a salvação dos homens, mas a reconstrução da criação, na famosa frase de 2Coríntios 5.17. No trecho de Romanos 8.19-22 ele mostra que a obra de Cristo abrange também a restauração da natureza. Ele é o Salvador de todas as coisas e não apenas dos homens, porque tudo, e não apenas o homem, foi corrompido. "Eis que faço novas todas as coisas" (Ap 22.5) mostra que em Jesus Cristo Deus está criando um mundo novo. A salvação é a recriação.

Mas além desta dimensão cósmica devemos observar o pecado na sua dimensão social. Sendo o homem um ente relacional, o pecado afetou sua

⁶³ MILNE, Bruce. *Conheça a Verdade*. S. Paulo: ABU Editora, 1987, p. 107.

⁶⁴ MILNE, op. cit., p. 108.



capacidade de relacionar-se com as demais pessoas e não somente com Deus. No episódio da queda vemos Adão colocar a culpa sobre Eva. Esta coloca sobre a serpente. Há um mal relacionamento, agora. O homem passa a se relacionar mal com Deus e com o seu próximo. Este mau relacionamento com o próximo é a dimensão social do pecado. Em nosso tempo vemo-lo presente nas relações sociais, econômicas e políticas.

Os profetas pregaram veementemente contra os pecados sociais. Mas boa parte da preocupação de nossas igrejas é contra desvios litúrgicos e vícios como o da embriaguez e do fumo (com os quais também não concordo). No entanto, fechamos os olhos para o pecado social. Sobre este escrevi em outro lugar:

O pecado tem uma dimensão individual. Está no indivíduo. Mas tem uma dimensão social. Está nas estruturas. Não pregamos contra as estruturas e deixamos as pessoas com a noção de que as coisas são assim mesmo, que não mudarão nunca, que só quando Cristo vier é que esses problemas vão ser resolvidos. O descaso com a vida humana, como se vê nos hospitais do Brasil, nada tem a ver com a volta de Cristo. É questão de pouco respeito pela vida, de cinismo, de absoluta insensibilidade de uma classe política baixa e vulgar, que vive nababescamente às custas dos cofres públicos. Uma classe iníqua, contra a qual Amós disse: "...dormem em camas de marfim, e se estendem sobre seus leitos, e comem os cordeiros tirados do rebanho, e os bezerros do meio do curral; que garganteiam ao som da lira, e inventam para si instrumentos musicos, assim como Davi; que bebem vinho em taças, e se ungem com o mais excelente óleo; mas não se afligem com a ruína de José" (Am 6.4-6). Uma classe que vive muito bem, mas não se aflige com a ruína dos zés da vida⁶⁵.

Tirando o mau humor contido na declaração acima (porque foi produto de outro contexto) o fato é que o resto permanece: a dimensão social do pecado é ruínosa e ignorada pelas nossas igrejas. A exploração social, a corrupção política, o comprometimento com a imoralidade administrativa, o racismo, a opressão social, todas estas coisas são pecado. O pecado afetou as estruturas sociais também, porque estas são criação humana. Usamos muito o texto de Romanos 13.1 como uma espécie de mordaza social, mas creio que a interpretação usual, de acomodação e silêncio diante das autoridades, está equivocada. Hitler, responsável pela morte de 6.000.000 de judeus, foi constituído por Deus? Stálin, responsável pela morte de 18.000.000 de russos, foi constituído por Deus? Idi Amin, Bokassa, Hildebrando Paschoal, Fernando Collor e tantos outros que se envolvem com corrupção, eliminação física de discordantes, são homens postos por Deus no poder? Deve-se obedecê-las? A lealdade maior da Igreja é para com Deus e sua Palavra e não com pessoas. Na realidade, é bom enfatizar, a lealdade maior da Igreja não é nem mesmo para com as estruturas denominacionais, mas sempre com Deus e com sua Palavra. Como bem nos diz Francis Schaeffer:

Não existem duas fidelidades iguais. O Estado também está sob a lei da Palavra de Deus. Assim, se pelo fato de termos a bandeira de nosso país em nossa igreja, estamos demonstrando aos nossos jovens que há duas

⁶⁵ COELHO FILHO, Isaltino. *Como Sua Igreja Pode Transformar o Mundo*. S. Paulo: Exodus Editora, 1997, p. 95



fidelidades iguais ou duas fidelidades entrelaçadas, é melhor o fazermos de modo diferente (...) Não há duas fidelidades iguais - César vem em segundo lugar em relação a Deus⁶⁶.

O que Schaeffer está dizendo é muito simples: a lealdade do cristão a qualquer autoridade constituída e mesmo ao Estado (e até à denominação) é penúltima. A lealdade última é para com Deus, sua Palavra e seus princípios e valores. Os valores do reino de Deus estão acima dos valores do reino de César. Isto quer dizer que a consciência social, ditada pelos princípios das Escrituras, não pode ser abafada. Em muitas ocasiões, os profetas de Israel e Judá entraram em choque com as autoridades constituídas. Quando a lealdade ao rei não pôde ser mantida porque entrava em choque com a lealdade a Deus, a lealdade ao rei foi quebrada. A Igreja de Cristo não pode silenciar quando o pecado social, a injustiça, a corrupção, a opressão ao pobre e a imoralidade administrativa campeiam. Sua lealdade final não é à autoridade humana, mas para com Deus.

Elias e depois Eliseu entraram em choque com Jezabel quando sua idolatria e violência ameaçaram a fé hebraica e a paz social. Todos os profetas lutaram contra uma determinada ordem política quando esta se tornou injusta. Amós pregou contra "os que vendem o justo por dinheiro e o necessitado por um par de sapatos" (Am 2.6). Pregou contra a aliança iníqua entre o poder religioso interesseiro e corrompido e um poder civil injusto e explorador, como lemos em Amós 2.8 e 3.10. Pregou contra juízes corruptos (5.7 e 12). Miquéias pregou contra um empresariado explorador (Mq 2.2), juízes e sacerdotes corruptos (Mq 3.11 e 6.11). Esta não é uma questão de ética social, mas de teologia, mesmo: a dimensão social do pecado que invade as estruturas econômicas, políticas, educacionais e sociais. João Batista viu isso, quando aconselhou os publicanos que batizava a não serem corruptos (Lc 3.13) e aos soldados que não usassem da violência nem aceitassem suborno (Lc 3.14). em Atos 4.19, os apóstolos, entre obedecer às autoridades e a Deus, dizem que não podem obedecê-las. A obediência última é a Deus. No livro do Apocalipse, toda a luta dos cristãos sofredores é contra um estado opressor, contra o imperador humano, que queria ser Deus. A palavra de Lutero, ao se separar da Igreja de Roma, pode se aplicar aqui: "minha consciência está cativa da Palavra de Deus". Ela é o padrão final, não qualquer figura humana.

Lembremos, também, que as ações e decisões humanas, em muitas vezes, são produtos de estruturas sociais, de pensamento, de cultura. É lamentável, por exemplo, que o racismo, nos Estados Unidos, tenha sido endossado por muitas igrejas de brancos, de teologia conservadora. A estrutura social estava errada e as igrejas, infelizmente, se enquadraram nelas e as julgaram normais, em vez de combatê-las. Elas não desobedeceram às autoridades, mas pecaram contra Deus por obedecê-las, pelo seu racismo assumido com sua omissão e até mesmo com o seu cometimento. A Igreja Católica Romana pediu perdão aos judeus porque deveria ter sido mais ativa em favor deles quando do nazismo. Agora prepara-se para pedir perdão aos grupos protestantes e a outros grupos que perseguiu durante a Inquisição. As igrejas batistas norte-americanas devem um pedido de perdão aos negros norte-americanos pelo racismo com embasamento

⁶⁶ SCHAEFFER, Francis. *A Igreja no Ano 2001*. Goiânia: Casa Editora Aplic, 1975, p. 106.



teológico que desenvolveram até os anos sessentas. E as nossas também, porque sempre que alguém questionava isso, fechávamos os olhos e ignorávamos o crime dos irmãos batistas norte-americanos. Mas voltando ao pecado social, como nos diz Konrad Hilpert:

Considerado sob o prisma da teoria da ação, o 'pecado social' ressalta o fato de que as ações e as decisões humanas se acham metidas em contextos funcionais abrangentes. Sobretudo os campos sociais da política, da economia, da técnica e da informação se organizam como grandes sistemas, que por suas estruturas fixam em ampla medida no seu agir os atores e os participantes, influenciando-as também em suas relações, em seu pensar e sentir. Contrariamente às ações de pessoas concretas que se reconduzem a atos voluntários, as estruturas são separáveis dos sujeitos individuais que as usam, podendo operar mais ou menos automaticamente⁶⁷.

Esta dimensão social do pecado precisa ser recuperada em nossa teologia e em nossa pregação para que nossas igrejas tenham um procedimento social sadio no mundo. Em termos de missão isso nos ajudaria a entender que não basta pregar esperando a transformação das pessoas, mas também das estruturas, que se mantêm autônomas das pessoas. E, no fim, acabam corrompendo as pessoas, até mesmo as das nossas igrejas.

12 - A questão do pecado original - Parece estarmos fora de nexos quando abordamos o pecado original só agora. Mas há sentido nesta ordem, como veremos, no desenrolar da argumentação. Mas a questão é esta: o que é pecado original? Citemos, para início da resposta, o teólogo Chafer: "O termo 'pecado original' carrega consigo duas implicações: (1) o primeiro pecado da raça, e, (2) o estado do homem em todas as gerações subseqüentes como resultado do pecado original"⁶⁸. A seguir, façamos outra observação sobre escrito alheio, desta vez com Uretta: "Assinala-se com esta expressão, a condição em que se encontram os homens, condição esta a que Paulo se refere com a expressão 'vendido ao pecado'. Os homens encontram-se vendidos ao pecado, como um escravo é vendido a um dono"⁶⁹. Começamos a entender que se refere a uma questão: como o pecado do primeiro casal passou para a toda a raça humana. Mas devemos fazer-nos uma pergunta: como todos nós somos pecadores por causa do pecado de Adão? Com que natureza nascemos? Como dissemos anteriormente, após sua queda, Adão gerou filhos conforme à sua imagem e conforme à sua semelhança, ou seja caídos. Em termos mais simples, podemos resumir isto numa frase: *toda a humanidade nasceu fora do Éden, símbolo da comunhão com Deus*. Como consequência da queda, todos passamos a ser pecadores. Uma simples observação da natureza humana nos ajuda a verificar que não é necessário ensinar uma criança a pecar. Ela o fará, no tempo aprazado. É preciso ensinar-lhe o bem. "Cessai de fazer o mal; aprendei a fazer o bem" é a declaração bíblica (Is 1.16-17). Parece ser natural, no homem, a inclinação

⁶⁷ HILPERT, Konrad in EICHER, Peter. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. S. Paulo: Paulus, 1993, p. 665.

⁶⁸ CHAFER, Lewis Sperry. *Systematic Theology*. Wheaton: Victor Books, 1984, vol. 2, p. 386.

⁶⁹ URETTA, op. cit., p. 138.



para o mal. Ele não precisa ser aprendido. Mas a prática do bem precisa ser aprendida.

No entanto, apesar de toda esta explicação, Champlin argumenta nos seguintes termos:

Até onde sei, esta doutrina foi originada pelo apóstolo Paulo. Nos escritos rabínicos, não há qualquer ensino claro sobre o pecado adâmico transmitido à raça humana. No entanto, como Paulo era fariseu, é perfeitamente possível que a abordagem dele sobre a questão tivesse surgido no judaísmo helenista, não tendo sido originada por ele⁷⁰.

Parece que Champlin sabia pouco, então, já que até onde ele sabia a idéia teria sido criada por Paulo. Cito aqui G. F. Moore, em resposta a esta observação feita por Champlin:

Que o pecado de Adão envolveu toda a sua posteridade, tanto os justos como os maus, é o ensino constante dos rabinos (...) Os antigos conceitos de solidariedade não questionavam essa teoria de que os pecados dos pais recaem nos filhos. Era a doutrina da experiência e também das Escrituras⁷¹.

Não é uma novidade criada por Paulo, mas uma idéia já sustentada anteriormente por rabinos. E se Paulo tinha educação rabínica, já se pode presumir de onde vem sua interpretação. Em resposta, ainda, a Champlin, definamos algo, de início. Uma coisa é uma doutrina ser verbalizada em termos teológicos, ocidentais, próprios de uma cultura cristã. Outra coisa é estar ela presente na Bíblia, sustentada por versículos, de forma clara. Não há uma doutrina sistematizada do pecado original, no Antigo Testamento, mas a idéia está presente no texto já citado de Adão gerando Sete "à sua semelhança, conforme à sua imagem" (Gn 5. 3). O estado de Adão é de um humano caído e assim, ele gera filhos caídos. No Salmo 51.5 temos a expressão de Davi: "Eu nasci em iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe". Ele não era filho ilegítimo, produto de ligação adulterina. Esta declaração alude à sua situação como pecador. A declaração bíblica de Romanos 3.10-12 é bem clara em mostrar todos como pecadores. De alguma maneira, o pecado de Adão está presente em toda a raça humana.

O texto de Romanos 5.12-19 se impõe como necessário para qualquer análise da questão do pecado original. Vejamos algumas idéias que estão bem claras no texto:

- (1) "Por um só homem entrou o pecado no mundo". Adão é o introdutor do pecado na raça humana. Há uma ligação clara entre o pecado de Adão e o da raça humana, apesar do esforço de alguns intérpretes em minimizar ou dar outro sentido ao texto.
- (2) "Porque todos pecaram". A expressão é conclusiva, ao analisar a morte como realidade presente na experiência de todos, morte que sobreveio por causa do pecado. Mas se todos morrem, consequência

⁷⁰ CHAMPLIN, Russel (ed.). *Enciclopédia de Bíblia, Filosofia e Teologia*, 6 volumes. S. Paulo: Candeia, 1991, vol. 5, p. 150.

⁷¹ SHEDD, op. cit., 83.



do pecado, a conclusão óbvia é que todos receberam os efeitos do pecado de Adão.

- (3) "Ofensa de um só" aparece no versículo 15. "Uma só ofensa" surge no versículo 16. "Pela ofensa de um e por meio de um só" vem no versículo 17. "Por uma só ofensa" vem no versículo 18. "Pela desobediência de um só homem" está registrado no versículo 19. A incidência destas expressões deixa bem claro que há uma ligação entre o pecado de Adão e o estado da raça humana. Carregamos o pecado de Adão conosco.
- (4) O contraste entre Adão e Cristo, no texto, é notável. Os efeitos da obra de Cristo caem sobre os que crêem, da mesma maneira que os efeitos da obra de Adão recaíram sobre toda a raça. Se há os efeitos benéficos da obra de um só, Jesus Cristo, (argumento segundo) é porque houve os efeitos negativos da obra de um só, Adão (argumento primeiro).

Creio que este tópico, que pode ter mais considerações no texto bíblico de Romanos, pois não as esgotei, pode receber elementos para mais discussão com uma citação de Lloyd-Jones:

Isto é um ato judicial de Deus. Deus fez o homem e designou Adão como representativo de toda a raça humana. Ele tinha o direito total de fazê-lo. Ele decretou que toda a humanidade deveria ser representada pelo primeiro homem, e deveria sofrer as conseqüências da ação deste homem. E foi isto o que aconteceu. Quando Adão pecou, Deus fez o que disse o que faria e constituiu toda a descendência de Adão como pecadora. Todos pecamos em e com Adão porque ele é nosso cabeça federal e representante; assim Deus nos declarou a todos como pecadores⁷².

Esta expressão "federal", usada por Jones, vem de Agostinho, a quem citamos, neste contexto, para ampliar o conceito:

A teoria Agostiniana (sic) é que os homens estavam embrionariamente em Adão, ou presentes nele, através da substância do seu ser. E que, portanto, pecaram através dele, e são, por isso, condenados. A raça é, pois, culpada do pecado de Adão porque tomou parte nele [...] Mas não há um sentido pelo qual os descendentes de Adão possam ser apresentados como presentes em Adão na ocasião do seu pecado, de modo a justificar a imputação do pecado de Adão a eles⁷³.

A seguir, em nossa argumentação, registramos a observação de Conner que declara que a teoria federal não é melhor, criticando a teoria de que Deus teria feito um pacto com Adão de que se ele não desobedecesse, seus descendentes teriam vida eterna. Se desobedecesse, seu pecado seria debitado aos descendentes. Para ele "tal imputação dos pecados de um indivíduo humano sobre outro, na base de um concerto em que, aquele a quem o pecado é imputado nada tem a ver, é o cúmulo da injustiça"⁷⁴. Mas,

⁷² LLOYD-JONES, Martin. *Romans - Exposition of Chapter 5*. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 2ª ed., 1974, p. 273.

⁷³ CONNER, Walter. *O Evangelho da Redenção*. 2ª ed., Rio de Janeiro: JUERP, 1981, p. 36.

⁷⁴ *Ib.*, *ibidem*, p. 37.



embora tenha um grande respeito por Conner e tenha bastante do meu pensamento teológico influenciado por ele, duas observações corretivas tenho que fazer às suas declarações. A primeira é que aceitar a teoria federal não significa aceitar este hipotético pacto de Deus com Adão, no Éden. A segunda é que a injustiça que ele vê na imputação dos pecados de um indivíduo sobre outro se repete na Bíblia, como no episódio de Acã, como nos relata Josué 7. É reafirmado no episódio do censo que Davi faz, desagrada a Deus e traz conseqüências sobre o povo (2Sm 24.10-15). Conner entende que o pecado original é por causa da unidade da raça. Esta sua argumentação está na obra citada, à pagina 37. É longa sua explicação para inseri-la numa apostila, mas o aluno desejoso de saber mais deve ir a Conner para entendê-la. Na realidade, se há diferença entre o conteúdo da posição de Conner e a de Agostinho, esposada por Lloyd-Jones, é bem sutil, e se necessita de bastante esforço para deixar as margens de ambas bem delineadas.

13 - Opções na interpretação do pecado original - Devo a Hammett a nomenclatura deste tópico. Ele mostra a necessidade de se fazer esta abordagem. A argumentação a seguir não é dele, é minha, mas concedo-lhe o mérito.

- (1) Uma delas é que Adão é apenas um exemplo negativo. A conexão entre seu pecado e nosso estado não pode ser feita. Nossa condição de pecadores não vem conosco, mas é uma opção de vida que fazemos em um determinado momento. Esta posição se aproxima muito do pelagianismo. Hägglund nos afirma o seguinte sobre Pelágio e seu conceito de pecado original:

Pelágio rejeitou a idéia de que se deve conceber o pecado em termos da natureza ou do caráter do homem. O pecado não é defeito da natureza mas da vontade. Como resultado, também negou-se a aceitar a doutrina do pecado original. Pecado é apenas o que o homem faz, e por causa disto não pode ser transmitido por herança, não pode estar implícito na natureza⁷⁵.

- (2) Nossa presença em Adão. Esta posição é chamada de "identidade seminal" ou "identidade real". Todas as pessoas, toda a raça humana, estavam presentes em Adão. É a posição agostiniana, como já visto. Hebreus 7.9-10 é usado aqui para mostrar nossa ligação física com Adão. Infelizmente, na sua interpretação de Salmo 51.5, texto que usei sem este sentido, Agostinho identificou a transmissão do pecado original com o ato sexual. Esta visão trouxe terríveis conseqüências para o cristianismo na sua visão do corpo e do material. Produziu uma terrível má vontade para com o mundo material, influência presente ainda em muito do nosso discurso, que privilegia o espiritual em detrimento do material. Vemos isso hoje: o que se passa na igreja é santo, o que se passa lá fora é mundano. Mas sem dúvida que a melhor resposta ao neo-platonismo de Agostinho veio de Jostein Gaarder, em recente obra romaneando

⁷⁵ HÄGGLUND, op. cit., p. 112.



uma fictícia carta de Flora Emília para Agostinho⁷⁶. É uma bem fundamentada crítica à teoria de que o corpo é mau e o espírito é bom, que a mulher é fonte de pecado e o sexo um mal necessário. Calvino segue esta linha, sem os exageros de Agostinho, mas coloca Adão como raiz da raça humana e nós como ramos, participantes da raiz. Assim evita a má vontade de Agostinho para com o mundo material.

- (3) Culpa condicional. Hammett diz ser a posição de Erickson e outros (não menciona quais). Esta teoria concorda que a raça humana caiu com Adão, mas esta culpa não é absoluta, mas condicional. O que significa isto? Que ela não é real ou eficaz enquanto não chegamos à idade da razão e aceitamos a nossa natureza corrupta. Mas citando o próprio Erickson, com suas palavras: "Mas na questão do pecado, assim como na imputação da justiça de Cristo, deve haver algum tipo de decisão consciente e voluntária de nossa parte. Até então só há uma imputação incondicional da culpa. Assim não há condenação até que se atinja a idade da responsabilidade"⁷⁷. Mas eu levantaria uma questão aqui: se uma pessoa não tomasse, em nenhum momento de sua vida, esta decisão consciente e voluntária, ela não seria pecadora? Não é isto um tipo de pelagianismo? Ou, pelo menos, não é um semi-pelagianismo?

A questão não fica resolvida com nenhuma destas interpretações, porque alguns pontos ficam sem resposta. Muito da nossa compreensão, na realidade, vai depender da concepção filosófica que fizermos sobre a natureza do primeiro casal e do conceito de queda que mantivermos. Figuradamente, a questão me parece mais compreensível quando observamos que toda a raça humana nasce fora do Éden, ou seja, fora do lugar original. E que Adão gera um filho à sua semelhança, conforme à sua imagem (Gn 5.3). Sua descendência já tem a *imago Dei* arranhada. Este ponto que já abordei anteriormente e que novamente abordo me parece central para compreender a questão, mesmo que com perguntas que ainda permaneçam.

14 - Implicações teológicas, sociológicas e filosóficas do pecado original - Na realidade, nossa discussão sobre o pecado original, não importa o rumo que tome, remonta a este ponto: se o homem foi criado bom, o que aconteceu? Como sucedeu sua queda? Especificamente, a questão da queda já foi discutida ao falarmos sobre o conceito de pecado porque ali mostramos o que originou o pecado ou o que o pecado causou. As duas leituras são corretas. Mas se o homem foi feito sem pecado, após a queda, o que lhe aconteceu?

- (1) Para Pelágio, nada aconteceu. Continuamos os mesmos, posto que Adão é apenas um mau exemplo que pode não ser seguido. Mas nossa experiência nos ensina que isto não é verdade. E o ensino bíblico corrobora nossa experiência.

⁷⁶ Refiro-me à obra de Jostein Gaarder, *Vita Brevis* (S. Paulo: Cia. das Letras, 1998). É uma leitura indispensável a estudantes de Filosofia e de Teologia. A análise que Gaarder faz da posição agostiniana sobre o mundo material é muito bem fundamentada.

⁷⁷ ERICKSON, op. cit., p. 271.



- (2) Passamos a ter uma tendência para o mal. Paulo discute isto magistralmente em Romanos 7.19-24. Mas podemos vencer as tentações e resistir ao pecado, como vários versículos bíblicos nos aconselham.
- (3) Temos uma natureza pecaminosa que se manifesta em atos. Ou seja, o pecado (princípio que domina o homem e opera em sua vida) gera pecados (atos que são produzidos pela natureza corrompida que é tentada e cai). Textos com Efésios 2.3, Romanos 3.10-12 e 7.18 comprovam isto. O pecado se torna uma realidade inevitável ("não há homem que não peque"- 1Reis 8.46).
- (4) Do ponto de vista social não podemos presumir que o problema básico do homem se resume a mais educação, melhores oportunidades sociais, melhor qualidade de vida econômica. Estas coisas são boas e necessárias, mas o maior problema da humanidade é o pecado. Neste sentido, embora a Igreja deva promover a ação social, a evangelização, que é a proclamação dos atos de Deus em Cristo e uma chamada ao arrependimento e à fé em Jesus é a maior atividade que a Igreja pode realizar. E só ela pode fazer isto. Ação social, qualquer organismo humano pode realizar. Evangelizar, só a Igreja.
- (5) Do ponto de vista filosófico, a moderna antropologia que se difunde por várias ciências como a Psicologia, a Sociologia e outras, que minimizam ou negam a questão do pecado, se constitui num engodo. Tentar abafar a noção de pecado numa sociedade é como quebrar um termômetro que registra a febre para ver se esta abaixa. Negar o pecado não cria um homem melhor, livre de tabus e preconceitos, mas produz uma sociedade amoral, o que é pior que uma sociedade imoral.

15 - Uma consideração final - Mais uma vez, citando Hammett, é oportuno encerrarmos a discussão sobre o pecado observando os três estágios com que Agostinho descreveu a história da humanidade:

- 1) *Antes da queda* - o tempo da inocência - A expressão é "pode não pecar nem morrer". Trata, especificamente, da humanidade essencial. O texto bíblico é Gênesis 1-2.
- 2) *Depois da queda* - o tempo da responsabilidade - A expressão é "não pode não pecar nem não morrer". Trata, especificamente, da humanidade existencial. O texto bíblico é Gênesis 3 a Apocalipse 19.
- 3) *No céu* - o tempo da salvação completa - A expressão é "não pode pecar nem pode morrer". Trata, especificamente, da humanidade escatológica. O texto bíblico é Apocalipse 20-22.

Mais disto, principalmente sobre a questão da salvação, veremos nas unidades posteriores.

16 - A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira - Como fizemos no encerramento da discussão sobre o homem, faremos agora: a apresentação da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira sobre o pecado.



O *PECADO* - No princípio o homem vivia em estado de inocência e mantinha perfeita comunhão com Deus (1). Mas, cedendo à tentação de Satanás, num ato livre de desobediência contra seu Criador, o homem caiu no pecado e assim perdeu a comunhão com Deus e dele ficou separado (2). Em consequência da queda de nossos primeiros pais, todos nós somos, por natureza, pecadores e inclinados à prática do mal (3). Todo pecado é cometido contra Deus, sua pessoa, sua vontade e sua lei (4). Mas o mal praticado pelo homem atinge também o seu próximo (5). O pecado maior consiste em não crer na pessoa de Cristo, o Filho de Deus, como Salvador pessoal (6). Como resultado do pecado, da incredulidade e da desobediência do homem contra Deus, ele está sujeito à morte e à condenação eterna, além de se tornar inimigo do próximo e da própria criação de Deus (7). Separado de Deus, o homem é absolutamente incapaz de salvar-se a si mesmo e assim depende da graça de Deus para ser salvo (8).

(1)Gn 2.15-17, 3.8-10 e Ec 7.29

(2)Gn 3, Rm 5.12-19, Ef 2.12 e Rm 3.23

(3)Gn 3.12, Rm 5.12, Sl 51.15, Is 53.6, Jr 17.5, Rm 1.18-27, 3.10-19, 7.14-25, Gl 3.22 e Ef 2.1-3

(4)Sl 51.4, Mt 6.14-15, Rm 8.7,22

(5)Mt 6.14-15, 18-21-35, 1Co 8.12 e Tg 5.16

(6)Jo 3.36, 16.9, 1Jo 5.10-12

(7)Rm 5.12-19, 6.23, Ef 2.5, Gn 3.18, Rm 8.22

(8)Rm 3.20,23, Gl 3.10-11, Ef 2.8-9



Matéria 1: A DOCTRINA DA EXPIAÇÃO

1. *O valor da doutrina da salvação* - Não há dúvidas de que todas as doutrinas bíblicas têm valor e são significativas para a vida cristã e para a Igreja como um todo. Algumas, porém, se tornam o sustentáculo das demais. Poderíamos alistar, como a mais importante, seguindo nesta linha de raciocínio, a doutrina da revelação (que já estudamos em Teologia Sistemática I). Existe uma doutrina cristã porque Deus se revelou. Não tivesse acontecido uma revelação, não haveria como elaborar uma teologia cristã. O conhecimento de Deus que teríamos seria o da revelação natural (Sl 19.1 e Rm 1.18-21), suficiente para mostrar o poder de Deus, segundo Paulo, mas insuficiente para ensinar doutrinas sobre Deus. Depois desta, sem dúvida, temos a doutrina da salvação. O Deus que se revelou também nos salvou, em Jesus Cristo. Por fim, temos a doutrina da Igreja⁷⁸. Os salvos formam a Igreja de Jesus.

2. *A salvação e a pessoa de Cristo* - Não há como falar de salvação sem falar sobre a pessoa de Jesus Cristo. Isto é tão óbvio que a afirmação corre o risco de se tornar acaciana⁷⁹. Mas torna-se necessário de reafirmar por causa de certas ênfases atuais no cenário evangélico, apontando para a necessidade de ritos neojudaizantes, e a promoção de caravanas à "terra santa", como se fôssemos árabes necessitando ir à Meca, e outros ensinamentos mais estranhos ainda, como até a defesa de reencarnação⁸⁰. No meio de tanto alarido e de vozes desconexas, é oportuno deixar bem definidos os limites da doutrina da salvação: somos salvos por causa da obra de Cristo na cruz. A neojudaização acena com a possibilidade de salvação fora da obra da pessoa de Jesus, insistindo em ritos e festas judaicas, dando valor àquilo que Jesus aboliu, conforme lemos em Colossenses 2.16-17. Também agrava a questão o fato de que na teologia da prosperidade, a obra de Jesus Cristo deixa de ser a de salvação e passa a ser a de provisão. Jesus deixa de ser o Salvador e passa a ser o Provedor. O pecado deixa de existir e seu lugar na pregação é ocupado pela bênção material. A salvação deixa de ser dos pecados e passa a ser salvação da pobreza. Não se pensa mais em termos de perdão dos pecados e dos efeitos salvíficos da obra de Jesus, mas sim em como receber os benefícios materiais que ele, pretensamente, oferece às pessoas. Esta mudança de compreensão do papel de Jesus Cristo e sua relação com os homens já havia sucedido na teologia da libertação em que Jesus deixou de ser o Salvador para ser um modelo de engajamento político. Como antes já haviam feito as teologias existencialistas ao colocá-lo como modelo de vida. Isto significa que a doutrina da salvação tem muito a ver com a pessoa de Jesus Cristo e seu ministério, incluindo a sua morte na cruz.

⁷⁸ Na sua obra citada aqui algumas vezes, Hammet coloca a doutrina da Igreja à frente da doutrina da salvação. Inclusive ele alega que é batista, "principalmente por causa da minha doutrina da igreja". Mas pensando bem, temos uma Igreja porque temos uma salvação, e não o oposto. Por isso que inverto a ordem no meu arrazoado. Na minha ótica, eu sou batista porque fui salvo, ou seja, por causa da salvação. A doutrina da salvação antecede a da Igreja, em termos de experiência. Se eu não tivesse sido salvo, nunca seria Igreja. E mesmo que fosse membro de uma igreja batista seria apenas membro de uma comunidade humana, sem ser, teologicamente, um batista.

⁷⁹ Adjetivo alusivo ao personagem de Machado de Assis, Conselheiro Acácio, famoso por conselhos e conceitos óbvios.

⁸⁰ Veja, especialmente, a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, de Champlin, obra já citada nesta apostila. Veja o tópico "Reencarnação".



3. *Uma idéia básica* - Deixamos, então, afirmado que para entender bem a questão da salvação temos que entender bem a pessoa de Jesus (o que é tarefa de Teologia Sistemática I, como já estudamos) e a sua obra na cruz, tarefa do momento. Nada é mais vital para nossa fé que a pessoa e a obra de Jesus Cristo. Sem a encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus, o cristianismo seria sem sentido. Seria uma ética moralizante mas sem bases sólidas. Isto porque o cristianismo não é uma ética religiosa nem uma cultura religiosa. É Cristo crucificado e ressurreto, poder de Deus para salvação de todo aquele que crê. Se isto for deixado de lado, podemos exclamar como Paulo: "o escândalo da cruz estaria aniquilado" (Gl 5.11). Em vez de tentar desfazer o escândalo da cruz, o seguidor de Jesus canta a glória da cruz.

4. *O lugar da cruz* - O símbolo mais conhecido do cristianismo é a cruz. Ela é central à nossa fé. É difícil falar ou pensar em cristianismo ou em alguma coisa cristã sem associar com a cruz: uma igreja cristã ou um calendário cristão, por exemplo, terão uma cruz, em algum lugar, em algum momento. Há tempos, uma seita conhecida em Brasília como Vale do Amanhecer, apresentou uma proposta, em um programa de televisão difundida pelo Rede Globo: a cruz era símbolo de sofrimento, miséria e fracasso. Ela deveria ser trocada (esta era a sua proposta) por uma elipse. Diferentemente da cruz, a elipse tem uma mensagem positiva. Ela é símbolo de um movimento perpétuo. Mas o cristianismo fala de vergonha e dor. Não o varre para baixo do tapete. É na cruz que vemos todo o peso do pecado. Sem a cruz, a fé cristã perde seu sentido. No entanto, não é só o Vale do Amanhecer que pretende substituir a cruz. Estranhamente, algumas pessoas dentro da Convenção Batista Brasileira fizeram campanha, pelo "O Jornal Batista", para que as igrejas batistas exibissem em sua frente a logomarca da CBB, um peixe. Curioso! Colocar a cruz não pode, mas colocar o símbolo da Convenção pode. Uma cruz na frente de uma igreja batista é sinal de idolatria, mas ter o símbolo da Convenção é sinal de ortodoxia. Esta postura é significativa porque parece ser uma declaração de que ser batista é mais importante que ser cristão. Uma atitude desta mostra uma mudança de ênfase na pregação e no conteúdo da própria denominação. A Igreja Universal do Reino de Deus trocou a cruz pela pomba. Trocou o objetivo, o histórico, pelo invisível, pelo subjetivo, o Espírito Santo. A cruz é uma ação de Deus na história, tão profunda que a dividiu em antes e depois de Cristo. A ação do Espírito é subjetiva, em termos de dons, de ação santificadora. Deixou-se de ver o histórico, o global, e passou a se trabalhar com o pessoal, o subjetivo⁸¹. A posição destas pessoas dentro da CBB é um fato preocupante: a estrutura denominacional está sendo colocada acima da pessoa e da obra de Cristo. Mas a cruz não deve ser substituída pela elipse, nem pelo peixe nem pela Bíblia. A cruz é insubstituível, pois ela é a glória do cristão. Sobre esta questão de símbolos, pensemos nestas palavras de Stott, ao explicar porque os cristãos primitivos preferiram a cruz a qualquer outro símbolo, para justificar a sua fé:

⁸¹ Na realidade, tal atitude não é acidental nem um descuido. Trata-se de uma leitura hermenêutica, não de um texto bíblico, mas de uma realidade. É uma cosmovisão. Tratei deste processo hermenêutico em um artigo intitulado "Uma Nova Reforma", publicado em duas edições de "O Jornal Batista", abordando a hermenêutica neopentecostal.



Mas o peixe não permaneceu como símbolo cristão, sem dúvida porque a associação entre Jesus e o peixe era meramente acronímica (uma disposição fortuita de letras e não possuía nenhuma importância visual) [...] mas a escolha dos cristãos possuía uma explicação mais específica. Desejavam comemorar, como centro da compreensão que tinham de Jesus, não o seu nascimento nem a sua juventude, nem o seu ensino nem o seu serviço, nem a sua ressurreição nem o seu reino, nem a dádiva do Espírito, mas a sua morte e a sua crucificação⁸².

Longe de ser motivo de vergonha para que o cristão a renegue, a cruz deve ser encarada por outro prisma. Assim nos diz Conner:

A teologia cristã pode seguramente ensinar que Cristo e sua cruz revelam o eterno amor de Deus pelo homem. Na realidade, a teologia cristã deve e afirma isso. Ela não pode viver sem sua afirmação. O cristianismo consiste em Cristo e no que ele fez pelos homens (...) A significação redentora de Cristo e sua missão baseia-se primariamente em *alguma coisa* que e le fez⁸³.

5. A superioridade do cristianismo - O cristianismo se propõe a resolver o problema fundamental do homem: há um abismo entre ele e Deus. O mal precisa ser vencido e o bem precisa triunfar. No hinduísmo, a postura para com o problema do mal é de indiferença. O bem e o mal são a mesma coisa. No budismo se ensina a alienação da dor, e, por via de conseqüência, a apatia diante do problema do mal. No Islã se ensina o conformismo. Tanto que a palavra "oxalá", que significa "tomara, assim seja", nos vem do árabe *en sha allah*, que significa "assim Alá queira"⁸⁴. Nos cultos afros, a preocupação é com a solução pessoal de casos particulares. O cristianismo se propõe a trazer a resolução em nível global e a eliminação do abismo. A cruz elimina o problema do pecado ao declarar a vitória de Jesus Cristo, a solução de Deus, e confirmar o resultado final da batalha: a derrota do poder maligno e o triunfo final do Cordeiro de Deus. Cabem aqui as palavras de J. Atkinson:

A situação não é que Deus esteja longe do homem e que o homem deva se esforçar mediante a disciplina e o esforço para aproximar-se dele, mas que o homem está longe de Deus, que, de sua parte, fez em Cristo tudo o que era necessário para remediar a condição do homem. "Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus que usa de misericórdia" (Rm 9.16)⁸⁵.

O cristianismo apresenta a mensagem de que Deus fez algo em Jesus Cristo. Na nossa completa ausência e impossibilidade de apresentarmos propostas para resolver o problema do pecado, Deus apresentou a sua, na pessoa histórica de Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus. E isso se vê, sobremaneira, na cruz.

⁸² STOTT, op. cit., ps. 14-15.

⁸³ CONNER, Walter. *O Evangelho da Redenção*. 2ª ed., Rio de Janeiro: JUERP, 1981, p. 78.

⁸⁴ Veja meu comentário a respeito em *Tiago, Nosso Contemporâneo* (Rio de Janeiro: JUERP, 3ª edição, ps. 117-118).

⁸⁵ Citado por Uretta (op. cit.) na abertura da discussão do seu tópico "A Salvação: Obra de Jesus Cristo".



6. *A proposta de Deus: a cruz* - A cruz é insubstituível porque nela Deus Filho e o homem morrem. Isso porque Jesus Cristo é perfeito Deus e perfeito homem. O conceito de trindade cristã traz a resposta ao problema fundamental do homem: Deus é Deus, mas é homem, também. Porque ele foi como nós, seremos como ele, como lemos em 1Coríntios 15.49 e 1João 3.2. Não há mais abismos após a cruz. Nela, o problema da separação entre Deus e o homem encontra solução, como lemos em Romanos 3.26. Deus é justo e também é o justificador. Como diz o hino 73 HCC, 4a. estrofe:

"Em ti concilia -se a santa justiça,
Que não pode a culpa deixar sem castigo
Com a compaixão que por graça recebe
E exime de culpa o réu pecador"

A cruz não é um acidente histórico nem mesmo uma falha do projeto de Jesus, como afirma o engraçado e perigoso Reverendo Moon. Conforme Apocalipse 13.8, a morte de Jesus estava na mente de Deus desde a fundação dos séculos. Foi planejada e é mostra do cuidado e do amor provisional de Deus.

7. *Qual foi, exatamente, a obra de Cristo?* - A resposta está em 1Coríntios 15.3-4. Mas quais os significados dele ter morrido pelos pecadores? Cinco, de muitos, são alistados aqui.

1º) *Substituição* - Cristo morreu no lugar dos pecadores, como lemos em 1Coríntios 15.3. Neste sentido, cada um de nós é um Barrabás: Cristo morreu no nosso lugar. A idéia de substituição vem do Antigo Testamento, como lemos em Levítico 1.2-5. O novilho morria no lugar do pecador. O princípio teológico subjacente a este ato é que o pecado só se paga com a morte. Alguém deve morrer pelo pecado. Ele exige a morte pela grandeza da ofensa que é à santidade de Deus. O pecado é algo sério, que Deus não trata de maneira leviana. No Novo Testamento lemos a declaração do Batista em João 1.29, dizendo que Jesus é o Cordeiro que Deus que tira o pecado do mundo. Cantamos em nossos hinos e corinhos que Jesus Cristo é o Cordeiro de Deus. Que significa isto? Que sua morte foi substitutiva. Ele morreu pelos nossos pecados, como lemos em Isaías 53.5. Por que sua morte tem este valor? Porque Jesus Cristo é Deus e é homem. Pagou a parte dos dois. Esta é a idéia mais forte, que mais rapidamente nos vem à mente, no tocante à obra de Cristo: ele morreu em nosso lugar, pelos nossos pecados. É significativo que a Escritura o mostre como o "Cordeiro de Deus". Porque o cordeiro era oferecido pelo pecador que desejava reparar sua culpa. Nós não podíamos oferecer nada. Deus o ofereceu por nós. O que não podíamos fazer, ele fez.

Neste sentido, pode-se dizer que Cristo é o cumprimento de todo o sistema sacrificial do Antigo Testamento. Como bem registra o autor de Hebreus, ele se tornou, ao mesmo tempo, a vítima (o sacrifício) e o sacerdote. Isto está bem claro nos textos de Hebreus 9.11-4 e 10.11-14.

2º) *Redenção* - A idéia de redenção é "o ato de pagar resgate para se comprar algo". Por causa da queda e suas conseqüências, como lemos em João 8.34, o homem é escravo do pecado. Ele precisa ser resgatado, porque é escravo, propriedade de Satanás. A idéia da redenção do homem por Jesus



Cristo encontra seu paralelo no Antigo Testamento. Em Isaías 43.3 lemos: "Porque eu sou o Senhor teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador; por teu resgate dei o Egito, e em teu lugar a Etiópia e Seba". Israel estava como escravo na Babilônia, mas seria resgatado, comprado, de lá. O resgate seria o Egito, Etiópia e Seba. São oportunas as palavras de Ridderbos em comentário neste texto:

Agora segue-se uma curiosa descrição de como o Senhor é ambicioso em relação ao seu povo. Ele oferece Egito, Etiópia e Seba como resgate em lugar de Israel (...) Essas terras agora são consideradas como 'resgate' em lugar de Israel; isto é, uma compensação que o Senhor paga a Sião em troca da libertação de Israel⁸⁶.

O resgate é, portanto, o preço pago pela redenção. Da mesma forma que Iahweh fez com Israel, Oséias fez com sua esposa, como lemos em seu livro, 3.1-2: "Disse-me o Senhor: Vai outra vez, ama uma mulher, amada de seu amigo, e adúltera, como o Senhor ama os filhos de Israel, embora eles se desviem para outros deuses, e amem passas de uvas. Assim eu comprei para mim tal mulher por quinze peças de prata, e um ômer e meio de cevada". Ela estava como escrava em algum templo pagão, servindo como prostituta cultural, e ele a comprou para si. Estas duas figuras no Antigo Testamento nos abrem espaço para entender o conceito na obra de Jesus. É simplesmente pagar para ter algo como sendo de sua propriedade.

O Novo Testamento traz a idéia em Mateus 20.28: "Assim como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos". "Resgate" é termo grego *lytron*, que significa um pagamento para livrar alguém de um domínio. A idéia reaparece em Tito 2.14: "que se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda iniquidade...". O termo em português aqui é "remir", que é muito vizinho de "redimir". O grego é *lytróo*, que traz a idéia de comprar e libertar. Permanece a idéia de resgate, mas agora mais ampla.

Em 1Coríntios 6.20 lemos "porque fostes comprados por preço...". O verbo "comprar" é *agorázo*, que é mais específico: comprar no mercado. Éramos como escravos num mercado, mas fomos comprados por Deus. É a idéia de Apocalipse 5.9: "Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação". Fomos comprados por Jesus Cristo, comprados pela sua morte, e comprados para Deus.

Em Gálatas 3.13 lemos que "Cristo nos resgatou da maldição da lei". O verbo é *exagorázo*, "tirar do mercado". A idéia é que estávamos no mercado da maldição. Cristo nos tirou de lá. A maldição da lei deixou de vigorar sobre nós. É oportuno recordar isso, porque hoje se fala de maldição hereditária e maldição do nome sobre cristãos. Cristo acabou com a maldição.

3º) *Propiciação* - Expliquemos o que significa o termo:

A palavra "propiciação" está bem próxima da palavra "expição". A diferença do sentido das duas pode ser sumarizada da seguinte maneira: a pessoa que está irada ou ofendida é propiciada, isto é,

⁸⁶ RIDDERBOS, J. *Isaías - Introdução e Comentário*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1986, p. 358.



aplacada. Isto porque o pecado e a culpa que pesavam na consciência do ofensor foi removida ou lançada fora⁸⁷.

A idéia é que a obra de Cristo trouxe a satisfação da ira de Deus contra o pecador. Nosso pecado e nossa culpa foram lançados fora de nós por causa de sua obra e assim a ira de Deus foi removida. Assim, ele se tornou a nossa propiciação, como lemos em 1João 2.2. Aqui se torna necessário um esclarecimento: em alguns momentos, confundimos ira com descontrole emocional. Muitas vezes, na dimensão humana, é. Mas no caso da ira de Deus trata-se de indignação. O Antigo Testamento, por 585 vezes, fala da ira de Deus. Mas não é correto pensar num Deus do Antigo Testamento como irado e num Deus do Novo Testamento bonzinho. Esta posição faz parte da heresia de Marcião⁸⁸ e deve ser posta de lado pela sua inconsistência com os textos bíblicos que tratam do assunto.

No Novo Testamento, a ira de Deus é um tema de fundamental importância. Lemos em João 3.36 que "(...) o que desobedece ao Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus". Lemos, ainda: "Pois do céu é revelada a ira de Deus..." (Rm 1.18). E mais: "Ninguém vos engane com palavras vãs; porque por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência" (Ef 5.6). Como explicar a questão da ira de Deus, se ele é amor? Pela moralidade de Deus. Se não houvesse ira, Deus seria apático e isso ele não é, como lemos em Sofonias 1.12 : "(...) e castigarei os homens que se embrutecem com as fezes do vinho, que dizem no seu coração: O Senhor não faz o bem nem o mal". Pensamos em amor em termos muitos sentimentais, por vezes até "melosos". Mas amor é mais que sentimento. É uma atitude. É amor não exclui moralidade. Um Deus que tratasse o mal e o bem da mesma maneira, por certo não seria amoroso, justo, com os que se esforçam na prática do bem. Um Deus que fosse apático diante do mal, por certo que não seria amoroso. Estaria tratando o bem e o mal da mesma maneira e tal procedimento seria uma injustiça. E seria um estímulo à prática do mal.

Eis uma definição teológica para "propiciação", após ditas estas coisas: "a satisfação, pelo sangue de Cristo, da ira santa de Deus contra os pecadores". Leiamos Romanos 3.25-26. Notemos que a propiciação não foi proposta do homem. Foi de Deus, o Pai. Não foi nem mesmo do Filho, mas do Pai. A questão da propiciação deve ser bem compreendida. Fiquemos, aqui, com as palavras de Stott:

A noção inteira de um Cristo compassivo induzindo um Deus relutante a agir em nosso favor soçobra no amor divino (...) não devemos dizer que Deus estava castigando a Jesus ou que Jesus estava sendo persuadido por Deus, pois fazê-lo é lançar um contra o outro como se agissem independentemente um do outro ou estivessem em conflito um com o outro. Jamais devemos fazer de Cristo o objeto do castigo de Deus, nem de Deus o objeto da persuasão de Cristo, pois tanto Deus quanto Cristo eram sujeitos e não objetos, tomando a iniciativa juntos de salvar os pecadores⁸⁹.

⁸⁷ JEWETT, P. K, in "Propitiation", tópico em TENNEY, Merrill. *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*,. Grand Rapids: Zondervan Publishin House, 2^{ed}. edition, 1977, vol. 4, p. 903.

⁸⁸ Veja a discussão sobre esta interpretação de Marcião na obra de Häggglund, já citada anteriormente, especialmente na página 33.

⁸⁹ STOTT, op., cit., ps. 136-137.



Em Jesus Cristo, o amor do Pai vence a sua ira (do Pai), como lemos em 1João 4.10: "Nisto está o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho, como propiciação pelos nossos pecados". A propiciação não é, como já foi dito, o ato de um Filho bonzinho aplacando um Pai furioso, mas um Pai amoroso oferecendo seu Filho para remover a culpa de sobre nós. O Pai viu que o único que podia remover a culpa de nossos pecados era o Filho e, em seu amor, o ofereceu por nós. O conhecidíssimo texto de João 3.16 é o melhor comentário a se aduzir aqui.

4º) *Justificação* - O termo é forense, de tribunal, e seu sentido é o ato de declarar alguém justo. O problema é: como um culpado pode ser declarado inocente? Este foi o tema central da Reforma: *a justificação pela fé*. No catolicismo, a justificação vem pela Igreja que administra e ministra obras e sacramentos. Na Reforma, a mensagem foi de que a justificação vem pela fé em Cristo. *Justificação* é o termo grego *dikáios*, que entre muitos significados têm os de tornar justo, tornar honrado. Vejamos, neste contexto, as passagens de Romanos 1.17, 2Coríntios 5.21, Atos 13.39 e Romanos 5.9. A mensagem é simples: Deus perdoa os pecados de quem crê em Jesus Cristo, como lemos em Atos 3.19. Em Cristo, ele transforma pecadores culpados em pessoas justas e honradas diante dele. Em excelente obra sobre a justificação pela fé, o teólogo alemão Hans Iwand⁹⁰ nos alerta que o que mais impressionou Lutero na sua leitura de Romanos 1.17 ("Porque no evangelho é revelada, de fé em fé, a justiça de Deus, como está escrito: Mas o justo viverá da fé") foi a palavra "justiça". Paulo não diz que o evangelho revela a misericórdia ou graça de Deus, mas a sua justiça. A doutrina da salvação pela fé é um ato de justiça de Deus, porque ninguém poderia ser salvo de outra maneira. Ao nos oferecer a justificação pela fé em Cristo, Deus não está exibindo sua misericórdia, embora o oferecimento seja um ato de misericórdia, mas está exibindo sua justiça. Lembremos de Isaías 64.6 que diz que "todas as nossas justiças são como trapos de imundícia". A expressão "trapos de imundícia" significa os panos usados pelas senhoras da época como absorventes íntimos⁹¹. Nada nosso poderia agradá-lo. Nossas virtudes seriam panos sujos para jogar fora. O mais fantástico nesta observação de Lutero é que esta descoberta só pode ser feita individualmente, pessoa por pessoa. E quando alguém descobre isto, que foi justificado porque creu, um mundo novo se abre diante de si. Quando cremos, Deus revela sua justiça, e nos absolve. E como bem nos recorda *O Novo Dicionário da Bíblia*:

O indivíduo justificado, por conseguinte, pode ficar certo que nada será capaz de separá-lo do amor de seu Deus (Rm 8.33-39, cf. 5.9). Sua glorificação é certa (Rm 8.30). A inquisição futura, perante o tribunal de Cristo (Rm 14.10 e segs.; 2Co 5.10) poderá privá-lo de certos galardões específicos (1Co 3.15), mas jamais de sua posição de justificado⁹².

⁹⁰ IWAN, Hans Joachim. *A Justiça da Fé*. S. Leopoldo: Editora Sinodal, 1977. Verificar, principalmente, a discussão a partir da página 61, onde ele aborda o tema da essência da justificação pela fé, doutrina básica da Reforma.

⁹¹ Veja, principalmente, MOTYER, Alec J. *The Prophecy of Isaiah*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1993, p. 520.

⁹² DOUGLAS, J. D. (org.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. S. Paulo: Edições Vida Nova, s/d., 3º volume, p. 897.



Embora pareça fugir um pouco ao nosso propósito, mas já que mencionamos a diferença entre o catolicismo e a Reforma sobre a doutrina da justificação, vale a pena transcrever a seguinte nota divulgada pela Agência Estado:

Terminando com uma disputa que durou mais de quatro séculos, oficiais católicos romanos e luteranos anunciaram hoje um acordo sobre o significado da salvação. Através do acordo, os dois lados concordaram com "as verdades básicas" do que os teólogos chamam de "justificação", que é o modo através do qual os humanos alcançam a salvação. Para os luteranos, ela depende da graça de Deus, enquanto os católicos defendem que as boas ações também estão envolvidas. Com a declaração, católicos e luteranos concordaram que o perdão divino e a salvação vêm "exclusivamente da graça de Deus" e que as boas ações fluem disso⁹³.

A nota é profundamente significativa. Resta saber se realmente a Igreja Católica abandonará todo o seu "arsenal" de bugigangas espirituais e religiosas que ela ajuntou, durante séculos de heresias, antes desta declaração, ao seu conceito de salvação. Se este procedimento for adotado, então se poderá pensar que mudanças acontecerão dentro do catolicismo.

5º) *Reconciliação* - O termo significa transformar alguém de inimigo em amigo. No Novo Testamento, a palavra aparece por 14 vezes, significando "fazer as pazes" e "trocar inimizade por amizade". É isto que torna o cristianismo absolutamente distinto das religiões orientais e das religiões de mistério que o cercavam, quando do seu nascimento. Nelas, o homem se esforça para que isso aconteça. No cristianismo, segundo a Bíblia, a iniciativa parte de Deus: "Pois que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões; e nos encarregou da palavra de reconciliação (2Co 2.19). Novamente se deve notar que o Novo Testamento não diz que Cristo nos reconciliou com o Pai, mas que o Pai nos reconciliou consigo, em Cristo. Deus Pai não é uma figura relutante, ou cheia de ódio, que precisa ser aplacada por um Deus Filho amoroso. Ele nos reconciliou consigo mesmo, em Jesus Cristo. De inimigos somos transformados em amigos. Como lemos em 2Coríntios 5.18, na Linguagem de Hoje: "Tudo isso é feito por Deus, que, por meio de Cristo, nos transforma de inimigos em amigos dele". Pensemos nas palavras de Packer: "O que é 'reconciliação?' A idéia geral transmitida pela raiz grega desta palavra, de onde se formam os termos a ela relacionados, é a de troca, e o sentido comum que esses termos têm, tanto no grego secular como na Bíblia, é a de troca de relações, uma troca de oposição por harmonia, de inimizade por amizade"⁹⁴.

A reconciliação, como obra de Jesus Cristo, envolve também a criação, a natureza. Parte disto foi comentado na questão do pecado, quando vimos a influência do pecado na natureza. Mas voltemos à questão. Aqui, como o melhor comentário encontrado sobre o assunto, cito o comentário de Hammett em sua apostila:

⁹³ Extraído da Agência Estado, pela Internet, do jornal "O Estado de S. Paulo", em 11 de junho de 1999, às 9h12min, sob o título "Vaticano e luteranos encerram disputa".

⁹⁴ PACKER, op. cit., p. 112.



Devemos notar que esta reconciliação inclui a criação. Ela tem um efeito neste mundo físico. Notem Colossenses 1.20-23. Estes versículos enfatizam que a reconciliação foi feita por meio da cruz, do sangue de Cristo, e que esta reconciliação se estende a 'todas as coisas'. No versículo 16, ele criou todas as coisas. No versículo 20, ele reconciliou todas as coisas. Acho que isto se refere à restauração da criação, como Romanos 8.19-21. Tudo foi afetado pela queda; tudo está incluído na obra de reconciliação. Este versículo levanta duas perguntas. 'Todas as coisas' incluem os anjos? Eles precisam de reconciliação? Os anjos caídos, sim, mas Hebreus 2.16 parece indicar que a morte de Cristo não foi pelos anjos. A Bíblia tem algumas indicações de que eles já são condenados (1Pe 2.4). Provavelmente, 'todas as coisas' se referem à criação física (veja Romanos 8.19-21 para mesma idéia). A segunda pergunta é: este versículo implica a salvação universal, de todas as pessoas? Em relação a Deus, creio que a salvação é já feita, completa. Ele pode nos aceitar porque Cristo removeu o obstáculo, o pecado. Acho que o versículo 20 quer dizer que, em relação a Deus, a reconciliação feita por Cristo na cruz é suficiente para todas as coisas. Mas no versículo 23 ele dá a limitação: fé. Esta reconciliação tem que ser aceita para se tornar eficaz. O problema não é Deus; ele está disposto a aceitar qualquer pessoa por meio da reconciliação da cruz. O problema é a inimizade do homem. Ele rejeita a reconciliação, não vai aceitá-la⁹⁵.

6°) *Vitória* - É mais que oportuno lembrar, ainda, que a obra de Cristo por nós inclui a vitória. "Vitória sobre o quê?", perguntará alguém. Responderemos, primeiro, com Colossenses 2.15: "E, tendo despojado os principados e potestades, os exibiu publicamente e deles triunfou na mesma cruz". Ele venceu os principados e potestades, que, no entendimento de Robertson significam, neste texto, "os poderes angelicais que os gnósticos adoravam"⁹⁶. Mas podem significar também poderes espirituais, tidos, supostamente, pelos homens, como mediadores espirituais. Como se faz, hoje, no espiritismo. Parece que tais poderes são o "poder das trevas", mencionados em Colossenses 1.13, que mantinham os homens escravizados, como hoje, ao ocultismo. É a vitória sobre poderes espirituais.

Responderemos, depois, desdobrando esta idéia, que esta vitória é também sobre Satanás (Jo 12.31, Hb 2.14-15). É o tema mais abordado no Apocalipse. E dele já tratamos um pouco ao falarmos sobre o pecado. O poder do Mal foi abalado, conforme lemos em João 12.31. Lembremos de 1João 3.8: "Para isto o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo". Por causa desta manifestação de Jesus, desta *epifania* destruidora do poder do mal, é possível vencer o poder do mal: "Eu vos escrevi, jovens, porque vencestes o Maligno" (1Jo 2.13) e "maior é aquele que está em vós do aquele que está no mundo" (1Jo 4.4).

E diremos, mais ainda, que é uma vitória, também, sobre a morte. O texto de 1Coríntios 15.54-55 nos mostra que a morte morrerá. Ela não é mais o fantasma invencível que aguardava cada um, no fim da vida. "E que agora se manifestou pelo aparecimento (*epifania*) de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual

⁹⁵ HAMMETT, op. cit., p. 126. Mantive, literalmente, as idéias e até mesmo as palavras de Hammett. Apenas corrigi abreviaturas inadequadas, de palavras que não devem vir abreviadas no corpo do texto, e pequenos erros de Português, além das abreviaturas dos livros bíblicos.

⁹⁶ ROBERTSON, A. T. *Word Pictures in the New Testament*. Vol. IV, Nashville: Broadman Press, s/d., p. 495.



destruiu a morte, e trouxe à luz a vida e a imortalidade pelo evangelho" (2Tm 1.10). Um dos sermões mais famosos de Billy Graham é "O dia em que a morte morreu". Segundo ele, a morte morreu no Calvário. Ainda morremos fisicamente mas sabemos que isto não é o nosso fim. Pela obra de Jesus, morrer "é estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor" (Fp 1.23). O Calvário trouxe a vibrante declaração de que a morte não mais destrói, não é mais o inimigo imbatível, e trouxe também a gloriosa dedaração de que ela terá fim: "(...) e a morte já não mais existirá" (Ap 21.4). Isto traz a certeza do cristão de que, ausente desta vida, estará presente com o Senhor. A mensagem do evangelho inclui esta noção de vida com Deus após a vida física aqui na terra. Lemos em 1Timóteo 6.16 que Deus "possui, ele só, a imortalidade...". Mas lemos em 2Timóteo 2.10 que "nosso Salvador Jesus Cristo, o qual destruiu a morte, e trouxe à luz a vida e a imortalidade pelo evangelho". A imortalidade que só Deus possui, em si, intrinsecamente, foi trazida aos homens pelo evangelho. Ele nos dá esta imortalidade, em Cristo. Viveremos para sempre com o Senhor.

8. Uma síntese: O que Cristo fez por nós? - Resumindo o que foi dito, sem resvalar para a superficialidade e para a pieguice, podemos dizer que ele se tornou o nosso substituto, que ele nos redimiu do poder do pecado e das trevas, que ele satisfez a indignação de Deus contra nossos pecados, que ele nos declarou inocentes diante de Deus e que ele nos transformou de inimigos em amigos. Ele nos concedeu a vida eterna, o triunfo sobre a morte. E, ainda, no dizer de Paulo, nos comissionou como arautos de sua mensagem de reconciliação. Tudo isto é prova do amor de Deus e podemos citar aqui o conhecido texto de Romanos 5.8: "Deus dá prova do seu amor para conosco, em que, quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós".

INSERTO

A OBRA DE CRISTO NA CRUZ⁹⁷

VELHA POSIÇÃO	A OBRA DE CRISTO	A NOVA POSIÇÃO
1. Ef 2.3	Morreu em nosso lugar	1. Is 53.5
2. Jô 8.34	Redimiu-nos, livrou-nos	2. Jô 8.36, Gl 4.5
3. Ef 2.3	Satisfez o caráter de Deus	3. Rm 3.25
4. Rm 3.23	Justificou, tornou-nos justos	4. Rm 5.1
5. Ef 2.3	Reconciliou com Deus	5. 2Co 5.18-19
6. Gl 3.10	Livrou-nos da Lei	6. Gl 3.13
7. Ef 2.1	Deu-nos vida	7. Jô 5.24
8. Sl 51.5	Quebrou o poder do pecado	8. 1Jo 3.8
9. Ef 2.12	Causou nossa adoção	9. Gl 4.7
10. Rm 3.10-12	Conseguiu perdão	10. Mt 23.34, At 2.38
11. Jo 8.34	Derrotou o pecado e Satanás	11. 1Jo 3.8, At 10.38
12. Ef 2.12	Implantou esperança	12. 1Co 15.20-23,

⁹⁷ Este quadro é da autoria de Scott Horrel, publicado numa série de três artigos sobre a obra de Cristo. Perdi os dados da publicação, embora tenha ficado com o quadro. Por honestidade intelectual devo dizer que é do Dr. Horrel.



9. *A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira* - Vejamos agora a Declaração Doutrinária da CBB sobre a doutrina da salvação. Ela tem um *caput* e quatro tópicos. Vamos transcrevê-la na forma em que aparece:

A salvação é outorgada por Deus pela sua graça, mediante arrependimento do pecador e da sua fé em Jesus Cristo como único Salvador e Senhor (1). O preço da redenção eterna do crente foi pago de uma vez por Jesus Cristo, pelo derramamento do seu sangue na cruz (2). A salvação é individual e significa a redenção do homem na inteireza do seu ser (3). É um dom gratuito que Deus oferece a todos os homens e que compreende a regeneração, a justificação, a santificação e a glorificação (4).

(1)Sl 37.39, Is 55.5, Sf 3.17, Tito 2.9-11, Ef 2.8-9, At 15.11, 4.12.

(2)Is 53.4-6, 1Pe 1.18-25, 1Co 6.20, Ef 1.17, Ap 5.7-10

(3)Mt 16.24, Rm 10.13, 1Ts 5.23-24 e Rm 5.10

(4)Rm 6.23, Hb 2.1-4, Jo 3.14, 1Co 1.30, At 11.18

A regeneração é o ato inicial da salvação em que Deus faz nascer de novo o pecador perdido, dele fazendo uma nova criatura em Cristo. É obra do Espírito Santo em que o pecador recebe o perdão, a justificação, a adoção como filho de Deus, a vida eterna e o dom do Espírito Santo. Nesse ato o novo crente é batizado no Espírito Santo, é por ele selado para o dia da redenção final, e é liberto do castigo eterno dos seus pecados (1). Há duas condições para o pecador ser regenerado: arrependimento e fé. O arrependimento implica em mudança radical do homem interior, por força do que ele se afasta do pecado e se volta para Deus. A fé é a confiança e aceitação de Jesus Cristo como Salvador e a total entrega da personalidade a ele por parte do pecador (2). Nessa experiência de conversão o homem perdido é reconciliado com Deus, que lhe concede perdão, justiça e paz (3).

(1)Dt 30.6, Ez 36.26, Jo 3.3-5, 1Pe 1.3, Tg 1.18, 2Co 5.17 e Ef 4.20-24

(2)Tito 3.5, Rm 8.2, Jo 1.11-13, Ef 4.32, At 11.17

(3)2Co 1.21-22, Ef 4.30, Rm 8.1 e 6.22

A justificação, que ocorre simultaneamente com a regeneração, é o ato pelo qual Deus, considerando os méritos do sacrifício de Cristo, absolve, no perdão, o homem de seus pecados, e o declara justo, capacitando-o para uma vida de retidão diante de Deus e de correção diante dos homens (1). Essa graça é concedida não por quaisquer obras meritórias praticadas pelo homem mas por meio de sua fé em Cristo (2).

(1)Is 53.11, Rm 8.33 e 3.24

(2)Rm 5.1, At 13.39, Mt 9.6, 2Co 5.31 e 1Co 1.30



A santificação é o processo que, principiando na regeneração, leva o homem à realização dos propósitos de Deus para a sua vida e o habilita a progredir em busca da perfeição moral e espiritual de Jesus Cristo, mediante a presença e o poder do Espírito Santo que nele habita (1). Ela ocorre na medida da dedicação do crente e se manifesta através de um caráter marcado pela presença e pelo fruto do Espírito Santo, bem como por uma vida de testemunho fiel e serviço consagrado a Deus e ao próximo.

(1)Jo 17.17, 1Ts 4.3, 4.23 e 4.7

(2)Pv 4.18, Rm 12.1-2, Fp 2.12-13, 2Co 7.1, 3.18, Hb 12.14, Rm 6.19, Gl 5.22 e Fp 1.9-11

A glorificação é o ponto culminante da obra da salvação (1). É o estado final, permanente, da felicidade dos que são redimidos pelo sangue de Cristo (2).

(1)Rm 8.30, 2Pe 1.10-11, Jo 3.2, Fp 3.12, Hb 6.11

(2)1Co 13.12, 1Ts 2.12, Ap 21.3-4



Matéria 2: A APLICAÇÃO DA OBRA DE CRISTO - A CONVERSÃO

1. *Isto ainda funciona?* - cremos e proclamamos que Cristo morreu na cruz pelos nossos pecados, que ressuscitou, ascendeu ao céu e comissionou sua Igreja para pregar sua mensagem ao mundo, até que ele volte. Mas uma questão que pode ser levantada é esta: isto (o que ele pregou) ainda funciona? Como um evento sucedido há mais de 2.000 anos pode ainda exercer influência na vida das pessoas hoje? Há, também, o aspecto existencial, como observou Kierkegaard: o fundamental não é saber se o cristianismo é verdade, mas se é verdade para mim. Não basta saber se a obra de Cristo é verdadeira, mas se é verdadeira para nós, se é válida para nós. Aqui entra o aspecto da conversão: como a obra de Jesus na cruz se torna verdade, algo presente na nossa vida, na vida de qualquer pessoa? Como ela sai da teoria e se torna uma realidade existencial? Vamos, portanto, estudar a conversão, o que é, como sucede.

2. *Em Cristo* - Se alguém perguntasse ao apóstolo Paulo qual a melhor definição de conversão, ele diria que é estar "em Cristo". Esta pequena expressão é fundamental no pensamento do grande teólogo da Igreja. É sua expressão chave, a mais comum em seus escritos. A conversão é mais que adesão a uma cultura religiosa ou juntar-se a um grupo religioso. É estar em Cristo. Trata-se de uma união com ele. O cristianismo é, fundamentalmente, uma pessoa, Cristo. E a conversão é estar em uma pessoa, é estar em Cristo. Mas para que a conversão suceda, alguns passos são necessários.

3. *Uma questão teológica séria* - Três questões se oferecem a nós, agora. A questão de verificar como a salvação se concretiza na vida da pessoa tem estas três possibilidades que devemos examinar. Baseei-me aqui nas idéias de Uretta, cuja obra já foi devidamente citada nesta apostila. No entanto, o argumento a seguir é meu e não dele. São três teorias (ou hipóteses) sobre a apropriação da salvação, o fenômeno da conversão.

- (1) Deus aplica ao pecador a obra salvífica de Cristo sem nenhuma participação humana.
- (2) O homem, por seus próprios recursos, se apropria dela.
- (3) Deus e o homem, em cooperação, levam a cabo a salvação do último.

Como entender esta questão? Como herdeiros teológicos que somos, da Reforma, sustentamos que a salvação nos vem pela graça de Deus. É um ato seu. Não a "arrancamos" dele, como se ele fosse um Deus insensível, com as nossas obras. Ela chega a nós pela obra de Jesus Cristo na cruz, como estudamos. Ele a tornou possível para nós. Mas cremos, igualmente, que a fé é a resposta do homem ao ato de Deus na pessoa de Cristo. Na conhecida passagem de Efésios 2.8 lemos: "Pela graça sois salvos, por meio da fé...". Os dois termos teológicos, graça e fé, se completam. Graça é o chamado, fé é a resposta. Graça é a mão de Deus que se estende na direção do homem, fé é a mão do homem que se estende na direção de Deus. Graça é Deus vindo até a metade do caminho, fé é o homem indo ao encontro de Deus, na metade do caminho. Graça são os braços abertos de Deus, fé é o homem lançando-se neles. A graça é, pois, a chamada divina, e a fé, a resposta humana. A graça é Deus dizendo "eu ofereço", a fé é o homem dizendo "eu aceito".



A idéia dos reformadores foi de que Deus não apenas traz a graça, mas que também cria a fé no homem. Esta questão precisa ser bem entendida, também. Não se pode pensar numa fé criada no coração humano à revelia deste. Sem resvalar para o modalismo ou para o funcionalismo, na análise das pessoas da trindade, poderia se dizer que Deus idealiza a salvação, Deus executa a salvação, Deus aplica a salvação. Sem funcionalizar ou compartimentalizar as pessoas da trindade, vemos a salvação sendo idealizada pelo Pai na eternidade (Ef 1.4), vemo-la irrompendo na história no ministério do Filho, vemo-lo aplicada nos corações humanos pelo Espírito Santo. Mas em todos estes momentos, a trindade está unida. A salvação humana é um propósito para o qual toda a trindade trabalha.

4. Arrependimento - um passo necessário - A apropriação da salvação começa pelo arrependimento. Ninguém é salvo à força, mesmo que não queira. É preciso desejar ser salvo. Mas a natureza moral corrompida do homem, como já vimos, não o leva na direção de Deus, mas no sentido oposto. É necessário que ele mude, que se arrependa, para começar o processo da salvação em sua vida. Mas, o que é arrependimento? Gutzke⁹⁸ nos mostra duas coisas que arrependimento não é. Em primeiro, segundo ele, arrependimento "não significa ficar triste em face de algum erro cometido". E, em segundo, tampouco é "prometer andar direito". O arrependimento pode incluir estes dois elementos, mas em sua essência é bem mais que isso. Segundo ele, "arrependimento, antes de tudo, é um julgamento que a pessoa faz de si mesma". Ela se auto-avalia. O chamado filho pródigo é um exemplo disto. Sua volta para a casa paterna se deu após uma avaliação de sua vida, de sua situação, de si mesmo, enfim. Isto é, ele se arrependeu do que fizera, como seu discurso diante do pai mostrou. Quero citar aqui as palavras de Lloyd-Jones, sobre este assunto:

Leiam o caso de qualquer convertido que podem encontrar na Bíblia, e vocês sempre perceberão que este elemento - o arrependimento - está presente. Leiam as vidas dos santos, leiam as histórias de homens que brilharam na Igreja de Deus em tempos passados, e verificarão que cada homem que realmente conheceu a experiência e o poder da graça de Deus em sua vida foi sempre um homem que demonstrou evidência de arrependimento. Portanto eu não hesito em fazer afirmação: sem arrependimento não há salvação. A necessidade de arrependimento é um daqueles absolutos que a Bíblia não discute. Ela simplesmente o postula. É impossível, eu afirmo, um homem se tornar cristão sem arrependimento; nenhum homem pode experimentar a salvação cristã até que conheça o que é arrepender-se. Por conseguinte, insisto que este é um assunto vital. João Batista quando iniciou seu ministério começou pregando o batismo de arrependimento para remissão de pecados. Essa foi a primeira mensagem do primeiro pregador. Nosso Senhor e Salvador Jesus, sabemos pelo relato de Marcos, por Sua vez começou Seu ministério pregando que os homens deveriam arrepender-se. Arrependimento é absolutamente vital. Paulo também pregou arrependimento para com Deus e fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Pedro pregou no dia Pentecoste o primeiro sermão sob a patrocínio da Igreja Cristã, e quando ele terminou certas pessoas clamaram, dizendo: "Que devemos fazer?". "Arrependei-vos!" - disse Pedro. Sem

⁹⁸ GUTZKE, Manford. *Manual de Doutrina*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 2^a ed., 1995, p. 141.



arrependimento não há conhecimento de salvação, não há experiência de salvação (sic)⁹⁹.

Numa de suas excelentes obras, Conner¹⁰⁰ mostra três aspectos do arrependimento. Um deles é que o arrependimento envolve o entendimento da condição do homem como pecador. Ele se deve dar conta de que é culpado e está sob condenação. O segundo elemento é que no coração do arrependido morre o amor pelo pecado. O terceiro amplia este: vem o repúdio ao pecado por parte do arrependido. Neste sentido, o arrependimento inclui a consciência de ser pecador e condenado e o desinteresse pelo pecado. Mas a observação de Conner apenas negativiza o conceito. Por isso é que se torna oportuna a nota de Murray:

No Novo Testamento, os termos "arrepender-se" (metanoê) e "arrependimento" (metanoia) se referem basicamente a uma mudança da mente. É importantíssimo observar essa significação. Pois o arrependimento consiste de uma radical transformação de pensamento, atitude e direção. De conformidade com a ênfase que atravessa todo o Antigo Testamento, e com aquilo que igualmente aparece no Novo Testamento, o arrependimento consiste de um abandono ao pecado e um voltar-se para Deus e para seu serviço¹⁰¹.

Assim, pode-se dizer que o arrependimento é, da parte do homem, o passo dado para a conversão. Sem arrependimento a conversão não existe, pois ela é, acima de tudo, um voltar atrás, o ato de corrigir uma rota.

5. Fé - outro passo necessário - A pregação de João Batista, bem como a de Jesus Cristo insistiam neste ponto: "Arrependei-vos e crede". Crer é o passo seguinte ou, muitas vezes, é um passo paralelo ao arrependimento. Crer é ter fé em alguma coisa. Também é necessário definir bem esta questão de crer, "Eu creio" ou "eu tenho fé", ouvimos muitas vezes as pessoas dizerem. É possível crer em algo errado. É possível ter fé ou crer na pessoa errada. A questão fundamental é em quem se crê. A salvação vem pelo fato de se crer em alguém, Jesus Cristo, que fez algo, morreu pelos nossos pecados. Por isto, para evitar dificuldades na interpretação, é bom pensarmos nas palavras de Hammett: "Fé não pode salvar; Cristo salva; a fé aceita a salvação. A fé mesma não pode fazer nada; não é uma boa obra que fazemos em vez das obras da lei. A fé não merece nada. A única importância da fé é que ela nos liga com Cristo"¹⁰². Ou seja, não é ter fé ou crer. Mas é ter fé em Cristo, é crer em Cristo.

6. Os elementos da fé - A fé apresenta um conjunto de elementos que se amalgamam e fornecem, no todo, uma visão completa da resposta humana aos atos de Deus. Pelo menos três elementos podemos destacar: o intelectual, o emotivo e o volitivo (alguns usam voluntário, mas a idéia mais correta é de

⁹⁹ LLOYD-JONES, Martin. *O Clamor de um Desviado*. S. Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1997, p. 12.

¹⁰⁰ CONNER, Walter. *Doctrina Cristiana*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, s/d, p. 235.

¹⁰¹ SHEDD, Russel (ed.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. S. Paulo: Edições Vida Nova, 1965, vol. 1, p. 140.

¹⁰² HAMMETT, op. cit., p. 144.



volição, que significa "vontade", e não de voluntariedade, disposição). Vejamos, sucintamente, cada um deles.

(1) *O elemento intelectual* - A fé envolve razão, conhecimento. Há uma crença na revelação de Deus, mesmo que seja a revelação natural, mas principalmente nos fatos históricos das Escrituras e nos seus ensinamentos, particularmente os essenciais sobre o pecado e a necessidade de arrependimento. Numa aula de Filosofia da Religião, perguntei, certa feita, a meu professor, o Dr. Reynaldo Purim, se um débil mental poderia ter fé. Sua resposta foi: "Vá perguntar a ele". Quando estranhei sua resposta, ele a ampliou: "Se ele não consegue responder no que crê, então não crê". Crer é um ato de fé, mas envolve razão, por mais limitada que seja a pessoa. "Eu sei em que tenho crido", diz Paulo (2Tm 1.12). Não é preciso ser um gênio, mas a pessoa precisa saber no que está crendo.

Este elemento intelectual não tem sido levado a sério em muitas pregações contemporâneas, muito voltadas para as emoções, mas deve ser ressaltado em nosso estudo. A fé também é compreensão. A crise de fé de Azael, no Salmo 73, terminou quando ele compreendeu: "então percebi" (v. 17). Numa frase que é título de um livro de Stott, "crer também é pensar".

(2) *O elemento emocional* - A fé envolve emoções também. E este aspecto tem sido esquecido em muito da pregação das chamadas igrejas tradicionais, que enfatizam muito o cognitivo (o conhecimento) sobre Deus e esquecem que o homem é um ente emotivo, também. Ele, o elemento cognitivo, não é a única característica da fé. Thiessen define o elemento emocional da fé como sendo "o despertar da alma para suas necessidades pessoais e para a aplicabilidade pessoal da redenção fornecida em Cristo, juntamente com um assentimento a essas verdades"¹⁰³.

É verdade que as emoções são subjetivas, e nunca podem se sobrepor aos fatos. É importante ressaltar isto. Uma pessoa pode ter emoções erradas. "Eu senti no meu coração", diz alguém. Mas o coração é enganoso, nos diz Jeremias 17.9. Por isso devemos considerar que há uma ordem correta de ajuste entre fato, fé e emoção. A ordem correta é

FATO > FÉ > EMOÇÃO

Ou seja, existe um FATO (Deus e sua Palavra). Eu tenho FÉ neste fato. Como consequência disto, da fé neste fato, experimento uma EMOÇÃO (a certeza da salvação). O movimento carismático, em alguns de seus segmentos, inverte a ordem que passa a ser **EMOÇÃO > FATO > FÉ**. Com eles, a emoção passa a validar o fato (se a pessoa sentiu, então é verdade) e mostra a fé (a pessoa passa a ter fé no que sente). Não se pode trocar a ordem, mas deve-se recordar que o relacionamento correto com Deus produz alegria. Ou seja, o relacionamento correto com Deus deve produzir emoções, sempre sadias. Lembremos da oração de Davi, no Salmo 51.10: "Restitui-me a alegria da tua salvação". Este relacionamento fora perdido por causa do pecado, como ele mesmo cantou no Salmo 32.3: "Enquanto guardei silêncio, consumiram-se os meus ossos pelo meu bramido todos os dias". O desequilíbrio emocional e a

¹⁰³ THIESSEN, Clarence. *Palestras em Teologia Sistemática*. S. Paulo: Editora Batista Regular, 4ª edição, 1997, p. 256.



histeria que se observam em certos cultos devem ser bem analisados. Podem ser apenas descontrole de emoções.

Ao mesmo tempo, temos que dizer isto: tirar da fé o elemento emotivo é reduzi-la a mero exercício mental, parecido com o racionalismo cristão ou com o gnosticismo dos tempos neotestamentários. É tirar a beleza do evangelho, é tirar a capacidade de chorar pelos pecados e exultar com a experiência da graça. Se crer também é pensar, crer também é sentir, é alegrar-se, é arrepender-se, é ter belas e sadias emoções.

(3) *O elemento volitivo* - Entendo que a fé possui também um elemento de vontade. Crer, ou seja, ter fé, é muito mais que uma mera admissão intelectual de certos fatos ou verdades espirituais. Crer em Jesus Cristo como Senhor é diferente de crer que a Austrália existe. No segundo caso, isso não faz diferença alguma para minha vida. Mas crer em Cristo deve fazer diferença na minha vida. Há um elemento de vontade pessoal na fé: aquilo tem sentido para a pessoa. Este elemento volitivo da fé tem muito de existencial. Pensemos nas palavras de Gaarder:

Antes de Kierkegaard, muitos tinham tentado provar a existência de Deus ou então entendê-la racionalmente. Mas quando nos envolvemos com tais provas da existência de Deus ou com tais argumentos racionais, perdemos nossa fé e, com ela, nosso fervor religioso. Isto porque fundamental não é saber se o cristianismo é verdadeiro, mas se é verdadeiro *para mim...*¹⁰⁴

Este elemento volitivo (da vontade) envolve a vontade da pessoa em crer, não sendo isso apenas uma aceitação de um fato, mas a colocação da vida, envolvendo sua razão, suas emoções e sua vontade. É o lado existencial da fé, que leva a pessoa a se apropriar do que crê. Como diz João 1.12: "Mas a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus". Não basta reconhecer um fato, mas receber o fato na vida. A vontade de crer, portanto, deve vir após o conhecimento intelectual. Alguém pode ser capaz de explicar o plano da salvação e estar perdido porque não se apropriou da salvação.

7. *As fontes da fé* - Embora as opiniões sejam muitas, é possível ver, no tocante às fontes da fé, dois aspectos, como no caso do arrependimento. Há um lado divino e um lado humano.

(1) *O lado divino* - Pelo lado divino, a fé é um dom de Deus. Isto se pode verificar em Romanos 12.3 e 2Pedro 1.1. Em Efésios 2.8, pode se referir mais à salvação do que à fé ("isto não vem de vós, é dom de Deus"). Vale a pena, sobre Efésios 2.8, citar Thiessen, mais uma vez: " 'É isto' (*kai touto*) é neutro e não feminino, e portanto se refere ao total da experiência. As palavras gregas para 'fé' (*pistis*) e 'graça' (*charis*) são ambas femininas"¹⁰⁵. Este lado divino não significa uma imputação de fé à pessoa independente do seu querer, ou seja, ter fé mesmo sem querer e ser salva mesmo sem querer. Mais uma vez voltamos a Thiessen:

¹⁰⁴ GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia*. 3ª reimpressão. S. Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 407. O itálico é de Gaarder.

¹⁰⁵ THIESSEN, op. cit., p. 258.



Somos solicitados a crer para que possamos sentir nossa incapacidade de fazê-lo, e para sermos induzidos a nos lançar sobre Ele para que produza a fé em nós. O homem com a mão mirrada foi solicitado a estendê-la, e quando tentou fazer isso, força inundou seu braço impotente de maneira que conseguiu estendê-lo¹⁰⁶.

É possível verificar que o lado divino é dar vida a um morto, como lemos em Efésios 2.1: "Ele vos vivificou, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados". Um morto não pode crer nem fazer coisa alguma. A obra de Deus, neste sentido, é a de despertar em nós, pecadores, a vida, para que creiamos. Morto não pode se dar vida a si mesmo, mas Deus pode e faz isso.

(2) *O lado humano* - Do lado humano, a fé principia com uma compreensão intelectual da revelação divina, como dito anteriormente. Ao mesmo tempo em que mostra que estamos mortos, sem Cristo, e que nada podemos fazer, a Bíblia nos traz várias exortações a termos fé. Seria estranho sermos exortados a ter algo que não podemos ter, a menos que a tenhamos em nós. "Se tiverdes fé...", disse Jesus no episódio da figueira que se secou por ordem sua (Mt 21.21). Neste sentido, seria bom o prezado estudante retornar ao texto onde fazemos as diferenças entre fé e graça (item 3) que mostra a fé como obra humana. Mas pensemos nestas palavras:

Sendo que "só" a fé decide a salvação e a perdição, o homem deve se empenhar completamente no ato da opção de fé, no mais íntimo da sua pessoa (Agostinho: *cōr*; Tomás de Aquino: *mens*) na qual liberdade, conhecimento e amor formam aquela união indivisível que é indispensável para o "simples" ato de fé e da qual nascem a responsabilidade e o destino¹⁰⁷.

Agostinho achava que a resposta vinha do coração. Tomás de Aquino, que vinha da mente. Ambos coincidem neste ponto: há uma resposta humana, um operar humano.

8. Implicações teológicas, filosóficas e sociológicas da doutrina da salvação - Há algumas implicações teológicas, filosóficas e sociológicas da doutrina da salvação que se tornam indispensáveis de comentar, na conclusão do assunto.

- (1) O homem é perdido, necessita de salvação e não pode salvar-se a si mesmo. Isto é obra de Deus: agir na história, no tempo e no espaço e conseguir a salvação do homem. Ela é um dom de Deus.
- (2) Não há distinção: todos pecaram e todos necessitam de salvação. Não há pessoas boas, salvas por mérito pessoal ou por religiosidade. A salvação é pela graça (dom de Deus) por meio da fé (resposta do homem).
- (3) Sendo que a Bíblia insiste em que todos necessitam de salvação porque todos pecaram, as modernas correntes filosóficas, psicológicas

¹⁰⁶ THIESSEN, op. cit., p. 258. Uma palavra foi mudada na transcrição para evitar o mau gosto literário que não foi observado pelo tradutor. O sentido permanece.

¹⁰⁷ SECKLER, M. Tópico "Fé", in FRIES, Heinrich. *Dicionário de Teologia*, 2ª ed., S. Paulo: Edições Loyola, 1983, p. 206.



e educacionais que apontam para uma bondade inata do homem, para um caráter íntegro inato, precisam de uma análise bem criteriosa. Algumas dessas correntes pedagógicas, inclusive, são base em alguns educandários cristãos, ensinando a bondade inata do homem. Mas somos pecadores, vendidos ao pecado. A criança pode ser bonitinha, engraçadinha, ingênua, mas carrega dentro de si a inclinação para o pecado, que toda a raça humana carrega.

- (4) A salvação implica, inevitavelmente, em mudança de vida. A pessoa salva passa a ter uma nova cosmovisão, a entender a vida pelo ângulo de Deus. A salvação tem implicações éticas por mudar a situação da pessoa. Somos salvos "para boas obras, as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas" (Ef 2.10). Uma pessoa salva deve ter seu caráter mudado.
- (5) Sendo que a salvação implica em transformação de vida, abandono do pecado, uma mudança para padrões éticos mais elevados, a pregação do evangelho para conversão das pessoas é a maior tarefa a que a Igreja de Cristo se pode lançar. A melhora do mundo começa pela pregação do evangelho.
- (6) A pregação deve levar em conta a racionalidade e a emocionalidade das pessoas. Uma pregação totalmente emotiva produzirá resultados que não terão respaldo no consciente. Uma pregação totalmente racional produzirá cristãos com entendimento mental mas sem envolvimento passional. Neste sentido, o exagero do baixo pentecostalismo e a solenidade não sensitiva de muitas igrejas tradicionais (aquela preocupação com um culto que parece missa, cheio de pompa, mas sem lugar para alegria, para espontaneidade) laboram em erro.
- (7) A conversão é, acima de tudo, uma chamada para estar em Cristo. Para identificar-se com Cristo. Como dizia Bonhoeffer, "o Cristo crucificado só pode ter seguidores crucificados". Ou, numa citação de Webster: "Em um de seus sermões, o Dr. A. J. Gossip diz que uma alma é salva não por uma cruz, mas por duas - a de Cristo e a própria"¹⁰⁸. Entenda-se isto: para seguir a Cristo, a pessoa precisa tomar sua cruz. A pregação sadia não pode se centrar apenas no oferecimento das bênçãos, mas na exigência de uma vida com Cristo, que produzirá a ética mencionada no item 4. O evangelho não faz apenas promessas. Faz exigências, também.

¹⁰⁸ WEBSTER, Douglas. *Em Dívida com Cristo*. P. Alegre: Publicadora Ecclesia, s/d., p. 107.



Matéria 1: A MORTE

1. *Definição* - Nesta unidade vamos estudar escatologia. O nome parece esquisito? Escatologia é o nome dado à parte da Teologia Sistemática que estuda a doutrina das últimas coisas. Ela trata dos eventos que acontecem no fim da vida de uma pessoa e no fim da história humana. Por isso, dividimos a escatologia em pessoal e cósmica. Na primeira parte deste estudo cuidaremos da escatologia pessoal, aquela que diz respeito à vida do indivíduo. Depois, cuidaremos da que diz respeito ao fim da história. Para analisarmos a escatologia pessoal, temos que começar por um assunto desagradável, a morte.

2. *A morte* - O que é morte? Segundo as definições médicas usadas pela maioria dos peritos, um capelão do Centro Médico da Universidade do Sul da Califórnia distinguiu o evento da morte dois momentos, em morte clínica e morte certa. E assim definiu as duas:

Morte clínica se dá quando o coração cessa de bater, a pressão sanguínea torna-se ilegível, e a temperatura do corpo cai. Em geral, diz-se que o paciente está morto quando as funções vitais cessam de vez. *Morte certa* é a total ausência de atividade das ondas cerebrais. Uma comissão de médicos, advogados, teólogos e cientistas na Universidade de Harvard determinou o que deveria ser "morte cerebral". Quatro critérios foram enumerados:

Falta de receptividade e reação

Ausência de movimentos ou respiração

Ausência de reflexos

Eletroencefalograma reto¹⁰⁹

Esta experiência, a da morte, aguarda cada pessoa no fim da jornada. É surpreendente que, sendo tão certa, haja tanta tentativa de varrê-la para baixo do tapete. É razoavelmente lógico que um estudo escatológico comece analisando a morte. O tema não é agradável, mas sua análise faz parte da Teologia. Como disse Benjamin Franklin: "Há duas coisas inevitáveis na vida: a morte e os impostos". Índios não pagam impostos, mas morrem. E os sonegadores também. Na realidade, a morte é a única certeza que se tem na vida. Segundo Kierkegaard, "o homem nasce para morrer e começa a morrer quando nasce". Com ele concorda Heidegger: "A morte é a maneira de ser que a realidade humana assume desde que passa a existir. Tão logo um homem começa a viver, já é suficientemente velho para morrer"¹¹⁰. A morte é o mais temido adversário da humanidade. Aguarda cada um de nós no fim de nossa experiência para uma batalha que nunca perde. Enfrentá-la tem sido motivo de muitas cogitações. Epicuro, filósofo grego materialista, disse: "A morte não nos concerne, pois enquanto vivemos, a morte não está aqui. E quando ela chega, nós não estamos mais vivos"¹¹¹. Esta questão foi posta em outras palavras: "Enquanto somos, a morte não é. Quando ela é, nós não somos". Mas esta é a questão: nós sabemos o que é ser. Não sabemos o que é não ser. O que é não ser? Se eu não fosse, como seria não ser? Quando eu

¹⁰⁹ BANE et all (eds.). *Death and Ministry*. New York: Seabury Press, 1975, p. 151.

¹¹⁰ AUBERT, Jean-Marie. *E Depois...Vida ou Nada?* S. Paulo: Paulus, 1995, p. 11.

¹¹¹ GAARDER, Jostein. *Vita Brevis*. S. Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 143.



deixar de ser, como será isso? E é isso exatamente que assusta: deixar de ser. A morte nunca pode ser racionalizada com palavras. É um espectro assustador. Por isso, a reflexão sobre ela nunca deveria ser banida de nossas cogitações. Todos nós vamos morrer. Não podemos impedir que isso aconteça.

3. *Quando surgiu a morte?* Tenho observado que boa parte dos comentaristas sobre a entrada do pecado no mundo declaram que a consequência imediata do pecado do primeiro casal foi a morte física. No entendimento deles, a Bíblia parece identificar a morte corporal, física, com a desobediência, com o pecado. Os textos de Gênesis 2.16-17, Romanos 5.12 e 6.23 seguem nesta direção. E até mesmo a morte dos animais e a degradação da natureza poderiam ser entendidas como consequência do pecado, como se pode depreender de Romanos 8.20-31. A experiência humana diante da morte nos mostra que ela é algo não natural para o homem. É uma agressão ao ser humano, algo não desejado por ele. Fiquemos com Hammett, por exemplo, neste ponto: "Por isso, sentimos que a morte é estranha; reclamamos contra a morte. Sentimos que não deve ser assim. A morte é um inimigo que invadiu a boa criação de Deus (1Co 15.26 e Jesus, em João 11.33 e 38: ele não somente chorou no sepulcro de Lázaro; ele estava com raiva, com indignação)"¹¹². Mas confesso que tenho dificuldades com esta interpretação. A palavra de Deus ao casal foi enfática: "no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2.17). O hebraico é enfático: *môt môt*, como se dissesse "morrerás morrendo", ou seja, "morrerás mesmo". Mas eles comeram e continuaram vivos! Sua morte não foi física. Não caíram duros na hora. Se acreditarmos que a maldição ali foi a morte física, temos um problema: a serpente disse a verdade! Ela disse que eles comeriam e não morreriam. E eles comeram e continuaram vivos! Então não se pode se tratar da morte física.

Ora, a vida se alimenta da morte. Por mais estranho que pareça, sem a morte não há vida. Alguém ou algo precisa morrer para que alguém ou algo viva. Em Gênesis 1.29-20, vemos que o homem deveria se alimentar de ervas e frutos de árvores e os animais de erva verde. Isso já era um tipo de morte. Os vegetais são seres vivos e seriam comidos. Eles morreriam para que animais e homens vivessem. Para que os homens e os animais vivessem, vegetais deveriam morrer. Para que houvesse vida, deveria haver morte. Todos nós nos alimentamos da vida de outros, seja frango, boi, peixe, couve, arroz, feijão, tudo é algo vivo, que morre para vivermos.

No equilíbrio ambiental, os seres vivos formam uma longa cadeia que não pode ser interrompida sob o risco de serem destruídos. Exemplifiquemos: uma certa planta nascida num pântano, tem raízes que retiram do solo água e substâncias minerais (matéria inorgânica) utilizadas para o desenvolvimento de uma flor após o processo de fotossíntese que transforma a matéria inorgânica em orgânica. Essa flor conterà néctar, do qual uma borboleta se alimenta. Uma libélula vem, captura e come a borboleta. Por sua vez, a libélula é capturada por uma rã, que logo serve de alimento para uma cobra-d'água. Do alto, um gavião vê o réptil e mergulha no espaço, capturando-o e comendo-o.

¹¹² HAMMETT, op. cit., p. 157.



Dentro das cadeias alimentares os seres vivos podem ocupar três posições (ou níveis tróficos): *produtores*, que são os vegetais que transformam a matéria inorgânica em matéria orgânica, ou alimento, ou energia; *os consumidores*, que se alimentam dos vegetais e de outros animais, e *os decompositores*, que decompõem a matéria orgânica dos seres mortos em matéria inorgânica, permitindo que ela retorne ao meio ambiente para ser novamente utilizada. Por isso que o homem é pó e retorna ao pó. Ele volta a ser matéria inorgânica. Resumindo: a morte é necessidade para a vida. Todos os seres vivos se alimentam da vida de outro ser vivo. Se o homem e os animais se alimentavam antes da queda, já havia morte. Na realidade, para que haja vida é necessário que haja morte.

4. *Os tipos de morte* – Vamos procurar compreender mais a questão vendo o que a Bíblia quer dizer com a palavra “morte”. A Bíblia fala de “morte” em três sentidos: o termo pode significar a morte física, a espiritual e a eterna.

(1) Física - Alude à separação entre o espírito humano e o corpo, quando do fim das atividades físicas e cerebrais: Eclesiastes 12.7. Todos passam por ela: Hebreus 9.27. A morte é universal. Ninguém foge dela. Seja rico ou pobre, intelectual ou analfabeto, todos passarão por ela.

(2) Espiritual - É a situação da pessoa sem Cristo: Efésios 2.1. Por isso a pessoa precisa nascer de novo: João 3.3. Sem Cristo ela está morta, do ponto de vista espiritual.

(3) Eterna - É a situação da pessoa sem Cristo após a morte física: Apocalipse 20.15. Portanto, pode-se dizer que quem só nasce uma vez (físico), passa por três tipos de morte e morre eternamente. Quem nasce duas vezes (no sentido de João 3.3) só morre uma vez (João 11.25-26) e ressuscita duas (espiritual e corporalmente).

Vamos nos centrar, agora no evento da morte física.

5. *O que sucede após a morte física* - Voltemos ao texto de Hebreus 9.27, cujo teor já conhecemos. Ele nos permite compreender o esquema de nossas vidas: nascimento ↗ vida na terra ↗ julgamento e vida no além. Todos nascemos, vivemos e todos morreremos. Isto é óbvio. Mas surge uma questão: e depois? Há vida depois da vida? Para onde vão os mortos?

6. *Para onde vão os mortos?* Segundo Eclesiastes 3.20, há apenas um lugar para os mortos. O termo hebraico é *xeol*. O termo grego que lhe corresponde é *hades*. *Hades* significa “o invisível”, de *des*, “ver”, e o prefixo privativo *a*. É o termo que designa o mundo dos mortos. Chamamos de estado intermediário. O uso da expressão nada tem a ver com o purgatório. Chama-se “estado” e não “lugar” intermediário. Esta idéia de purgatório surge no século V de nossa era, com Agostinho, foi defendida por Gregório e definitivamente incorporada à teologia católica na 25ª sessão do Concílio de Trento, que aconteceu de 1545 a 1563, em reação à Reforma. O estado intermediário não intermedeia purgatório e céu, mas sim o estado desincorporado (em que existiremos fora do corpo) e o estado glorificado (quando formos transformados, como lemos em 1Coríntios 15). É *estado* e não *lugar* intermediário, voltamos a repetir. Todos os mortos estão em estado



desincorporado, existindo fora do corpo. No *xeol/hades/além* há um lugar para os salvos e outro para os perdidos. Céu e inferno estão além. Não estão aqui. Uma outra ressalva que deve ser feita é que o lugar onde os mortos estão, *xeol/hades/além*, é definitivo, não sendo possível passar de um lugar para outro, conforme lemos em Lucas 16.26. Pode-se alegar que temos aqui uma parábola e que firmar um ponto doutrinário nela seria uma postura imprudente. Mas pode-se alegar, em retorno, que dificilmente Jesus contaria uma história que contivesse um ponto equivocado, principalmente quando o tema central da parábola é a suficiência da Palavra de Deus em matéria de orientação para a vida eterna. Neste caso, teria havido imprudência da parte dele, o que não se pode presumir. Mas creio que uma observação de Summers sobre o estado intermediário nos ajudará mais a compreender a questão:

O Novo Testamento ensina que na morte o corpo volta à terra e o espírito entra num estado de existência consciente, na bem-aventurança ou no sofrimento. O Novo Testamento também ensina que o corpo será levantado e transformado, na ocasião da ressurreição, quando Cristo voltar à terra. Se essas duas proposições são ensinadas no Novo Testamento, segue-se que há um estado desincorporado de existência cônica do espírito entre os dois eventos - a morte e a ressurreição. À luz da teologia é certo haver algum tipo de vida ou de existência nesse interregno¹¹³.

Para se entender bem o conceito de morte no Antigo Testamento precisamos entender o conceito de homem. Ele se compõe de dois elementos: o *basar* (carne ou corpo, a parte material) e *nephesh* (alma). Embora alguns queiram ver o *ruah* (espírito) como um terceiro elemento, estudiosos como Knudson, Davidson, Delitzsch, entre outros, entendem que *ruah* é usado como sinônimo de *nephesh*, tendo ambos os termos o significado de princípio vital que resulta na vida psíquica do ser humano. O que sobrevive à morte passa para o *xeol*. Este é visto como um lugar de esquecimento (Sl 88.12) e de silêncio (Sl 94.17, 115.17), onde há certo grau de auto-consciência e possibilidade de movimento e comunicação (Is 14.19-20). Os seus moradores podiam ter certo conhecimento do futuro (1Sm 28.13-20), embora sejam denominados de "sombras" ou de *rephains*, termo hebraico que designa sombras da vida terrestre. A idéia é de sobrevivência e não de aniquilamento. Aliás, no meu último livro, "Teologia dos Salmos" dedico um tópico a este assunto¹¹⁴. Mostro que os hebreus não tinham uma concepção bem definida de vida no além, por isso que o Antigo Testamento pouco fala sobre o assunto. Mas embora não houvesse uma bem elaborada teologia sobre a morte e a vida no além, como seria a vida depois da morte, o certo é que os hebreus criam que havia algo do lado de lá. Vejamos o que nos diz Thurman Bryant, em artigo sobre "O Corpo Celestial":

Há várias expressões da idéia de sobrevivência no Velho Testamento. Gênesis 35.18 relata que Raquel morreu no nascimento de Benjamin e

¹¹³ SUMMERS, Ray. *A Vida no Além*. Rio de Janeiro: JUERP, 1971, p. 31. Uma observação: este é o mais completo e mais coerente livro sobre o assunto, em português.

¹¹⁴ COELHO FILHO, Isaltino. *Teologia dos Salmos*. Rio de Janeiro: Juerp, 2001, p. 91, capítulo "Nono Tema: a Morte".



saiu dela a alma ou *nephesh*. Eclesiastes 12.7 diz que ao morrer o corpo volta para a terra, como o era, e o espírito ou *ruach* volta para Deus. Também, a ocasião da visita da pitonisa de Em-Dor a Saul reflete o conceito de sobrevivência após a morte. Outras passagens que afirmam a existência deste conceito são Jó 13.14-15, 19.25-27, Salmos 16, 17, 49 e 73. Há uma tradição hebraica antiga que quando o homem morre, sua alma parte do corpo, mas permanece perto dele durante três dias para partir de uma vez quando começa a decomposição. Dr. Summers acha esta tradição interessante em vista da declaração de Marta a Jesus que Lázaro jazia no túmulo já *quatro* dias (João 11.39)¹¹⁵.

Sobre esta questão do espírito permanecer por três dias junto ao corpo, julgo oportuno registrar também a declaração de Kelley, segundo a qual três dias era o tempo de viagem do *ruah* até o *xeol*¹¹⁶. No caso de Lázaro, pode significar, também, que Maria estava dizendo que o seu *ruah* já estava no *xeol*, de onde não se regressa. Mas, independente da interpretação que se dê a esta passagem, o certo é que parece haver um desenvolvimento da idéia da vida após a vida terrena no Antigo Testamento já um pouco tardiamente, quando ele (o AT) está se encerrando. Quando o hebreu tomou ciência de seu valor como indivíduo e não apenas como participante da nação, começou a refletir também sobre seu destino eterno como indivíduo. Numa segunda etapa, começou a refletir sobre a idéia de retribuição não apenas nesta vida, mas na vida além túmulo. Por fim, a noção de comunhão com Deus aqui na terra se espiritualizou também para o âmbito da vida após a morte. Mas o certo é que a teologia judaica, antes do fim do Antigo Testamento já cria numa vida além e até mesmo numa ressurreição dos mortos para receberem seu castigo ou sua recompensa, como lemos em Daniel 12.2-3. É com o cristianismo, no entanto, graças à obra de Cristo, que a vida no além assumirá um aspecto grandioso.

7. *O lugar do salvo no xeol/hades/além* - O crente em Jesus, morrendo, vai para o *xeol/hades/além*. Num lugar próprio ao salvo. É chamado de "seio de Abraão" (Lc 16.22-23), de "paraíso" (Lc 23.43) e "campos elíseos" (literatura). São as moradas das quais Jesus disse que há muitas no céu, como lemos em João 14.2. É um lugar de glória, como lemos em Romanos 8.18. Vive-se com o Senhor para sempre, como podemos ler em Apocalipse 22.3-5. Pode-se dizer do salvo que Cristo vive com ele agora e ele viverá com Cristo depois. A palavra de Paulo em Filipenses 1.21-23 revela que a compreensão da vida após a morte é uma vida de qualidade bem superior à presentemente vivida. Deve ficar bem claro que o lugar do salvo, no *xeol/hades/além* é já de salvação. Na palavra de Paulo em 2Coríntios 5.7-8, morrer é estar ausente do corpo, mas presente com o Senhor. Paulo deixa transparecer que a morte de um salvo é o abandono do corpo material e uma entrada imediata na presença do Senhor. Este estado não é de inconsciência ou de sono. Pensemos nas palavras de Summers:

¹¹⁵ BRYANT, Thurmon. "O Corpo Celestial" in *Teológica*, ano 1, no. 1, p. 4. Foi uma publicação da Faculdade Teológica Batista de S. Paulo que, infelizmente, não logrou continuidade. Neste artigo, o Dr. Bryant translitera *ruach* em vez de *ruah*, como prefiro fazer. Respeito sua posição.

¹¹⁶ KELLEY, Page. *Mensagens do Antigo Testamento Para Nossos Dias*. Rio de Janeiro: JUERP, 1980, p. 90.



Em Lucas 23.43 Jesus assegurou ao salteador arrependido: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso". E em Lucas 16.22, a expressão "foi levado... para o seio de Abraão" é claramente um termo descritivo que se refere ao estado de bem-aventurança na presença de Deus. Nenhum gozo maior poderia ser contemplado por um bom hebreu do que ser recebido com um abraço no seio de Abraão, o pai da raça¹¹⁷.

A promessa de Jesus ao ladrão, de estar no paraíso, merece uma mais acurada observação de nossa parte. O termo é uma transliteração do grego *paradisos*. Discutem os lingüistas se o termo é persa ou armênio. Mas no grego clássico designava um jardim ou parque, lugar de beleza e de recreação. Um lugar de delícias, portanto. Os tradutores da LXX o usaram para designar o jardim do Éden, em Gênesis 2.8. O termo aparece no Novo Testamento na história do ladrão na cruz, na experiência de Paulo em ter sido arrebatado (2Co 12.4) e no Apocalipse 2.7, ao se falar da árvore da vida que está no paraíso. Parece ser a idéia de uma restauração à posição original de antes da queda. Esta impressão é corroborada pela figura de Apocalipse 22.1-2, onde o termo não aparece, mas a árvore da vida, sim. Mais do que uma questão geográfica, o uso parece indicar o lugar onde Deus habita.

Podemos dizer que o estado do salvo, no *hades/xeol/além* é um estado de consciência, um estado fixo (no sentido de que o destino final da pessoa é elaborado aqui, como lemos em Hebreus 12.7) e um estado incompleto. Incompleto porque deveremos ser revestidos do corpo celestial (2Co 5.2-4). Paulo desejava a ressurreição (Fp 3.10-11). O estado desincorporado é falho, melhor dizendo, incompleto, no sentido de que o homem, em sua inteireza, não foi devolvido ao estado original. Falta-lhe o corpo. Que ele receberá de volta, mas agora, glorificado.

8. *O lugar do perdido no xeol/hades/além* - Há, também, um lugar de perdição, como lemos em Lucas 16.23-25. Algumas vezes é chamado de "inferno" (tradução de *hades*, como em Lucas 10.15). Outros nomes que este lugar recebe: "abismo" (que é a morada de demônios, como em Lucas 8.31 e Apocalipse 9.11), "geena" (inferno de fogo, em Mateus 18.9). Vem, este último, de Gê-Hinnom, vale de Hinom, onde se ofereciam crianças a Moloque, como lemos em 2Crônicas 28.3 e 33.6. Depois, este lugar se tornou um crematório. Animais mortos e lixo eram ali queimados. Tornou-se um símbolo de julgamento, como lemos em Jeremias 7.31-32. Outro nome dado é "castigo eterno" (Mt 25.46). A situação do perdido é esta: ele vive agora sob o domínio do Maligno (2Co 4.4 e 1Jo 5.19). E viverá com ele na eternidade: Mateus 25.41.

O fundamental é que o perdido está separado eternamente de Deus. Verifica-se isto em Lucas 16.23. Há um "grande abismo" separando o perdido do lugar onde Deus se encontra e há uma impossibilidade de se passar de um lado para outro. Este estado do perdido é de consciência, também. Não é um estado de sono ou de aniquilação. O episódio do rico perdido nos ensina isto. O texto de 2Pedro 2.9 permite entender que os injustos, reservados para o dia do juízo, já estão sendo castigados.

¹¹⁷ SUMMERS, op. cit. p, 32.



9. *A ressurreição do corpo* - A idéia de ressurreição corporal não é uma novidade neotestamentária. No texto já citado de Daniel 12.2-3 se vê que o conceito já estava presente, mesmo que não muito elaborado, no judaísmo posterior. O autor de Hebreus declara que Abraão, quando decidiu que deveria oferecer Isaque em sacrifício, esperava por sua ressurreição (Hb 11.19). Pode-se alegar que esta é a exegese do autor de Hebreus e não, necessariamente, o pensamento de Abraão. Em resposta pode-se dizer que o autor é profundo conhecedor do Antigo Testamento e, que se não está autorizado a falar por Abraão, por certo que tinha noção do que dizia.

Mas é o Novo Testamento que ensina de maneira bem clara a ressurreição do corpo. Pensemos nestas palavras de Erb, comentando o pensamento de Kantonen em *The Christian Hope*:

A questão da vida depois da morte tem sido argumentada como uma questão de demonstrar a imortalidade, a capacidade da alma para resistir à morte. O corpo tem recebido pouca importância [...] Mas o credo cristão não diz "creio na imortalidade da alma". Diz "creio na ressurreição do corpo". O corpo não é a antítese da alma [...] É difícil conceber um contraste mais completo que o entre Platão e Paulo a respeito deste ponto. O Novo Testamento reconhece o corpo e a alma como dois aspectos diferentes mas não antitéticos da existência humana [...] A alma não é uma parte separada do homem com substância própria¹¹⁸.

De forma inteligente, Erb nos traz para o campo realmente fundamental: não é a sobrevivência da alma, mas sim a questão da ressurreição do corpo a razão da esperança cristã. O homem não é uma alma aprisionada num corpo, como pensava Platão. O homem é uma unidade, como ensina a Bíblia e como os vários ensinamentos paulinos sobre a ressurreição deixam bem claro. Na seqüência de seu argumento, Erb começa citando Niles em *Preaching the Gospel of the Resurrection*, e segue depois com suas observações:

O homem não é uma alma imortal em um corpo mortal. O homem é corpo e alma - uma pessoa completa - em uma imortal relação com Deus". A morte quebra, então, uma unidade e uma integridade que devem ser restauradas com a ressurreição do corpo. O cristão não quer desfazer-se do seu corpo como se fosse algo mal. Quer tê-lo redimido e glorificado pelo mesmo poder que produziu o corpo de Cristo após a ressurreição. Como Paulo, quer que o poder da ressurreição, que agora atua por ele por meio do Espírito de Cristo, continue e complete o processo de última e final salvação: corpo e alma, o homem completo à imagem de Cristo¹¹⁹.

Nesta observação de Erb se entende que a ressurreição é a devolução do homem ao seu estágio de antes do pecado. É o homem vivendo como deveria viver, antes da entrada do pecado no mundo e, conseqüentemente, antes da entrada da morte no mundo.

10. *A volta de Cristo* - A questão da ressurreição foi abordada antes da abordagem da vinda de Cristo por sua conexão com o destino do homem, em

¹¹⁸ ERB, Paul. *El Alfa y la Omega*. Buenos Aires: Editorial La Aurora, 1968, p. 135.

¹¹⁹ Ib. ibidem, p. 136.



seus elementos constitutivos. Vir abordar agora a volta de Cristo não significa uma falta de lógica na nossa argumentação, mas sim o ter deixado para o fim o evento indiscutível que marcará o fim da história.

Muitos elementos da escatologia dependem de interpretação, como por exemplo, o milênio. Mas o retorno de Cristo é tema dado como aceito por todas as correntes escatológicas. Cristo vai voltar. Esta mensagem da igreja cristã está declarada, de forma muito clara, já na sua segunda pregação, como se pode ler em Atos 3.20: "e envie ele o Cristo, que já dantes vos foi indicado, Jesus". Este discurso com esta declaração se reveste de maior significado do que se fosse na primeira pregação da igreja, no dia de pentecostes. Porque o sermão pregado no dia de pentecostes, em Atos 2, foi dirigido a fiéis em geral. O segundo sermão, que afirma o retorno de Cristo, em Atos 3, foi no templo, o que provocou a reação da liderança judaica (At 4.1).

O assunto da volta de Cristo é muito amplo e para facilitar seu desenvolvimento, faremos quatro perguntas, as mesmas que Hammett faz em sua apostila. Mas o raciocínio será nosso e não dele. As perguntas são:

- (1) O que é a volta de Cristo?
- (2) Quando será a volta de Cristo?
- (3) Por que haverá a volta de Cristo?
- (4) O que devemos fazer?

Pensemos na primeira: *o que é* a volta de Cristo? Identificá-la, como fazem alguns teólogos liberais, como tendo sucedido com a vinda do Espírito Santo ou mesmo com a ressurreição de Jesus é ignorar o fato de que há cerca de 250 declarações sobre a segunda vinda de Jesus depois desses eventos. Assim como já está mencionada no segundo sermão da igreja, é também a última profecia do Novo Testamento, como se pode ler em Apocalipse 22.20. É a promessa mais repetida do Novo Testamento e ignorá-la ou recusá-la não faz sentido quando se aceita a Bíblia como ponto de partida para argumentação teológica. Esta vinda será do próprio Jesus, como os anjos disseram aos discípulos quando da ascensão (At 1.11). Não é a mesma coisa que a cristianização progressiva do mundo como a entendem alguns que também têm dificuldades em aceitar seu retorno. Será um ato histórico, visível e pessoal, do próprio Jesus (Ap 1.7). O texto de Atos 1.11 é bastante expressivo, como vimos. A ele se junta 1 Tessalonicenses 4.16: "o Senhor mesmo". Esta expectativa é de todo o Novo Testamento. Seu retorno será para consumação do reino e para estabelecimento do juízo divino sobre toda a terra.

Pensemos agora na segunda pergunta, a relativa ao *quando*. Esta vinda será em tempo inesperado. Ele mesmo fez questão de designá-la como a vinda de um ladrão (Mt 24.42-45). Ora, ladrão não marca hora, mas surge inesperadamente. Todas as tentativas de marcar datas para o retorno de Cristo resultaram em fracasso e no surgimento de alguma seita herética que, negando-se a morrer, precisou dar um jeitinho na sua argumentação. Um exemplo disto se vê no expediente de um exemplar antigo da revista "Desperta!": "Importantíssimo é que esta revista gera confiança na promessa do Criador sobre uma nova ordem pacífica e segura antes que a geração que



viu os sinais de 1914 EC desapareça"¹²⁰. Alguns outros processos redundaram em situações ridículas, como o chamado alinhamento dos planetas¹²¹. As palavras de Jesus em Mateus 24.36 devem servir de advertência: "Daquele dia e hora, porém, ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, senão só o Pai". A expressão tão absoluta tem escandalizado muita gente por Jesus alegar sua ignorância sobre o assunto. Marcos a repete (13.32) e Lucas a omite. Porém, como disse Mussner: "Mas justamente a 'força' desta frase nos assegura a sua autenticidade. Esta frase não pode ser considerada como fruto da comunidade primitiva"¹²². Esta é uma declaração sobre a qual pairam poucas dúvidas a respeito da autenticidade: vem dos lábios de Jesus. Ele mesmo não sabia a hora de seu retorno. Qualquer pessoa que alega sabê-la está se pondo acima dele, o que é, no mínimo, um pouco estranho. Se Jesus não sabia, como é que um pregador pode dizer que sabe?

Pensemos agora na terceira pergunta, a relativa a *oporquê*. A resposta é simples: para consumação de todas as coisas. Na primeira vinda, ele realizou a obra de expiação. Na segunda, ele a consumará: "assim também Cristo, oferecendo-se uma só vez para levar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação" (Hb 9.28). Deve-se entender "salvação", aqui, como a sua consumação, para a glorificação. Esta vinda de Jesus trará a nossa glorificação: "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque assim como o é, o veremos" (1Jo 3.2). Vemos aqui uma parte do *porquê*: para a nossa glorificação. Mas há outra parte, ainda, a se considerar: para a salvação do poder da morte e da corrupção material de nosso corpo. Isso não sucederá pela transmigração da alma nem pela visão platônica da fuga da alma em sair do corpo, mas pela ressurreição. A este respeito devemos ler 1Coríntios 15.53-55. Seremos livres do poder da morte. Foi por isto que o Pr. Martin Luther King, Jr, Prêmio Nobel da Paz em 1964, e assassinado em 1968, pediu que na sua lápide houvesse a inscrição: "Enfim livre, graças ao Deus Todo-Poderoso, enfim, livre"¹²³. Será a nossa liberdade do poder da morte e do poder do pecado. Será o momento em que deixaremos de viver no "ainda não", o momento contingente da vida cristã, e entraremos no "já", a plenitude das bênçãos dos filhos de Deus.

¹²⁰ "Desperta!l", 22 de agosto de 1985, vol. 66, num, 16, página 2, no expediente da revista. Nas edições atuais, a revista suprimiu esta observação. Afinal, quem viu os acontecimentos de 1914 deve ter hoje, 2001, no mínimo 87 anos. Mais uma vez as testemunhas de Jeová mudam sua doutrina escatológica por terem falhado em uma previsão.

¹²¹ Veja, por exemplo, OLSON, Lawrence. *O Alinhamento dos Planetas*. Rio de Janeiro: CPAD, 1980. A vendagem do livro foi tanta que o exemplar que tenho é da 4ª edição. O livro foi recomendado pelo Conselho de Doutrina da Convenção Geral das Assembléias de Deus e chega ao ponto de mostrar o satélite artificial norte-americano, Skylab, que se desmontou no espaço e caiu sobre a Terra como sinal da segunda vinda de Cristo. O alinhamento dos planetas, um evento cósmico que aconteceu em 1982, foi um dos maiores "besteiróis" evangélicos do Brasil, chegando a criar um clima de histeria, alegando-se que cidades como Santos e Rio poderiam ter ondas de 2 metros de altura. No dia seguinte, o jornal "O Estado de S. Paulo" publicou um artigo intitulado "Viu, o mundo não acabou!". A postura evangélica foi bastante satirizada. Em tempo: A CPAD retirou o livro de circulação.

¹²² MUSSNER, Franz. *O Que Jesus Ensina Sobre o Fim do Mundo?* S. Paulo: Edições Paulinas, 1990, p. 48.

¹²³ KING JR., Martin Luther. *O Grito da Consciência*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1966, na Nota do Editor.



Ainda podemos acrescentar aqui mais uma razão, a terceira, *ao porquê*. Será para a sua vitória final. No primeiro advento, ele veio e sofreu nas mãos dos pecadores (At 2.23). Agora voltará como Senhor e será reconhecido por todos. Valha-nos aqui, novamente, o texto de Apocalipse 1.7. Todos hão de reconhecê-lo e hão de saber que ele é aquele diante de quem todo joelho deve se dobrar (Fp 2. 9-11). Ele tomará "vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo" (2Ts 1.8). Ele será glorificado nos seus e será admirado pelo seu povo (2Ts 1.10). A distinção que dispensacionalistas (pessoas que dividem a história da revelação em épocas, que elas chamam de "dispensações") tentam fazer entre *parusia* e *epifania*, perde o sentido aqui. Sua vinda será um *apocalipsis*, uma revelação. Será uma *parusia*, termo usado para a chegada de um rei. E será uma *epifania*, termo usado para a manifestação de uma divindade.

11. O juízo - A volta de Cristo será também o momento do juízo. Revelará, então, muito do que está escondido na vida das pessoas e no próprio mundo. Conforme 1Coríntios 4.5, quando ele vier "trará à luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações e então cada um receberá de Deus o seu louvor". O texto, é verdade, parece aludir ao juízo para galardão dos crentes, como também em 2Coríntios 5.10. Mas ele julgará definitivamente os perdidos, como se pode ler em Apocalipse 20.11-15 e no conhecido texto de Mateus 25.31-46. Sobre este juízo, pensemos nas palavras de Berkouwer:

A igreja cristã não declara somente o retorno de Cristo. Tanto o Credo dos Apóstolos como o Credo Niceno claramente afirmam que ele virá como juiz dos vivos e dos mortos. Isto é uma reflexão verdadeira daquilo que o próprio Novo Testamento ensina. Paulo escreveu que Cristo "há de julgar os vivos e mortos, pela sua vinda e pelo seu reino" (2Tm 4.1). Ele foi ordenado por Deus para executar esta tarefa (At 10.42). Deus determinou um dia que o mundo será julgado por ele, com justiça (At 17.31). Ele executará este juízo como Filho do homem diante de quem todos hão de comparecer para ser julgados (Jo 5.22 e 27 e 2Co 5.10)¹²⁴.

12. Como proceder - Fica definido no ensino de Jesus que há apenas dois lugares onde a pessoa pode passar a eternidade. Na parábola contada em Mateus 25.31-46, ou a pessoa está do lado direito ou do lado esquerdo. Do lado direito, os salvos. Do lado esquerdo, os perdidos. Não há uma coluna do meio. Na história do rico e Lázaro (Lc 16.19-31), também há dois lugares, um de gozo e outro de condenação, e não se passa de um para o outro.

Depois da morte vem o juízo (Hb 9.27) e o destino final da pessoa é decidido pela sua postura aqui na terra diante de Cristo, como lemos em João 3.14-16 e 5.24. Quem não crê, morre em seus pecados, como lemos em João 8.24. Quem crê, vai para o paraíso, como lemos na história do ladrão salvo na cruz, em Lucas 23.43. A atitude certa que se deve tomar é a do ex-cego de nascença: "Creio, Senhor! E o adorei." (Jo 9.38). O seguidor de Jesus é chamado à vigilância, como inúmeras palavras de Jesus nos mostram, entre elas a parábola das bodas (Mt 22.1-14), a parábola chamada equivocadamente de "das virgens" (porque o que está em foco não é a

¹²⁴ BERKOUWER, G. C. *The Return of CHRIST*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1972, p. 155.



virgindade ou não das acompanhantes da noiva, mas a subitaneidade da chegada do noivo) em Mateus 25.1-13, a dos talentos (Mt 25.14-30). Sua palavra para todos nós é "Vigiai, pois, porque não sabeis nem o dia nem a hora" (Mt 25.13).

Para o seguidor de Jesus, a atitude a tomar foi bem descrita nas palavras de Hoekema:

A ênfase mais comum é que nossa expectativa, pela volta do Senhor serve como um incentivo para um viver santo. Assim, ouvimos Paulo dizer, em Romanos 13, que a proximidade dessa volta deveria nos motivar a expulsar as obras das trevas e vestir as armas da luz; a não fazer provisão para a carne, mas conduzir-nos a nós mesmos, convenientemente como em pleno dia (vs. 12-14)¹²⁵.

Alguns, na igreja de Tessalônica, queriam que a iminente volta de Cristo servisse de pretexto para o ociosidade. "Plantar para quê, se Cristo pode voltar a qualquer momento?", seria seu raciocínio em termos atuais. Paulo foi duro: "... se alguém não quer trabalhar, também não coma" (2Ts 3.10). A volta de Cristo não pode ser pretexto para atitudes incorretas, como a inatividade e o imobilismo social, geralmente fruto de alienação. Deve ser, sim, estímulo para um viver santo. A Igreja deve viver na esperança da volta do seu Senhor, mas sem com isto escatologizar toda a sua atividade, caindo num inativismo, já que o Senhor vem a qualquer momento.

13. Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira - Transcrevo, agora o item XVIII- MORTE, da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira:

Todos os homens são marcados pela finitude, de vez, que em consequência do pecado, a morte se estende a todos (1). A Palavra de Deus assegura a continuidade da consciência e da identidade pessoais após a morte, bem como a necessidade de todos os homens aceitarem a graça de Deus enquanto estão neste mundo (2). Com a morte está definido o destino eterno de cada homem (3). Pela fé nos méritos do sacrifício substitutivo de Cristo na cruz, a morte do crente deixa de ser tragédia, pois ela o transporta para um estado de completa e constante felicidade na presença de Deus. A esse estado de felicidade as Escrituras chamam "dormir no Senhor" (4). Os incrédulos e impenitentes entram, a partir da morte, num estado de separação definitiva de Deus (5). Na Palavra de Deus encontramos claramente expressa a proibição divina da busca de contato com os mortos, bem como a negação da eficácia de atos religiosos com relação aos que já morreram.

(1) Romanos 5.12, 6.1; 1Coríntios 15.21, 26, Hebreus 9.27; Tiago 4.14

(2) Lucas 16.19-31 e Hebreus 9.27

(3) Lucas 16.19-31; 23.39-46, Hebreus 9.27

¹²⁵ HOEKEMA, Anthony. *A Bíblia e o Futuro*. S. Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989, p. 168.



-
- (4) Romanos 5.6 -11 e 14.7 -9; 1Coríntios 15.18-20; 2Coríntios 5.14-15; Filipenses 1.21-23; 1Tessalonicenses 4.13-17, 5.10; 2Timóteo 2.11; 1Pedro 3.18; Apocalipse 14.13
- (5) Lucas 16.19-31; João 5.28-29
- (6) Êxodo 22.18; Levítico 19.31, 20.6, 27; Deuteronômio 18.10; 1Crônicas 10.13; Isaías 8.19 e 38.18; João 3.18 e 3.36 e Hebreus 3.13.



Matéria 2: OS SISTEMAS ESCATOLÓGICOS

1. *Os sistemas escatológicos* - A igreja primitiva esperava o retorno de Cristo para breve, em época bem perto de si. Sobre isso não pairam dúvidas. Mesmo assim (ou talvez exatamente por isto) ela nunca elaborou um sistema escatológico e o legou às gerações posteriores. Na realidade, ela não esperava muitas gerações vindouras. As informações do Novo Testamento são esparsas, pouco sistematizadas (talvez a única exceção seja 1Coríntios 15) e não permitem que se assegure que um determinado sistema de interpretação seja o mais próximo das Escrituras. Os defensores dos diversos sistemas esgrimem versículos bíblicos em prol de sua posição e contra a dos outros. É mais uma questão de opção do que uma questão de firmeza doutrinária ou teológica. Mesmo assim, deve-se evitar o sensacionalismo, que quase sempre é de mau gosto e conduz à precipitação. A Bíblia deve ser respeitada e não ser vista como uma espécie de horóscopo evangélico, onde se procuram (e quando se quer, se acham) Saddam Hussein, Mercado Comum Europeu, vaca louca, etc..

Na medida em que a volta de Cristo se protelava, a Igreja foi se ocupando com outros assuntos. Até mesmo porque uma cruel perseguição do império romano a fez ocupar-se mais do presente. Ela precisava preocupar-se mais em sobreviver na terra do que olhar para a volta de Cristo, num futuro que podia ser distante. Neste sentido, os sistemas escatológicos são muito mais uma explicação moderna do que um legado histórico ou apostólico. Alguns esboços de sua formulação começaram cedo na história da igreja. Vejamos Hägglund, sobre isso:

A escatologia dos Pais Apostólicos incluía a idéia que o fim dos tempos era iminente, e alguns deles (Papias, Barnabé) também sustentavam a doutrina de um milênio terreno. Barnabé aceitava a idéia judaica que o mundo existiria por 6.000 anos, prefigurados nos seis dias da criação. E, por conseguinte, dizia -se, que seguiria o sétimo milênio, em que Cristo reinaria visivelmente na terra com a ajuda dos seus fiéis (Cf. Ap. 20). Este daria lugar ao oitavo dia, a eternidade, que tinha seu protótipo no domingo. Papias, também, apoiava a doutrina de um milênio terreno, e descrevia a condição bendita que prevaleceria durante este tempo. Este ponto de vista ("milenismo" ou "quiliasmo") foi amplamente desacreditado em tempos mais recentes. Realmente, Eusébio o fez em sua avaliação dos escritos de Papias. (*História Eclesiástica*, III, 39) (sic)¹²⁶.

Lamentavelmente, a questão do milênio tem se tornado mais importante, em boa parte das discussões, que a própria volta de Cristo. O texto de Apocalipse 20.1 -6 tem servido para as mais diversas interpretações, recheadas com passagens outras de outros livros e até mesmo do Antigo Testamento. Basicamente, a questão se resume a dois pontos. Um é o texto citado de Apocalipse, outro é a maneira como encaramos passagens do Antigo Testamento. Temos passagens que nunca se cumpriram literalmente. Um exemplo disto é o templo de Ezequiel 40-48 que nunca foi construído. Para os

¹²⁶ HÄGGLUND, op. cit., p. 20. Para conhecer mais o pensamento de Papias, Barnabé, Orígenes e outros pensadores da igreja sobre este assunto, veja SEEBERG, Reinhold. *Manual de la Historia de las Doctrinas*, vol. 1, El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1963.



amilenistas e pré-milenistas históricos, elas devem ser interpretadas espiritualmente ou aplicadas à igreja. Já os dispensacionalistas entendem sua interpretação literal e dizem que seu cumprimento se dará no milênio. Esta questão é séria e delicada. Eis uma boa observação de Hammett:

Às vezes esta questão de interpretação é bem difícil. Por exemplo, Isaías 67.15-25: vv. 17-19 parece ser uma descrição do estado final e eterno, a nova criação de Deus, mas vv. 20-23 falam sobre a morte e o nascimento das crianças. Isso é o céu? O milênio? Quem sabe? (sic)¹²⁷.

Geralmente se ouve falar do pré-milenismo, do pós-milenismo e do amilenismo. São as três maiores correntes na discussão do assunto. Mas o pré-milenismo se divide em duas alas: o dispensacionalista e o histórico ou pós-tribulacionista. Seria muito bom, se tempo tivéssemos, se pudéssemos separar estes dois pontos, até mesmo porque os pré-milenistas históricos não gostam de ser associados com os pré-milenistas dispensacionalistas. Dependendo do tempo, assim faremos. Mas vejamos o que podemos aprender de cada escola.

1. A idéia de um reinado de 1.000 anos - A idéia de um milênio (mil anos de período de paz) já aparece no judaísmo posterior, principalmente no 4º Esdras. Significava um domínio de Iahweh na terra por meio de Israel. Tal idéia floresceu no período intertestamentário como alternativa à frustração com a queda de Jerusalém, o refazimento da teologia judaica, a necessidade de explicar alguns dogmas que não funcionaram, etc. O próprio judaísmo passou por transformações muito profundas, deixando de ser escriturístico e passando a ser rabínico. Ou seja, deixou de se basear nas Escrituras e passou a se basear nas explicações que os rabinos davam. A imaginação humana acabou prevalecendo sobre a revelação. Esta postura da literatura apocalíptica judaica foi assimilada em alguns escritos cristãos posteriores, com a idéia de um reinado literal de Cristo, durando mil anos, sobre a terra, para mostrar ao mundo o que seria uma sociedade humana sob o domínio de Deus. Em boa parte ela brotou da necessidade que os rabinos tinham de justificar o reinado de paz prometido a Davi, que não aconteceu, após o retorno do cativo.

2. Um resumo histórico - A difusão desta idéia se acentuou muito em meados do segundo século, como uma reação cristã a tendência gnóstica de diluir a escatologia na ascensão e volta da alma para Deus. Com Justino (100-165), a idéia ganhou corpo. Outros teólogos cristãos primitivos a endossaram, com visões materialistas e sensuais de um reino cristão. Um dos seus defensores foi Hipólito (160-236), que mais tarde se retratou. Orígenes (185-254) a combateu duramente, dizendo-a tolice. No fim do terceiro século, a idéia era quase totalmente rejeitada na Igreja. Agostinho (354-430) a aceitou por um pouco, mas depois recuou, alegando sentir vergonha de um materialismo tão grosseiro sobre a vida futura. Mais tarde, ele articulou o ponto de vista amilenista que dominou o Ocidente da Idade Média. Em 431, o Concílio de Éfeso declarou que a idéia do milênio era superstição e o condenou como tal.

¹²⁷ HAMMETT, op. cit., p. 188



Como se nota, a aceitação de um milênio sempre foi matéria controvertida no seio da Igreja. Grupos heréticos como ebionistas e montanistas o aceitaram e isso piorou sua aceitação, pelo radicalismo político desses grupos. Na Idade Média, o milênio foi considerado como heresia. Os reformadores recusaram-se aceitar a idéia, que floresceu, no entanto, entre os anabatistas radicais. Calvino rotulou os milenistas de "ignorantes" e "maliciosos". Muito voltados contra o poder civil, anarquistas políticos, tais anabatistas aceitaram com entusiasmo a idéia de um reino terreal de Jesus aqui na terra. A "tragédia de Münster", em 1534, com o anabatista Jan Mathys alegando ser Enoque e que estava precedendo o milênio de Cristo, foi um motivo a mais para se manter a idéia sob severas reservas, pelo seu desdobraimento, que era um desprezo à ordem atual das coisas. A Confissão de Augsburg (luterana) condenou a idéia como herética. A segunda Confissão Helvética, também protestante, a condenou. Nos séculos XVIII e XIX a doutrina ressurgiu com vigor, principalmente por causa das convulsões sociais, das quais ela parece ser uma espécie de contraponto. O dispensacionalismo, liderado por Edward Irving (1792-1834), presbiteriano carismático que terminou seus dias liderando uma Igreja Católica Apostólica, deu grande impulso à idéia de um milênio literal aqui na terra. Hoje, em círculos teológicos mais populares, a idéia encontra bastante aceitação a ponto de se pensar que é a única válida. Mas é refutada pela opinião teológica de mais peso. As denominações protestantes e evangélicas com uma teologia mais bem elaborada rejeitam a teoria. Mas alguns teólogos de peso a aceitam. No entanto, mesmo reconhecendo esta defesa individual, feita por alguns teólogos de renome, creio que as palavras de Berkhof são relevantes: "Até aos dias atuais, porém, a doutrina do milenismo ainda não foi incorporada em qualquer Confissão, e portanto ainda não pode ser considerada um dogma da Igreja"¹²⁸.

Ditas estas coisas, vamos nos cingir às maiores correntes, do ponto de vista bíblico. São elas: pós-milenismo, pré-milenismo e amilenismo.

4. O pós-milenismo - Sua idéia básica é esta: Cristo vem após o milênio. Sua vinda será pós-milênio, portanto, daí o seu nome. Seu esquema, em linhas gerais, é como segue.

- I. O mundo atual torna-se gradualmente milenário pela ação da Igreja**
- (1) O bem e o mal continuam juntos, crescendo lado a lado, como na parábola do joio e do trigo, em Mateus 13.24-30.
 - (2) O crescimento do evangelho transforma o mundo, derrota o mal, faz o bem reinar e inaugura o milênio. Com um conhecimento maior de Deus, os homens viverão como Adão deveria ter vivido. No fim deste período edênico (um novo Éden), os crentes se tornarão frouxos e Satanás sairá para enganá-los.
- II. A ordem eterna**
- (1) No fim do reino milenário de justiça, Cristo voltará, impedindo novo desastre, como o acontecido no Éden.
 - (2) Ele vencerá Satanás.

¹²⁸ BERKHOF, Louis. *A História das Doutrinas Cristãs*. S. Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1992, p. 239.



- (3) Ele ressuscitará todos os mortos.
- (4) Ele realizará o juízo final.
- (5) Os perdidos serão enviados à condenação.
- (6) Os salvos entrarão no céu.

No meu entendimento, a grande questão para o pós-milenismo é como conciliar a idéia com as declarações de apostasia do cristianismo no futuro. A pergunta de Jesus em Lucas 18.8 parece pesar contra esta idéia: "Quando vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?". Parece-me que Jesus não esperava uma cristianização progressiva do mundo, mas sim uma apostasia crescente de sua Igreja. Pareceu-me, a primeira vez que examinei a questão, e isso digo com respeito, que o pós-milenismo teria brotado da mesma terra que produziu o espiritismo: a concepção de que a humanidade caminha para uma época de ouro (a reencarnação levaria as pessoas à perfeição espiritual), o que é um resquício do humanismo antropocêntrico europeu que previa uma idade de ouro para o mundo. Mas observei que homens respeitáveis e sérios como Jonathan Edwards a preferiam. E a razão de Edwards era a sua inabalável confiança em que a Igreja tinha poder para abalar este mundo pela pregação do evangelho. Verifiquei que sua força motriz não vinha do Iluminismo, mas de uma visão apaixonada da necessidade da evangelização do mundo e da capacidade de homens consagrados, postos nas mãos de Deus, de assim fazer.

5. *O pré-milenismo* - Sua idéia básica é esta: Cristo vem antes do milênio. É por isso, por ele retornar antes, a corrente se chama pré-milenismo. Eis uma citação de Ladd, um dispensacionalista histórico:

Pré-milenismo é a doutrina que afirma que após a segunda Vinda de Cristo, ele reinará por mil anos sobre a terra antes da consumação final do propósito redentivo de Deus nos novos céus e nova terra na Era Vindoura. Esta é a forma natural de entender-se Apocalipse 20.1-6 (sic)¹²⁹.

É a corrente mais popular em nosso tempo. Em parte porque é a mais sensacionalista (no sentido correto do termo, de apresentar lances políticos e interpretações sensacionais, identificando personagens históricos com o anticristo, e eventos históricos atuais como sinais da volta de Jesus), permitindo encaixar personagens atuais no seu enredo. E em parte por ter sido endossada por certas denominações como Assembléia de Deus, batistas regulares, batistas bíblicos e, parece-me, até onde sei, todos os grupos pentecostais. Alguns intérpretes (não todos, principalmente os históricos, mais austeros em suas formulações) se encaminham muito para a ficção escatológica. Já citei o alinhamento dos planetas, uma das mais tristes manifestações de falta de bom senso evangélico, mas houve, ainda, um hipotético computador-Besta do Mercado Comum Europeu (ocupando 6 andares de um prédio, em Bruxelas) e como este, o MCE, seria o novo império romano redivivo. Houve também o nascimento de um tal de Maytreia, que seria o anticristo e que já estaria no mundo, bem como a amostragem de

¹²⁹ CLOUSE, Robert (ed.). *Milênio - Significado e Interpretações*. Campinas: Edições Luz Para o Caminho, p. 17).



Saddam Hussein como o anticristo, a guerra do Golfo como sendo a batalha do Armagedon, etc. Várias passagens do Antigo Testamento são inseridas na sua interpretação, todas elas vistas por uma hermenêutica literalista. Vamos citar seu gráfico do Apocalipse, sabendo, como já disse, que passagens veterotestamentárias se encaixam em cada tópico e que são aqui omitidas para evitar tornar este trabalho muito extenso.

I. Época da Igreja - Apocalipse 1 a 3

- (1) Aumento do mal
- (2) Fracasso da Igreja

II. A grande tribulação (sete anos) - Apocalipse 4 a 19

- (1) Arrebatamento - a vinda de Cristo para os santos
- (2) Ceifa - a ressurreição dos santos
- (3) A Igreja retirada do mundo
- (4) O tribunal de Cristo sobre os crentes
- (5) Tribulação sobre os judeus

III. O milênio - Apocalipse 20.1-6

- (1) Vinda de Cristo com os santos
- (2) Respiça - ressurreição dos mortos e tribulação dos santos
- (3) Batalha do Armagedon
- (4) Satanás é acorrentado
- (5) Juízo tipo ovelhas e cabritos sobre as nações
- (6) O milênio

IV. Pouco tempo - Apocalipse 20.7-15

- (1) Satanás solto
- (2) Satanás encabeça revolta
- (3) Batalha de Gogue e Magogue
- (4) Satanás é derrotado
- (5) Os maus são ressuscitados
- (6) Juízo do "grande trono branco" sobre as nações

V. A eternidade

- (1) Os maus na inferno
- (2) Os justos no céu

Uma boa definição do pré-milenismo dispensacionalista se encontra nas palavras de Hoyt, escritor que defende esta linha de interpretação:

Será um reino *literal* no sentido pleno da palavra. Esse reino não é um ideal abstrato pelo qual os homens estão lutando, mas nunca atingirão. Será tão real quanto qualquer reino na face da terra, tão real quanto o reino histórico em Israel. O lugar verdadeiro que será o seu centro será Jerusalém e suas vizinhanças (Ob 12-21). Um Rei verdadeiro se assentará em seu trono material. [...] Este reino será um reavivamento e continuação do reino davídico histórico (Am 9.11; veja At 15.16-18) [...] Jerusalém se tornará a capital do grande Rei, da qual ele governará o mundo (Is 2.3, 24.23) (sic)¹³⁰.

¹³⁰ Ib. ibidem., p. 71.



Boettner, que responde aos pré-milenistas no livro de Clouse, faz o seguinte comentário sobre o pré-milenismo histórico, corrente que é bastante moderada, por sinal:

... aparece certamente uma situação curiosa quando Cristo e os santos ressurretos e trasladados voltam à terra para firmar o reino milenial juntamente com homens ainda na carne. Esta condição, semi-celestial e semi-terrena, com Cristo reinando - aparentemente - em Jerusalém, com dois tipos radicalmente diferentes de pessoas (os santos, em corpos ressurretos glorificados, e os mortais comuns ainda na carne misturando-se livremente pelo mundo afora durante o período quase interminável de mil anos), me choca tão irreal e impossível que fico a pensar como alguém pode levá-la a sério¹³¹.

A observação de Boettner é tão acertada, na minha ótica, que nada tenho a acrescentar a ela, de minha parte. Mas não posso deixar de registrar uma palavra do Dr. Schally sobre o assunto:

Assim, conforme o ensino dos dispensacionalistas, no Milênio, a iniciarse com a volta de Cristo, sete anos após o arrebatamento, os israelitas terão, em tempo, restaurado o Templo, o sacerdócio e os sacrifícios de animais; estarão ainda sujeitos à lei mosaica, tendo Jesus, filho de Davi, como rei messiânico, mas certamente não atuando como sumo sacerdote, por não ser da linhagem de Arão¹³².

Descrevendo a complexidade de um reino com seres espirituais, seres materiais, judeus e descrentes vivendo juntos e espiritualmente servindo a Cristo, o Dr. Schally faz esta observação: "Não é de admirar que, numa situação complexa como a acima descrita, Scofield, na sua Bíblia (no rodapé do cap. 12 de Zacarias) afirme: 'O reino será estabelecido à força, e não por persuasão'¹³³. Esta declaração de Scofield se choca frontalmente com Zacarias 4.6: "nem por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito". As pessoas acabam dizendo o que a Bíblia não diz...

5. O amilenismo - O *a* é o prefixo privativo, significando "não milênio". Também é chamado de não-milenismo. Basicamente esta posição não aceita a idéia de um milênio literal, alegando que ela é baseada num texto, apenas, de um livro altamente simbólico, no qual os números dificilmente podem ser considerados como literais. Nesta interpretação, literalizar a idéia é um risco.

O termo amilenismo não é muito feliz porque dá a idéia de que seus defensores não aceitam a idéia de um milênio ou que recusam os versículos de Apocalipse 20.1-6, o que não é correto. Jay Adans sugeriu outro termo, *milenismo realizado*¹³⁴. Isso porque os amilenistas crêem que o milênio está em processo de formação. Mas o termo já se generalizou e é melhor aceitá-lo, dando as explicações e fazendo as ressalvas necessárias. Eis um esquema sucinto do amilenismo.

¹³¹ Ib. ibidem, p. 45.

¹³² SCHALLY, Harald. *O Pré-Milenismo Dispensacionalista à Luz do Amilenismo*. Rio de Janeiro: JUERP, 1984, p. 95, *in medio*.

¹³³ Ib. ibidem, p. 95, *in finis*.

¹³⁴ ADANS, Jay. *The Time is at Hand*. Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1907, ps. 7-11.



I. *O mundo atual* - Este estado de coisas continuará com o bem e o mal em coexistência até que chegue a segunda vinda de Cristo. É uma ordem social de natureza material e temporal que terá fim.

II. *A ordem eterna*

- (1) A segunda vinda de Cristo
- (2) A ressurreição de todos
- (3) O julgamento de todos
- (4) Os perdidos serão enviados à condenação
- (5) Os salvos entrarão no céu

O amilenismo sustenta que só haverá uma segunda vinda de Cristo, uma só ressurreição, um só juízo, terminando a ordem atual e estabelecendo a ordem eterna sem o intervalo de mil anos. O chamado milênio é um símbolo do espaço de tempo entre a primeira e a segunda vindas de Cristo, tempo em que Satanás está limitado ("amarrado") em sua ação pelo ministério do Espírito Santo e pela ação da Igreja. Neste sentido, estamos vivendo o milênio, que não deve ser visto literalmente nem como um reino visível, terreal, de Cristo aqui neste mundo, com sede em Jerusalém. No fim dos tempos em que vivemos, um *kairós* que é um *eschaton*, Satanás envidará esforços para uma ação mais ampla, visando derrubar os homens, o mais que puder. Mas seus esforços serão destruídos quando Cristo regressar. Neste entendimento, os tempos do fim serão marcados por uma agressividade satânica sem precedentes, visando destruir a presente ordem e, principalmente, a Igreja de Cristo.

No seu livro *O Milênio - O que Não É e o que É*, Fletcher encerra seu arrazoado com as seguintes palavras:

Não aguardamos um reinado físico de Cristo durante mil anos na terra, num reino potência mundial de hegemonia judaica, Jerusalém tornada centro de culto universal, num estado misto de mortais e imortais. A atual Jerusalém terrestre está em servidão com seus filhos (Gl 4.25) e é assemelhada a "Sodoma e ao Egito" (Ap 11.8), destinada à destruição pelo fogo (Lc 17.28-30, 2Pe 3.7, 10). Dos céus "aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas" (Fp 3.20-21). "Aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus" (Tito 2.13) regozijamo-nos com a expectativa da redenção da criação "do cativo da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (Rm 8.19-23). Esta é a Ordem do Novo Mundo de Deus. "Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, aos quais habita justiça" (2Pe 3.13). Amém. Vem, Senhor Jesus!"¹³⁵.

A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, como veremos, é um pouco ampla, mas favorece o amilenismo. Mas a própria CBB tem entendido que esta questão é aberta. Pelo teor dos meus comentários, parece-me que minha posição ficou clara. Mas acho que não fui tão passional. Pelo menos me conforta ver que Hammett faz a seguinte declaração: "Ao

¹³⁵ FLETCHER, George. *O Milênio - O que não é e o que é* Recife: Gráfica Missões Unidas, s/d., p. 76.



outro lado, a interpretação melhor de Apocalipse 20.1-6 é a interpretação pré-milenista. Então, eu sou pré-milenista, pelo menos às vezes¹³⁶. Eu sou amilenista, sempre. Talvez seja um problema: dificilmente um autor na área de Teologia Sistemática fica infenso à disputa. No entanto, respeito as demais posições, crendo que não é matéria de fé e sim de posição, de interpretação.

Mas toda a polêmica sobre o assunto fica em suspenso diante de mais uma excelente observação de Hammett: "Estas são possibilidades, mas por que não temos mais informação sobre o milênio no NT? Há outras doutrinas que aceitamos com um só versículo?"¹³⁷. Para evitar rupturas na Igreja por causa da divergência de interpretações é de bom alvitre acolhermos as palavras de Milne: "O centro da esperança cristã é Cristo e sua gloriosa vinda. Não devemos *já* permitir que as diferentes opiniões sobre o milênio dividam os que estão unidos em sua espera e amor pelo Senhor Jesus Cristo"¹³⁸.

6. Implicações teológicas, filosóficas e sociológicas da escatologia cristã - As implicações maiores que podemos alistar aqui são:

- (1) Cremos que a atual ordem é passageira e será substituída, não por outra ordem humana, mas pela ordem de Deus.
- (2) Ao mesmo tempo, esta crença não deve ser um estímulo para o alheamento, mas deve ser um estímulo para um envolvimento na sociedade para que a influência cristã, reconhecendo nós a corrupção deste mundo, melhore o quanto possível esta ordem.
- (3) Qualquer que seja a corrente escatológica preferida, a questão central permanece: esperamos o retorno de Cristo para a implantação final do seu reino.
- (4) A questão da morte continua como um fantasma sobre toda a raça humana. A Igreja de Cristo tem a melhor explicação, pela sua cosmovisão, sobre o assunto. Não pode ela omitir-se do seu testemunho ao mundo.
- (5) A obra de Cristo anuncia a derrota final de Satanás, a superação da morte e anuncia ao fiel a certeza de uma vida com ele depois desta vida. O fiel tem a certeza de uma morada de descanso com o Senhor. Esta é a nossa grande esperança.
- (6) A Igreja não é um projeto que pode ou não dar certo, mas é um projeto com certeza de vitória. Só existe uma possibilidade para o desfecho da luta que se trava há milênios neste mundo e nas esferas espirituais: a vitória final de Jesus Cristo. A Igreja não trabalha com possibilidades de derrota ou de empate, mas é vocacionada para a vitória.
- (7) A obra de evangelização e missões é a tarefa que deve impregnar a mente da Igreja para que todo o mundo saiba sobre seu Salvador. No sermão de abertura do Congresso de Lausanne, Billy Graham concluiu com uma pergunta e resposta: "Por que Lausanne? Para que toda a terra ouça sua voz". A Igreja deve lembrar que toda a terra deve ouvir a voz do Senhor, antes que venha o juízo (Mt

¹³⁶ HAMMETT, op. cit., p. 190.

¹³⁷ HAMMETT, op. cit., p. 190.

¹³⁸ MILNE, op. cit., p. 275.



24.14). Este é o sinal maior da vinda de Jesus: a evangelização mundial para que toda a terra saiba que há um Salvador.

7. *A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira* - Este é último item da Declaração Doutrinária, não considerando ele as interpretações sobre milênio, mas apenas se referindo ao fim da história:

"Deus, no exercício de sua soberania, está conduzindo o mundo e a história a seu termo final (1). Em cumprimento à sua promessa, Jesus Cristo voltará a este mundo, pessoal e visivelmente, em grande poder e glória (2). Os mortos em Cristo serão ressuscitados e os crentes ainda vivos juntamente com eles serão transformados, arrebatados e se unirão ao Senhor (3). Os mortos em Cristo também serão ressuscitados (4). Conquanto os crentes já estejam justificados pela fé, todos os homens comparecerão perante o tribunal de Jesus Cristo para serem julgados, cada um segundo suas obras, pois através destas é que se manifestam os frutos da fé ou os da incredulidade (5). Os ímpios condenados e destinados ao inferno, lá sofrerão o castigo eterno, separados de Deus (6). Os justos, com os corpos glorificados, receberão seus galardões e habitarão para sempre no céu, com o Senhor (7)".

- (1) Mateus 13.39-40 e 28.20; Atos 3.21; 1Coríntios 15.24-28; Efésios 1.10; 2Pedro 3.10.
- (2) Mateus 16.27, 24.27-31 e 26.64; Marcos 8.38; Lucas 17.24 e 21.17; Atos 1.11; 1Tessalonicenses 4.16; 1Timóteo 6.14-15; 2Timóteo 4.1,8; Tito 2.13; Hebreus 9.28 e Apocalipse 1.7.
- (3) Daniel 12.2-3; João 5.28-29, 6.39-40,44, 11.25-26; Romanos 8.23,; 1Coríntios 15.12-58; Filipenses 3.20-21; Colossenses 3.4 e 1Tessalonicenses 4.14-17.
- (4) Daniel 12.2; João 5.28-29; Atos 24.15; 1Coríntios 15.12-24
- (5) Mateus 13.49-50, 25.14-46; Atos 10.42; 1Coríntios 4.5; 2Coríntios 5.10; 2Timóteo 4.1; Hebreus 9.27; 2Pedro 2.9, 3.7; 1João 4.17; Apocalipse 20.11-15 e 22.11-12.
- (6) Daniel 12.2-3; Mateus 16.27, 18.8-9, 25.41-46; Marcos 9.43-48; Lucas 16.26-31; João 5.28-29; Romanos 6.22-23; 1Coríntios 6.9-10; 1Tessalonicenses 1.9 e Apocalipse 20.11-15.
- (7) Daniel 12.2-3; Mateus 16.27 e 25.31-40; Lucas 14.14 e 16.22-23; João 5.28-29, 14.1-3; Romanos 6.22-23; 1Coríntios 15.42-44 e Apocalipse 22.211-12.

A Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira é razoavelmente genérica, permitindo que adeptos das diversas correntes se situem. Sua aprovação, há poucos anos, deixou um pouco desconfortados alguns pré-milenistas, pois lhes pareceu ser mais amilenista. Mas a posição da CBB é sensata: além de se centrar no essencial, deixando aspectos secundários de lado, ela foi firme em mostrar a expectativa cristã no que é comum a todos. Como a matéria é controvertida, trata-se mais de questão de opção do que, propriamente, de doutrina.



BIBLIOGRAFIA BÁSICA PARA TEOLOGIA SISTEMÁTICA (apresentação simplificada)

1. *Esboço de Teologia Sistemática*, Langston, JUERP
2. *Elementos de Teologia Cristã*, Uretta, JUERP
3. *Introdução à Teologia Sistemática*, Erickson, Vida Nova
4. *Palestras em Teologia Sistemática*, Thiessen, I. Batista Regular
5. *Systematic Theology*, Strong, The Judson Press
6. *Dogmática Cristã*, 2 volumes, Braaten e Jenson (eds.), Sinodal
7. *Systematich Theology*, 2 volumes, Chafer, Victor Books
8. *Teologia Sistemática*, Berkhof, Antorcha de Mexico
9. *La Religion Cristiana en Su Expresion Doctrinal*, Mullins, Casa Bautista de Publicaciones
10. *Conciso Dicionário de Teologia Cristã*, Erickson, JUERP
11. *Manual de Historia de las Doctrinas*, 2 volumes, Seeberg, Casa Bautista de Publicaciones
12. *Doutrinas Centrais da Fé Cristã - Origem e Desenvolvimento*, Kely, Vida Nova
13. *A História das Doutrinas Cristãs*, Berkhof, PES
14. *História da Teologia*, Hägglund, Concórdia
15. *Vocábulo de Deus*, Packer, Fiel
16. *Conheça a Verdade - Um Manual de Doutrina Bíblica*, Milne, ABU
17. *Doctrina Cristiana*, Conner, Casa Bautista de Publicaciones
18. *Las Enseñanzas del Señor Jesús*, Conner, Casa Bautista de Publicaciones
19. *Revelação e Deus*, Conner, JUERP
20. *O Evangelho da Redenção*, Conner, JUERP
21. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, 6 volumes, Champlin e Bentes, Candeia
22. *Dicionário de Teologia*, 5 volumes, Fries (ed.), Edições Loyola
23. *Evidencias Cristianas*, Mullins, Casa Bautista de Publicaciones
24. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, 3 volumes, Elwell (ed.), Vida Nova
25. *Imortalidade*, Shedd e Pieratt (eds.), Vida Nova
26. *Reflexões Sobre o Problema do Mal*, Grelot, Paulinas
27. *O Pecado Ainda Existe?*, Moser, Paulinas
28. *A Solidariedade da Raça*, Shedd, Vida Nova
29. *Doutrina Bíblica do Pecado*, Berkouwer, ASTE
30. *Two Hundred Years of Theology*, Berkouwer, Wm. Eerdmans Publishing Company
31. *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Léon-Dufour (dir.), Vozes
32. *Deus Estava em Cristo*, Baillie, ASTE
33. *Ouçã o Espírito, Ouçã o Homem*, Stott, ABU Editora



BIBLIOGRAFIA BÁSICA PARA ESCATOLOGIA (também em forma simplificada)

1. *A Agonia do Grande Planeta Terra*, Lindsey e Carlson, Mundo Cristão
2. *The Return of Christ*, Berkouwer, W. B. Eerdmans Publishing Company
3. *O Milênio - O Que Não é e o Que é*, Fletcher, Gráfica Missões Unidas
4. *A Vida No Além*, Summers, JUERP
5. *A Vida e Morte - Desafios e Mistérios*, Libânio e Oliveira, Paulinas
6. *Vida Para Além da Morte*, Boff, Vozes
7. *O Que Jesus Ensina Sobre o Fim do Mundo?*, Mussner, Paulinas
8. *Morte e Vida na Bíblia*, Marchadour, Paulinas
9. *A Vida Futura Segundo o Novo Testamento*, Gourgues, Paulinas
10. *Milênio - Significado e Interpretações*, Clouse (ed.), Luz Para o Caminho
11. *O Pré-Milenismo Dispensacionista à Luz do Amilenismo*, Schaly, JUERP
12. *A Bíblia e o Futuro*, Hoekema, Casa Editora Presbiteriana
13. *Escatologia, Final de los Tiempos*, Grau, CLIE
14. *A Escatologia do Novo Testamento*, Shedd, Vida Nova
15. *Israel nos Fins dos Tempos*, Jaffin, Candeia
16. *Morte*, Jüngel, Sinodal
17. *El Alfa y la Omega*, Erb, La Aurora
18. *Esperança e Escatologia*, Lepargneur, Paulinas
19. *A Nova Criação*, Rey, Paulinas
20. *Onde Estão os Mortos?*, Humbard, s/editora
21. *O Alinhamento dos Planetas*, Olson, CPAD
22. *E Depois... Vida ou Nada? - Ensaios Sobre o Além*, Aubert, Paulus
23. *A Segunda Vida - Uma Análise do Pós-Tribulacionismo*, Pereira, Vida Nova
24. *Depois da Morte*, Voke, ABU
25. *Opções Contemporâneas na Escatologia*, Erickson, Vida Nova
26. *A Ascensão de Jesus, Invenção ou Experiência?*, Lohfink, Paulinas
27. *Breve História da Escatologia Cristã*, Schaly, JUERP
28. *Vendré Outra Vez*, Ladd, Ediciones Certeza
29. *La Biblia Sobre la Vida Venidera*, Hendriksen, The Evangelical Literature League



Copyright©2001 by Igreja Batista do Cambuí

Departamento de Comunicações
Igreja Batista do Cambuí
Rua Vieira Bueno, 20 - Cambuí
13024.040 - Campinas-SP
E-mail: ibc@ibcambui.org.br
Homepage: <http://www.ibcambui.org.br>
